

Inteligência Artificial e o Jornalismo

Práticas e formação em Portugal



Colaboração:



OberCom
INVESTIGAÇÃO E SABER EM COMUNICAÇÃO





Título	Inteligência artificial e o jornalismo: Práticas e formação em Portugal
Data	Março de 2026
Coordenação científica	Pedro Caldeira Pais, Miguel Crespo, Ana Pinto-Martinho, Gustavo Cardoso, Vania Baldi
Autoria	Pedro Caldeira Pais, Miguel Crespo, Paulo Couraceiro, Ana Pinto-Martinho, Miguel Paisana, António Vasconcelos, Gustavo Cardoso, Vania Baldi
Citação Recomendada (APA 7 th)	<i>Em referência:</i> Pais, P.C., Crespo, M., Couraceiro, P., Pinto-Martinho, A., Paisana, M., Vasconcelos, A., Cardoso, G., Baldi, V. (2026). <i>Inteligência artificial e o jornalismo: Práticas e formação em Portugal</i> . OberCom – Observatório da Comunicação. https://doi.org/10.5281/zenodo.19134656 <i>Em texto:</i> (Pais et al., 2026)

Colaboração:



Apoio à disseminação:



CC BY 4.0 Creative Commons Attribution 4.0 International. [<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>]. This license requires that reusers give credit to the creator. It allows reusers to distribute, remix, adapt, and build upon the material in any medium or format, even for commercial purposes.



BY: OberCom / [<https://www.obercom.pt/>] Informação editorial: Proprietário: OberCom, Observatório da Comunicação, Palácio Foz, Praça dos Restauradores, 1250-187 Lisboa / Depósito Legal: 196339/03 / ISSN: 2183-3478 / Registo ICS: ERC 123566



Índice

Introdução	7
Sumário Executivo.....	9
Dados do questionário “Inteligência artificial e o jornalismo: Práticas e formação em Portugal	19
1. Caracterização dos jornalistas inquiridos.....	19
2. A formação dos jornalistas e a Inteligência Artificial.....	30
3. Práticas e utilização de IA no jornalismo.....	40
4. Perceções sobre a IA no contexto do Jornalismo.....	60
5. Graus de concordância: afirmações sobre o impacto da IA e o futuro dos jornalistas e do jornalismo em Portugal.....	67
5.1. Afirmações sobre o impacto da IA no trabalho diário dos jornalistas.....	68
5.2. Afirmações sobre a relação dos jornalistas com a IA e perceções sobre o seu impacto prático na profissão.....	70
5.3. Afirmações sobre os profissionais do jornalismo e o seu futuro na relação com o trabalho e o mercado.....	75
6. Pergunta aberta: Formação em Portugal adequada aos desafios da IA?.....	81
6.1. Adequação da formação e opiniões dos jornalistas sobre a relação entre jornalismo e IA.....	83
6.2. No que pode a formação de IA no jornalismo melhorar em Portugal: sugestões de conteúdos.....	93
Considerações finais.....	100



Índice de figuras e Tabelas

Figura 1. Género	19
Figura 2. Faixas etárias	20
Figura 3. Grau de escolaridade completo	21
Figura 4. Área de formação académica.....	22
Figura 5. Tipo de vínculo profissional atual	23
Figura 6. Regime de trabalho	24
Figura 7. Qual o distrito ou região onde se encontra o seu local de trabalho?	25
Figura 8. Qual a abrangência do órgão de comunicação social para o qual trabalha?	26
Figura 9. Em que tipo de meios de comunicação social trabalha?.....	27
Figura 10. Quais as secções ou especialidades nas quais trabalha a maior parte do tempo?.....	28
Figura 11. Há quantos anos exerce a profissão de jornalista?	29
Figura 12. Encontra-se atualmente a estudar ou em algum tipo de formação?.....	30
Figura 13. Nos últimos 5 anos, recebeu formação complementar ligada ao jornalismo?..	31
Figura 14. Tendo respondido que sim, alguma dessa formação esteve de algum modo relacionada com IA?.....	32
Figura 15. Para que fins recebeu formação complementar?	33
Figura 16. Como ou onde aprendeu a utilizar ferramentas de IA para o seu trabalho jornalístico?	34
Figura 17. Onde considera que os jornalistas podem obter de forma mais eficaz as competências de IA?	35
Figura 18. A sua empresa ou redação oferece formação sobre IA?	37
Figura 19. Considera que os seus colegas na redação ou local de trabalho utilizam ferramentas de IA para o trabalho jornalístico?	38
Figura 20. Motivos para os seus colegas na redação ou local de trabalho não utilizarem ferramentas de IA para o trabalho jornalístico.	39
Figura 21. Sente que, ao longo dos últimos 10 anos, a evolução da tecnologia e dos meios de publicação veio modificar a sua forma de fazer jornalismo?	41



Figura 22. Nos últimos seis meses usou ferramentas de IA Generativa no seu trabalho como jornalista?.....	42
Figura 23. Tendo respondido que utilizou IA Generativa nos últimos 6 meses, para que fins o fez?	43
Figura 24. Com que frequência utiliza ferramentas de IA no seu trabalho?	45
Figura 25. Ferramentas de IA mais usadas no trabalho jornalístico?.....	46
Figura 26. Qual a principal ferramenta de IA que usa no seu trabalho?	48
Figura 27. No uso de plataformas de chatbot, como o ChatGPT, como considera que utiliza os prompts?.....	49
Figura 28. As ferramentas de IA aumentam ou diminuem a sua produtividade como jornalista?.....	51
Figura 29. Há ferramentas de IA que gostava de utilizar, mas não utiliza?	52
Figura 30. Considera que a sua empresa lhe dá acesso a todos os recursos de ferramentas de IA de que necessita, incluindo serviços pagos?	54
Figura 31. Considera que no futuro irá utilizar mais ferramentas de IA no seu trabalho como jornalista?.....	55
Figura 32. Tendo respondido que sim, o que o levaria a usar mais as ferramentas de IA?	56
Figura 33. Para que fins é que gostaria de receber formação sobre IA?	57
Figura 34. Qual é o sentimento em relação à crescente integração da IA no jornalismo? ..	60
Figura 35. Acredita que a utilização da IA pode afetar a confiança do público no jornalismo?.....	61
Figura 36. Em que tarefas específicas considera que a IA pode SUBSTITUIR na totalidade o trabalho dos jornalistas a médio e longo prazo?.....	63
Figura 37. Qual o principal risco ético relacionado com a utilização da IA no jornalismo? ..	64
Figura 38. Que hipótese considera mais provável no que respeita à contínua utilização de IA no jornalismo?.....	66
Tabela 1. Afirmções sobre o auxílio da IA em tarefas diárias jornalísticas.....	69
Tabela 2. Perceções sobre o impacto da IA na profissão do jornalismo e nos jornalistas. ..	71
Tabela 3. Afirmções sobre dimensões éticas no jornalismo e IA.....	73
Tabela 4. A relação futura dos jornalistas com o trabalho	75
Tabela 5. Independência financeira e precariedade no jornalismo.....	76
Tabela 6. A futura relação dos jornalistas com o mercado e as empresas.....	78



Tabela 7. A relação com outros jornalistas e associações que os representam	79
Tabela 8. A legitimidade da atividade jornalística	80
Tabela 9. A educação universitária para a prática do jornalismo	81
Figura 39. Adequação da formação de IA no jornalismo em Portugal na perceção dos jornalistas	83
Figura 40. Críticas ao tipo de cursos que envolvem IA e outras considerações dos jornalistas sobre a questão.....	85
Figura 41. Em que aspetos e áreas pode a formação de IA no jornalismo melhorar em Portugal	94

Introdução



Introdução

O OberCom – Observatório da Comunicação, em colaboração com o CENJOR e o apoio à disseminação do Sindicato dos Jornalistas realizou por via de inquérito uma investigação sobre as práticas e a formação dos jornalistas em Portugal no âmbito da Inteligência Artificial (IA).

O questionário online “Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal” foi dirigido a todos os jornalistas a trabalhar no país e procurou perceber como os jornalistas percecionam a integração de ferramentas de IA nas práticas jornalísticas e nas redações em Portugal; o que tem sido feito em termos de formação neste âmbito, bem como o que falta; identificar as ferramentas que usam ou poderiam usar; e identificar o impacto da IA no jornalismo.

No total, o questionário “Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal” foi preenchido por 203 respondentes validados, sendo que 177 o completaram. Por esta razão, ao longo da análise o número da amostra (n) poderá diferir entre perguntas.

Com a descrição e a análise destes dados, pretende-se apresentar às instituições de ensino e formação e às empresas de comunicação social informação detalhada e relevante sobre a matéria, possibilitando a identificação de novos aspetos e perspetivas a ter em conta no presente e no futuro da formação em jornalismo no âmbito da IA. É ainda importante referir que este inquérito dialoga com outro publicado em 2019, e que se prendeu, de modo mais amplo, sobre as práticas e formações jornalísticas em Portugal. Assim, para além de procurar mapear a questão da IA no jornalismo, o novo questionário pode em parte servir como uma atualização sobre o tipo de práticas e de formação (nomeadamente complementar) existentes em Portugal – aspetos comparativos que, quando considerado pertinente, são identificados.

Sumário Executivo



Sumário Executivo

Sobre o questionário:

O questionário online “Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal”, que esteve aberto para respostas entre 2 de dezembro de 2025 e 6 de fevereiro de 2026, dirigiu-se a todos os jornalistas a trabalhar no país e procurou perceber como os jornalistas percecionam a integração de ferramentas de IA nas práticas jornalísticas e nas redações em Portugal, o que tem sido feito em termos de formação, identificar as ferramentas que usam ou poderiam usar, e identificar o impacto da IA no jornalismo, tanto no trabalho diário como no futuro da profissão e da indústria.

Capítulo 1. Caracterização dos inquiridos

- 59,1% dos jornalistas do inquérito são do género feminino e 40,9% são do género masculino;
- Em termos de vínculo profissional, 61,6% têm atualmente um contrato sem termo e 13,3% trabalham como freelancers, seguido de colaboração com avença (7,9%);
- Um terço dos jornalistas inquiridos diz trabalhar sempre presencialmente (o que inclui deslocações de trabalho, como no caso de repórteres), sendo o regime de trabalho mais comum, seguido de um regime misto (com trabalho presencial e remoto equilibrados);
- Dos jornalistas inquiridos, quase um terço refere exercer esta profissão há mais de 30 anos, sendo que 28,1% referem fazê-lo entre 21 a 30 anos.



Capítulo 2. A formação dos jornalistas e a IA

- A grande maioria dos jornalistas não se encontra atualmente a estudar ou em algum tipo de formação, com cerca de 10% a frequentarem o ensino superior, 6,4% em formação ligada a jornalismo e 4,5% em formação técnica ou tecnológica (figura 12);
- A maioria (57,4%) refere que nos últimos 5 anos recebeu algum tipo de formação complementar ligada ao jornalismo (figura 13), sendo que, destes, mais de um terço obtiveram formação especificamente sobre IA e utilização deste tipo de ferramentas, valor revelador da necessidade dos profissionais em se inteirarem, através de formação, acerca destas ferramentas (figura 14);
- Ainda dos que obtiveram formação complementar nos últimos 5 anos, a IA revela-se central, com formação no que respeita à utilização de *chatbots* como o ChatGPT (35,3%) e outras competências mais específicas, como o uso de ferramentas de IA para transcrição de áudio ou vídeo (31%). De resto, questões técnicas ligadas ao digital são as mais selecionadas, ligadas a suportes digitais (37,1%) e especificamente ao jornalismo digital (32,8%) (figura 15);
- Ao serem questionados como ou onde aprenderam a utilizar ferramentas de IA especificamente para o trabalho no jornalismo (figura 16), a grande maioria (70,8%) refere ter sido de forma autodidata, com 22,8% a referirem ter sido através de *workshops* / centros de formação, e 19,3% no âmbito da sua empresa. Em parte, estes resultados apontam para uma aparente falta de estruturação de cursos e iniciativas de ensino no âmbito da IA em Portugal;
- Contudo, apesar da tendência autodidata ser a mais comum para o adquirir de competências de IA, são menos aqueles que consideram que a autoaprendizagem é um modo eficaz de adquirir este tipo de competências (ver figura 17), optando-se antes por instituições de ensino, em particular centros de formação, que poderão dispor de cursos de curta duração. Assim, parece existir a perceção por parte dos jornalistas de que o ensino institucional é o mais eficaz neste âmbito;



- Quanto a se a empresa de comunicação social ou redação em que trabalha oferece algum tipo de formação sobre IA (figura 18), mais de metade dos jornalistas (56,4%) responderam que não;
- Questionados sobre os hábitos dos colegas no seu local de trabalho (figura 19), praticamente metade dos inquiridos diz que estes utilizam ferramentas de IA para o trabalho no jornalismo algumas vezes, e cerca de um quarto referem que costumam utilizar frequentemente. Estes valores vêm indicar a atual tendência para a apropriação e utilização mais comum, da generalidade dos profissionais para, de algum modo, usar IA no trabalho jornalístico.

Capítulo 3. Práticas e utilização de IA no jornalismo

- Cerca de 7 em cada 10 jornalistas utilizaram ferramentas de IA Generativa (e.g., ChatGPT) nos últimos seis meses (figura 22). Tal aponta novamente para uma forte apropriação deste tipo de tecnologia por parte dos jornalistas e das redações em Portugal e, por conseguinte, a uma adaptação prática;
- Destes inquiridos que responderam ter usado IA nos últimos seis meses no âmbito do seu trabalho, 8 em cada 10 jornalistas referiram usá-la para pesquisa, e mais de metade refere ter sido para traduções (57,8%) e transcrições, nomeadamente de entrevistas (53,3%). Tais dados demonstram a tendência para esta tecnologia ser usada de modo complementar ao trabalho do jornalista, destacando-se tarefas como traduções e transcrições de entrevistas, que poderão ser vistas como funções que permitem ao jornalista «ganhar tempo» e possibilitar-lhe um maior foco na interpretação e escrita de conteúdo jornalístico;



- Quanto à frequência de utilização de ferramentas de IA no seu trabalho (figura 24), cerca de um terço dos inquiridos refere que as utilizam diariamente, e 28,9% a ritmo semanal, dados que apontam para uma frequência assinalável no uso desta tecnologia e, uma vez mais, para a apropriação nas redações deste tipo de tecnologia no contexto do trabalho;
- Como demonstra a figura 25, a plataforma mais utilizada pelos jornalistas é o ChatGPT, com cerca de dois terços das respostas (66,3%), destacando-se das demais. De seguida, nas mais usadas surgem o Gemini (35,3%), o Copilot (27,4%) e o Perplexity (22,1%). A predominância deste tipo de plataformas de IA Generativa aponta para a utilidade que os jornalistas percecionam neste tipo de ferramentas mais amplas, que possibilitam um maior número de tarefas, desde pesquisa a processamento de dados;
- Como visível na figura 27, no que diz respeito à utilização eficaz de *prompts* (indicações para IA Generativa), existe, da parte dos próprios jornalistas, a confissão de as usarem com pouca precisão ou, pelo menos, a ideia de que o poderiam fazer de modo mais eficaz. Neste sentido, formação e ensino neste âmbito pode ser algo a ter em conta aquando da discussão sobre uma melhoria das capacidades dos jornalistas no contexto da utilização de ferramentas de IA;
- Quando questionados sobre se as ferramentas de IA aumentam ou diminuem a sua produtividade como jornalista (figura 28), mais de 7 em cada 10 jornalistas referem que aumenta, com apenas 3,2% a referirem que diminuem. Tal aponta, portanto, para uma perceção positiva sobre o impacto que este tipo de tecnologia poderá ter no dia-a-dia dos profissionais;
- Já a não utilização de ferramentas que os jornalistas consideram que os iriam beneficiar (ver figura 29) parece prender-se, por um lado, à pouca disponibilização de recursos aos profissionais por parte das empresas de media, e, por outro, a uma aparente lacuna de formação, em que a referida «falta de tempo» por parte dos profissionais deve promover a constituição de cursos / *workshops* mais curtos;



- Como visível na figura 30, 55,3% dos jornalistas referem que a sua empresa não lhes dá acesso às ferramentas, inclusivamente de serviços pagos, a contrastar com 15,8% que referem que lhes dão tais recursos. Estes dados chamam a atenção de que pode revelar-se pertinente para cada empresa de media identificar as necessidades dos seus jornalistas, percebendo até que ponto poderá disponibilizar mais recursos de IA.
- Como é possível verificar pela figura 32, 85,9% dos inquiridos revela que ter mais formação ou aumentar as suas competências na área far-lhes-ia usar mais ferramentas, o que vem valorizar a questão de existir mais formação neste âmbito.
- Foi por fim questionado para que fins gostariam de receber mais formação (figura 33), com 67,4% a referirem que gostariam de receber formação para o uso de ferramentas específicas para a prática jornalística, e 59,5% referem que gostariam de ter formação que os ajudasse a serem mais eficazes na verificação de factos e deteção de notícias falsas, no âmbito da IA, o que se liga à perceção dos jornalistas de usar esta tecnologia também para verificabilidade informativa (ver Figura 23);
- Assim, verifica-se um desejo geral dos jornalistas em melhorar questões práticas, ligadas à sua literacia funcional, através de formação, ou seja, em obter mais competências no uso técnico e específico das várias ferramentas e plataformas com o fim de as utilizar para o seu trabalho a vários níveis, seja para tarefas como a transcrição de entrevistas ou revisão de conteúdo, a obtenção de resultados e de informação mais eficaz (através de prompts mais precisos), ou mesmo o seu auxílio tendo em conta bases de dados alargadas.



Capítulo 4. Percepções sobre a IA no contexto do jornalismo

- Quando questionados sobre o sentimento mais forte em relação à crescente integração da IA no jornalismo, (figura 34) os dados apontam para uma maior incidência de sentimentos negativos, com mais de um terço a revelarem-se com incerteza e 25% a dizerem-se com receio;
- Sobre a possível influência que a IA poderá ter na confiança do público em relação ao jornalismo a percepção é de que a confiança do público é grandemente afetada: 46,2% dizem mesmo que de forma significativa;
- Sobre se considera que a IA pode vir a substituir o jornalista em algumas tarefas, a maioria considera que a substituição, a ocorrer, terá lugar mais a um nível técnico (e.g., transcrições, traduções), e não tanto interpretativo ou crítico. Já 41,8% apostam na complementaridade por parte da tecnologia, existindo supervisão humana, ou seja, não é percebida aqui uma substituição integral, mas antes uma relação de apoio em que o humano é aquele que possui o domínio da gestão em todas as tarefas;
- Quando questionados sobre qual o maior risco ético relacionado com a utilização de IA no jornalismo, cerca de um terço refere ser a criação de desinformação e, em particular, dos denominados *deepfakes*, e 22,3% dos inquiridos defende que é a desvalorização das competências jornalísticas tradicionais;
- Como visível na figura 38, 38% dos jornalistas referem acreditar que os jornalistas irão ficar demasiado dependentes da IA, perdendo capacidades tradicionais e básicas, 28,3% referem que esta tecnologia irá provavelmente ajudar o jornalista a libertar-se de trabalhos mais técnicos, focando-se em competências humanas, e 31% defendem que tal depende das pessoas e do contexto, preferindo outorgar a cada jornalista a capacidade de equilibrar a relação entre o seu trabalho e a IA. Estes dados demonstram a tendência para uma certa divisão de opiniões, embora se inclinem mais para um receio de dependência deste tipo de tecnologia.



Capítulo 5. Graus de concordância sobre IA e o jornalismo

- A grande maioria dos jornalistas concordam de algum modo com a ideia de que a IA veio, no geral, ajudar o trabalho dos jornalistas;
- É também observável a percepção de apoio em tarefas mais técnicas, como o caso de transcrições e traduções (tabela 1);
- Já a tabela 2 vem confirmar receios sobre a demasiada dependência dos jornalistas relativamente a esta tecnologia no futuro, enquanto valorizam a complementaridade e supervisão humana. Por outro lado, a maioria considera que a IA estará cada vez mais integrada nas redações;
- A maioria dos inquiridos concorda também de alguma forma que os públicos devem ser sempre informados quando uma ferramenta de IA é utilizada na produção de uma notícia (tabela 3), abrindo assim espaço para uma maior transparência com o público no que respeita à IA no jornalismo;
- Como visível na tabela 4, a percepção dos inquiridos sobre a sua relação com o trabalho não se revela a mais positiva, parecendo existir preocupações quanto à pressão e ao stress da profissão – e, por conseguinte, a uma menor compensação em termos pessoais –, bem como no que respeita a uma ubiquidade do trabalho na vida do jornalista, em que se incluem dimensões como as redes sociais e trabalho promocional da sua atividade;
- Já de acordo com a tabela 5, subsistem receios do aumento da precariedade na profissão e diminuição da remuneração, bem como uma preocupação relevante por parte dos inquiridos de que jornalistas terão de recorrer a outro tipo de trabalhos fora do jornalismo, o que se liga à questão da precariedade;
- Já os dados da tabela 9 apontam para a percepção de uma importância relativa da formação na universidade, parecendo ser também muito valorizada formação extra, potencialmente contínua ou complementar, bem como a experiência que o profissional vai adquirindo.



Capítulo 6. Pergunta aberta – Formação de IA adequada em Portugal?

Críticas e sugestões de melhorias:

- A maioria dos inquiridos refere que a formação de IA no jornalismo em Portugal é de algum modo inadequada (figura 39);
- Quanto à perceção que têm dos conteúdos em si (figura 40), destaca-se a consideração de que a formação deve transmitir mais noções éticas e deontológicas, de modo a melhor enquadrar os próprios usos e consequências dos mesmos dentro do jornalismo; e a perceção de que os cursos são tendencialmente demasiado teóricos e pouco ligados à realidade do dia, sendo que um dos inquiridos sugere que os formadores devem ser mais jornalistas no ativo, que melhor conhecem o terreno, e poderão ajudar a aplicar de modo eficaz as ferramentas de IA;
- Quanto a outras razões para considerarem a formação inadequada, destaca-se a perceção de que Portugal – tanto na formação como nos recursos das empresas de media – se encontra atrasado relativamente a outros países, bem como a pouca acessibilidade dos cursos, seja por serem muito caros (sugerindo-se que as empresas poderiam outorgar cursos gratuitos), seja por descurem meios e empresas pequenas, nomeadamente do interior do país (formação presencial cingida a grandes centros urbanos). Já a ideia de que muitos cursos são demasiado longos sugere também que se considere a existência de cursos mais curtos e intensivos;
- Pode ainda destacar-se a perceção de que existe pouca oferta de cursos de IA no contexto universitário e de empresas (aqui, referindo-se a cursos complementares), para além da perceção significativa de que falta conhecimento geral de IA (e.g., potencialidades, impactos na sociedade e no jornalismo) por parte de uma parte relevante de jornalistas portugueses;



- Por último, a figura 41 apresenta sugestões dos jornalistas sobre aquilo que pode melhorar nos cursos em termos de conteúdo, com destaque, na parte prática, para uma maior literacia funcional (e.g., uso de ferramentas ligadas a jornalismo), bem como a uma melhoria da eficácia dos *prompts*;
- Já no que respeita a uma parte mais teórica, é de realçar a necessidade de investir em noções éticas, deontológicas e relativas ao viés algorítmico, bem como a mais competências relativamente a verificabilidade informativa, tanto dentro ou por resultado da IA, como com o seu apoio;

Conclusões gerais do relatório:

- Os dados apontam para a perceção dos jornalistas de que a IA veio ajudar na produtividade das redações, mas, ao mesmo tempo, que se verificam incertezas sobre a tecnologia e o seu impacto (presente e futuro), preocupações éticas e deontológicas, bem como a falta de ensino formal neste âmbito;
- Denota-se assim uma tensão entre (i) a apropriação da IA e das suas ferramentas nas redações e (ii) incertezas gerais sobre o impacto desta tecnologia no jornalismo;
- Como tal, parece ser necessária uma formação mais estruturada e contínua neste âmbito, tanto em universidades e outras instituições de ensino e formação como disponibilizadas nas próprias empresas de comunicação social. Neste particular, pode ser interessante a existência de mais parcerias entre empresas de media e instituições de formação e ensino.
- Ao mesmo tempo, segundo a perceção dos jornalistas, poderá, no que respeita aos conteúdos de IA ensinados, ser importante um maior diálogo entre elementos práticos (e.g., uso de ferramentas) e teóricos (e.g., noções éticas e deontológicas).

Dados do questionário “Inteligência artificial e o Jornalismo: Práticas e formação em Portugal



Dados do questionário “Inteligência artificial e o jornalismo: Práticas e formação em Portugal

1. Caracterização dos jornalistas inquiridos

Nesta primeira parte do relatório, é importante caracterizar os jornalistas inquiridos quanto a aspetos como o género, a faixa etária ou os anos em que exerce a profissão, o que permite uma caracterização sucinta da indústria e dos seus profissionais.

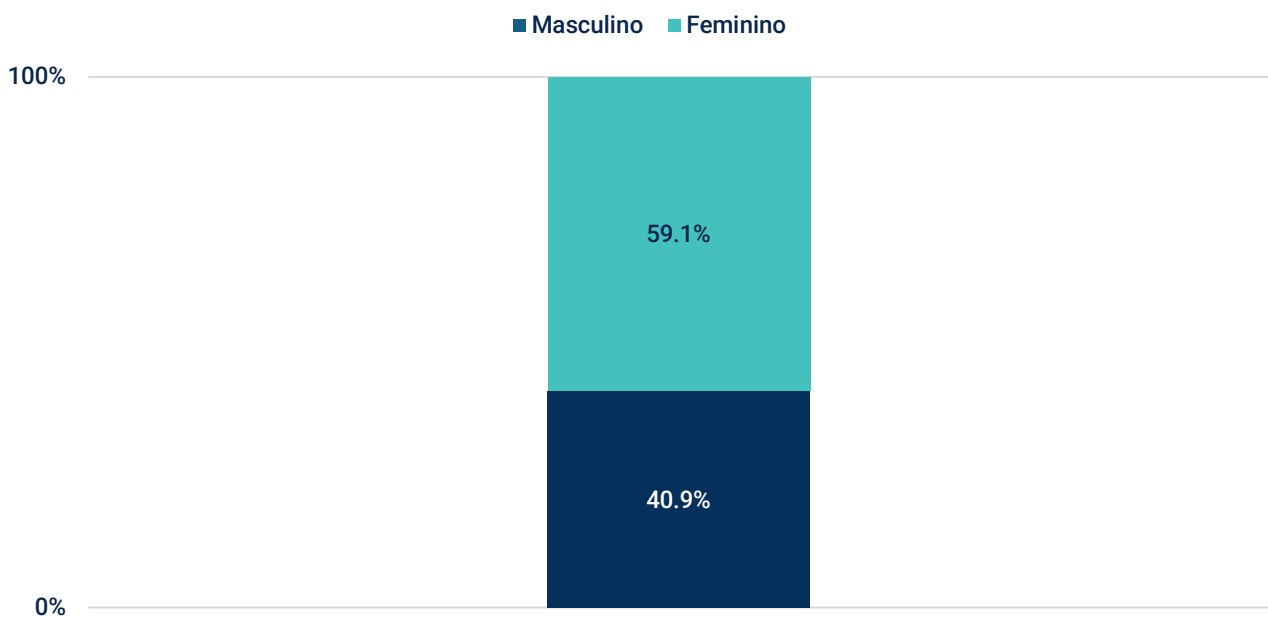


Figura 1. Género

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

Como se verifica pela primeira figura, 59,1% dos jornalistas do inquérito são do género feminino e 40,9% são do género masculino.

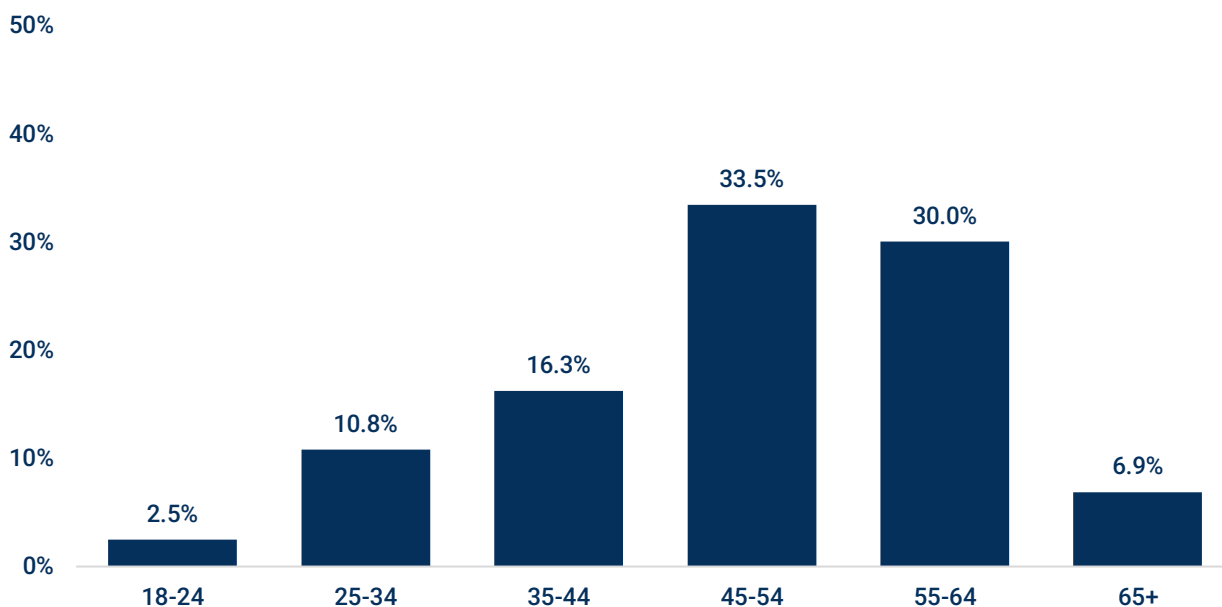


Figura 2. Faixas etárias

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

No que diz respeito à idade, quase dois terços dos jornalistas inquiridos encontram-se na faixa etária mais alargada entre os 45 e os 64 anos. Relativamente aos restantes, 16,3% estão entre os 35-44 anos e 10,8% entre os 25-34 anos; os mais jovens (18-24) perfazem apenas 2,5%, sendo que 6,9% pertencem à faixa etária dos que têm mais de 65 anos e se encontram no ativo.

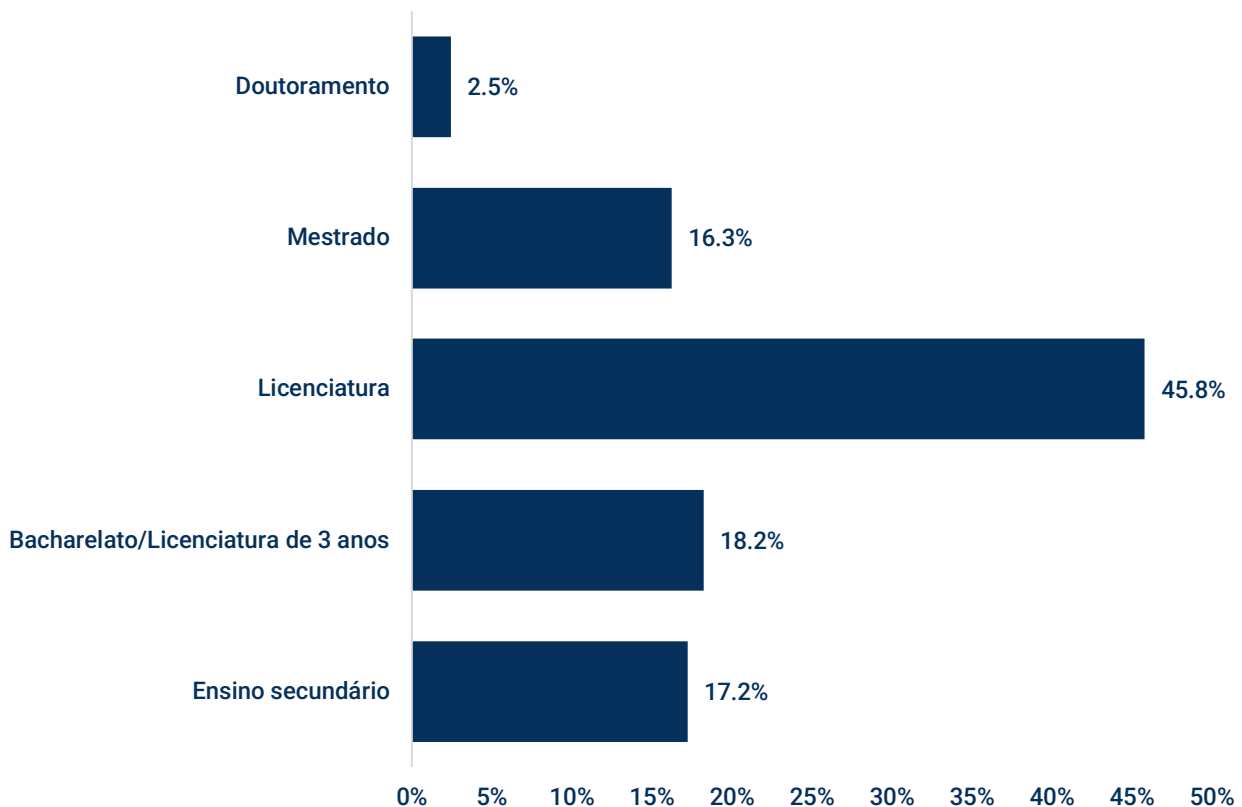


Figura 3. Grau de escolaridade completo

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

No que respeita às habilitações literárias e ao grau mais elevado que detêm, 45,8% dos jornalistas inquiridos referem ter uma licenciatura de 4 a 5 anos, com 18,2% a referirem deter um bacharelato/licenciatura de 3 anos. Há 17,2% que referem ter como grau de escolaridade mais elevado o ensino secundário, 16,3% o mestrado e 2,5% o grau de doutoramento. Estes dados revelam assim alguma heterogeneidade de habilitações literárias no jornalismo em Portugal.

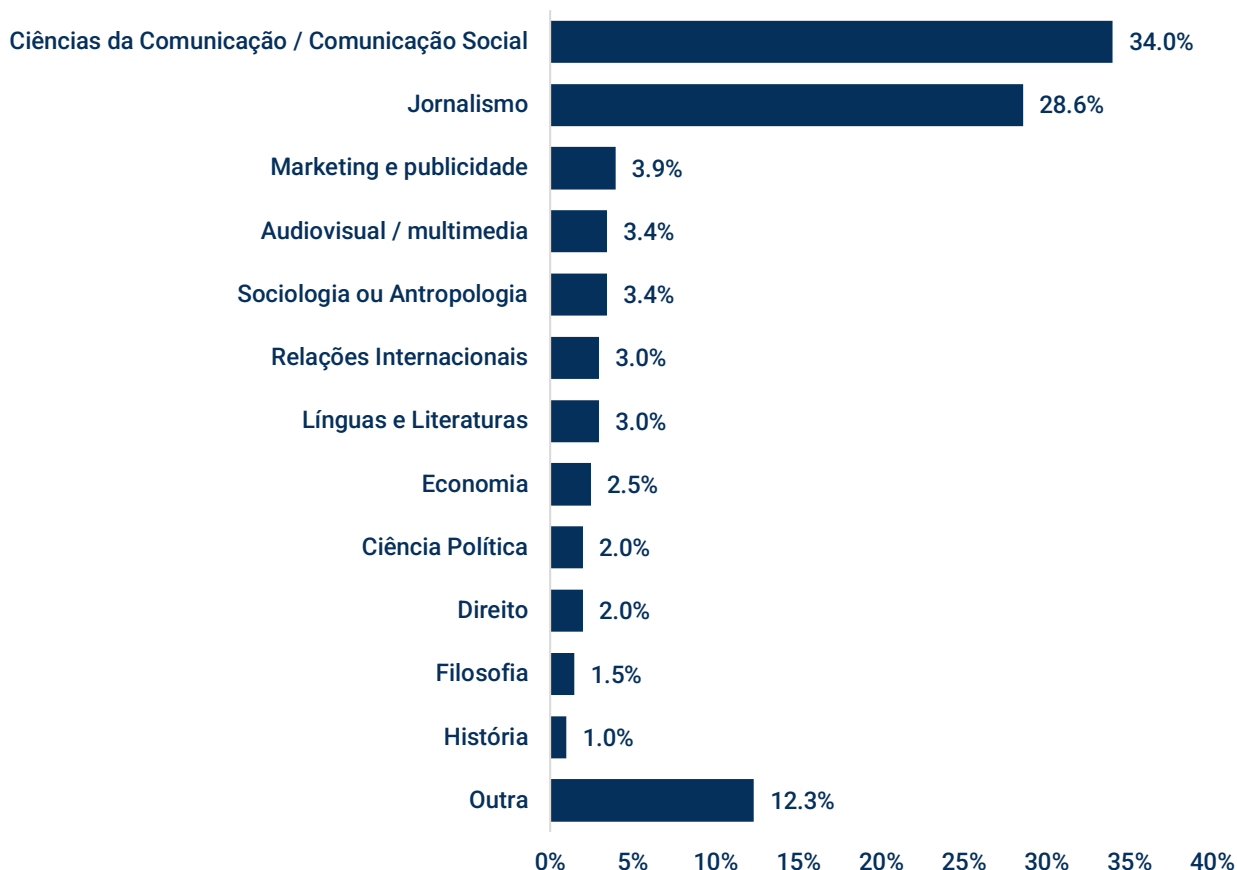


Figura 4. Área de formação académica

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

É possível verificar pela figura acima que a maioria dos jornalistas inquiridos têm como área de formação académica Ciências da Comunicação ou Comunicação Social (34%) e Jornalismo (28,6%). As restantes formações são mais reduzidas, com destaque para marketing e publicidade, com quase 4%.

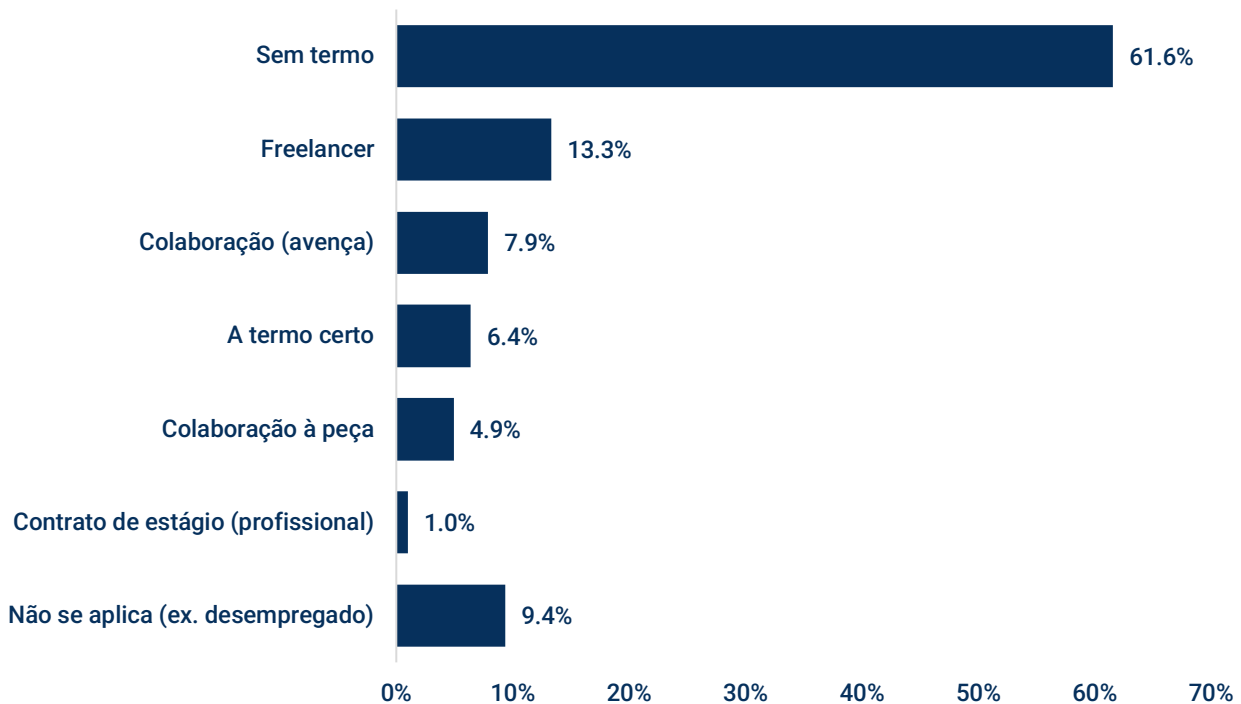


Figura 5. Tipo de vínculo profissional atual

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203 (resposta múltipla)

Em termos de vínculo profissional, 61,6% têm atualmente um contrato sem termo e 13,3% trabalham como freelancers, seguido de colaboração com avença (7,9%). Quase 10% referem não se aplicar, o que pode apontar para situações de desemprego.

Relativamente a 2019, o tipo de vínculos profissionais modificou-se um pouco porque, embora então se verificasse uma percentagem similar de contratos sem termo, eram também mais os jornalistas a trabalhar como freelancer (23,3%) e com contratos a termo certo (12,3%). Por outro lado, as colaborações (à peça ou com avença) mantêm-se similares.

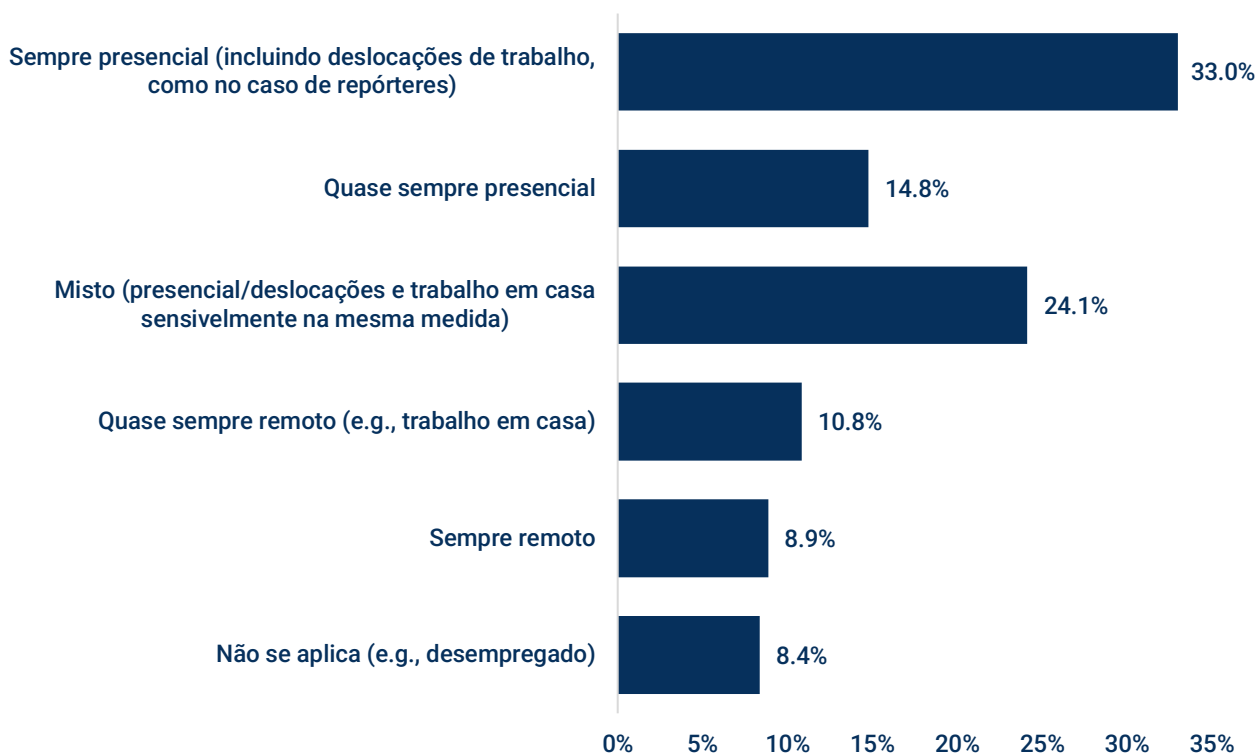


Figura 6. Regime de trabalho

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

Verifica-se que um terço dos jornalistas inquiridos diz trabalhar sempre presencialmente (o que inclui deslocações de trabalho, como no caso de repórteres), sendo o regime de trabalho mais comum, seguido de um regime misto (com trabalho presencial e remoto equilibrados), com 24,1%. Cerca de um quinto dos profissionais refere estar quase sempre ou sempre remoto.

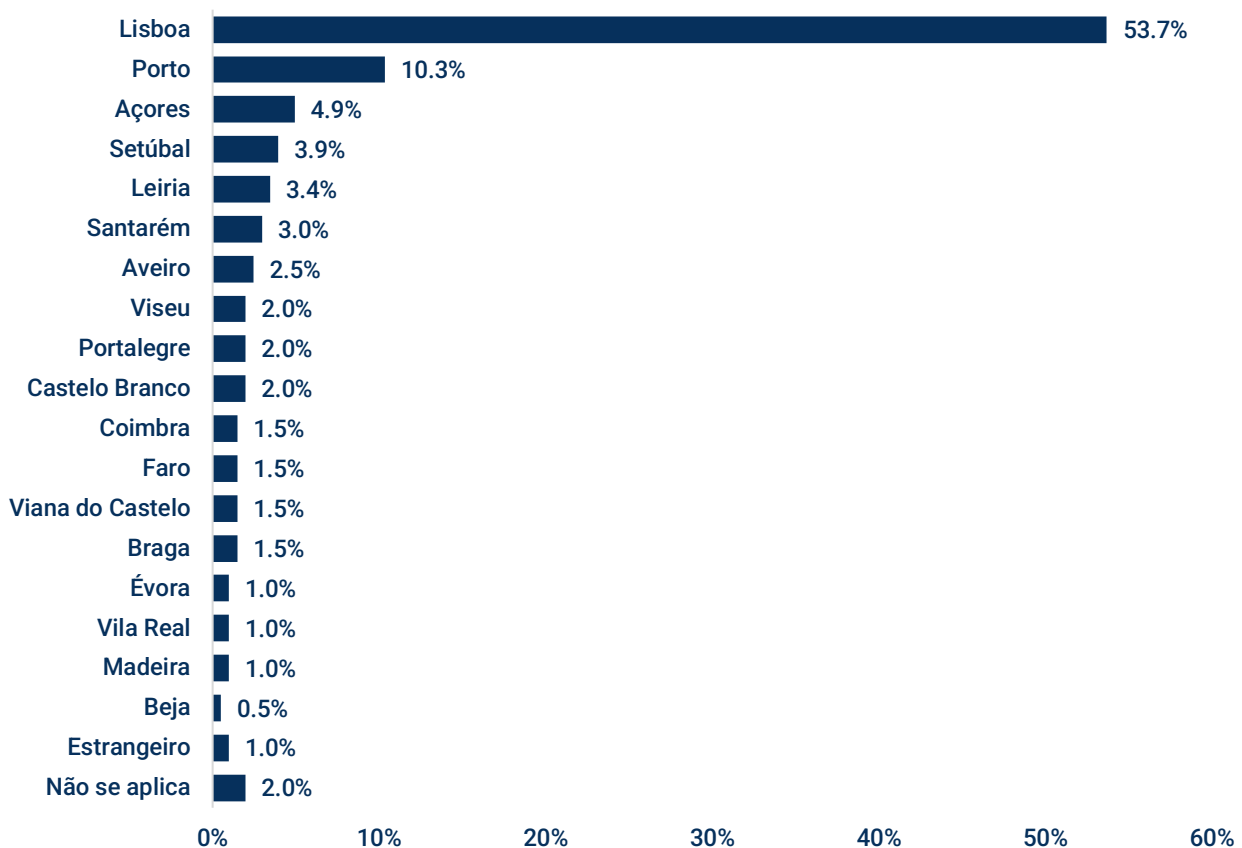


Figura 7. Qual o distrito ou região onde se encontra o seu local de trabalho?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

Quanto ao distrito ou região onde se encontra o local de trabalho dos jornalistas que responderam ao inquérito – mesmo que trabalhem sempre de forma remota –, mais de metade respondeu Lisboa, seguido de Porto, com 10,3%. As restantes regiões encontram-se com níveis mais reduzidos e similares entre si, com destaque para Açores, com 4,9%, o que corresponde a 10 jornalistas.

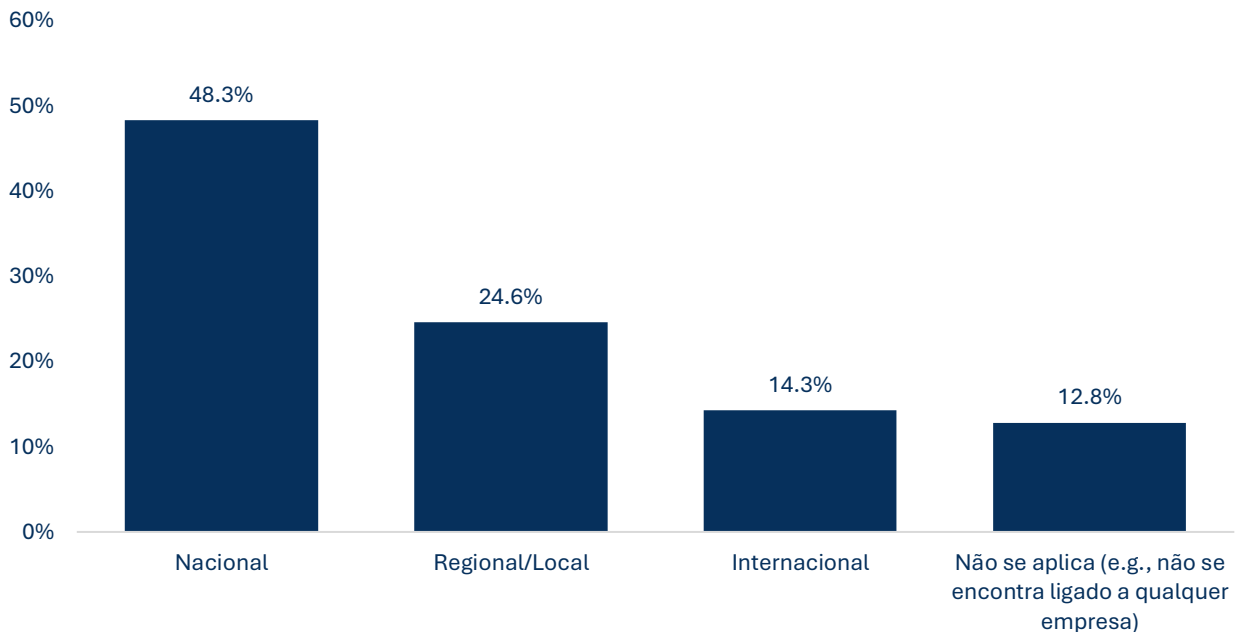


Figura 8. Qual a abrangência do órgão de comunicação social para o qual trabalha?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

Quanto ao tipo de órgão de comunicação social para o qual trabalha, no que diz respeito à sua abrangência, quase metade dos indivíduos responderam ser de cariz nacional, 24,6% referem ser regional ou local, como imprensa ou rádios locais, e 14,3% referem ser de cariz internacional.

Em comparação com o inquérito anterior, destaque, na atualidade, para o maior número de jornalistas que trabalham para órgãos regionais ou locais (era de cerca de 17% em 2019) – o que poderá oferecer um maior equilíbrio e heterogeneidade às opiniões dos jornalistas recolhidas neste inquérito.

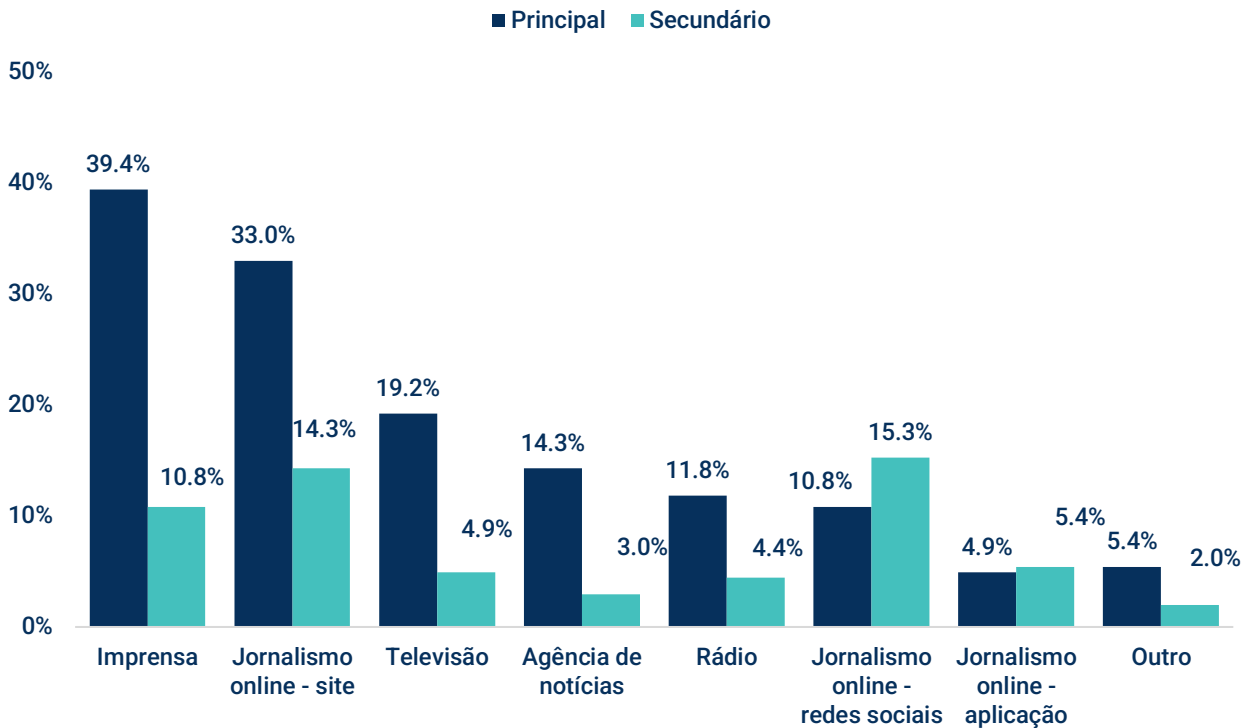


Figura 9. Em que tipo de meios de comunicação social trabalha?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

São mais os inquiridos que têm como atividade primária o trabalho na imprensa (quase metade), seguido do jornalismo online, em site (um terço dos jornalistas), e da televisão (quase um quinto). De referir que, em termos de atividade secundária, o jornalismo online em redes sociais é o mais frequente (15,3%), valor consideravelmente maior do que o verificado no inquérito de 2019 (que era de cerca de 8%), o que pode atestar para a crescente importância das redes sociais no que à produção e espaço de disseminação noticiosa diz respeito.

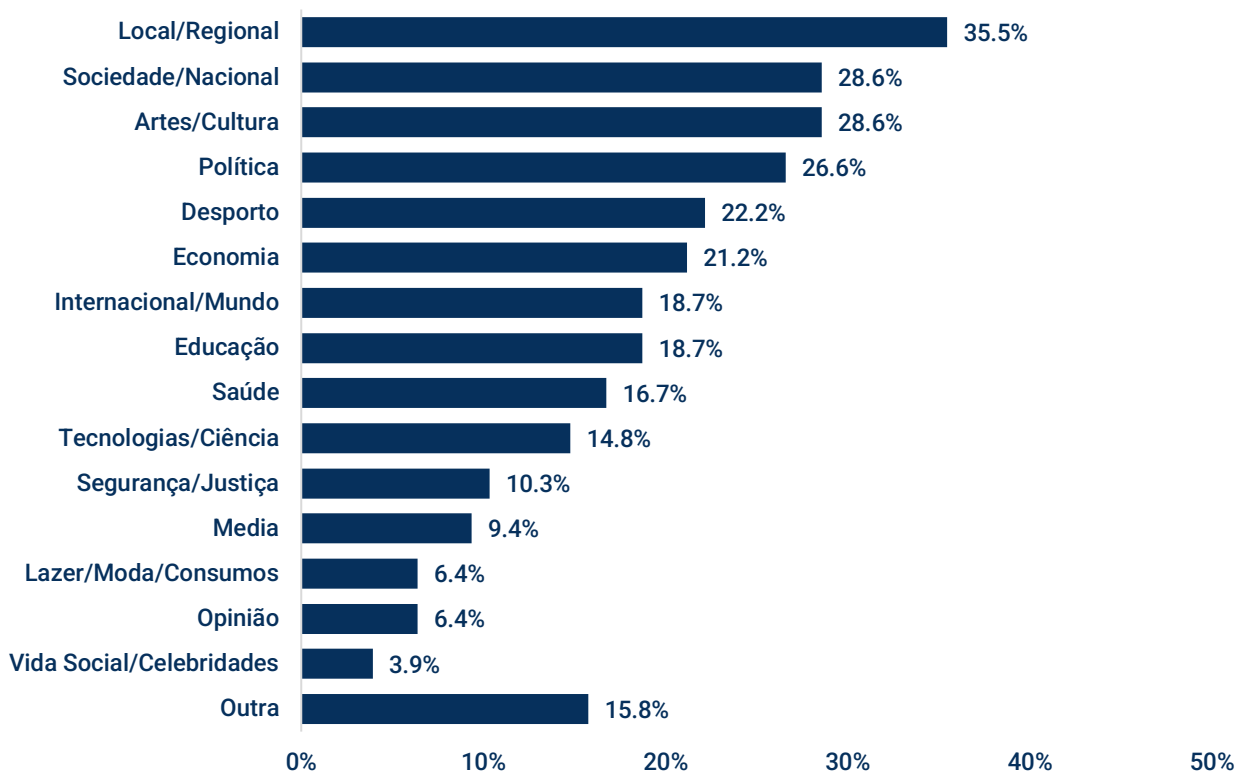


Figura 10. Quais as secções ou especialidades nas quais trabalha a maior parte do tempo?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203 (resposta múltipla)

No que respeita a secções ou especialidades nas quais os inquiridos trabalham, destaque para o âmbito regional/local (35,5%), que novamente atesta para a importância acrescida deste tipo de jornalismo, até em comparação com o inquérito de 2019. Destaque ainda para as categorias Sociedade/Nacional e Artes/Cultura (ambas com 28,6%) e para Política, com 26,6%.

Verifica-se assim uma distribuição relativamente equilibrada por diferentes temáticas, o que aponta novamente para alguma heterogeneidade positiva da amostra.

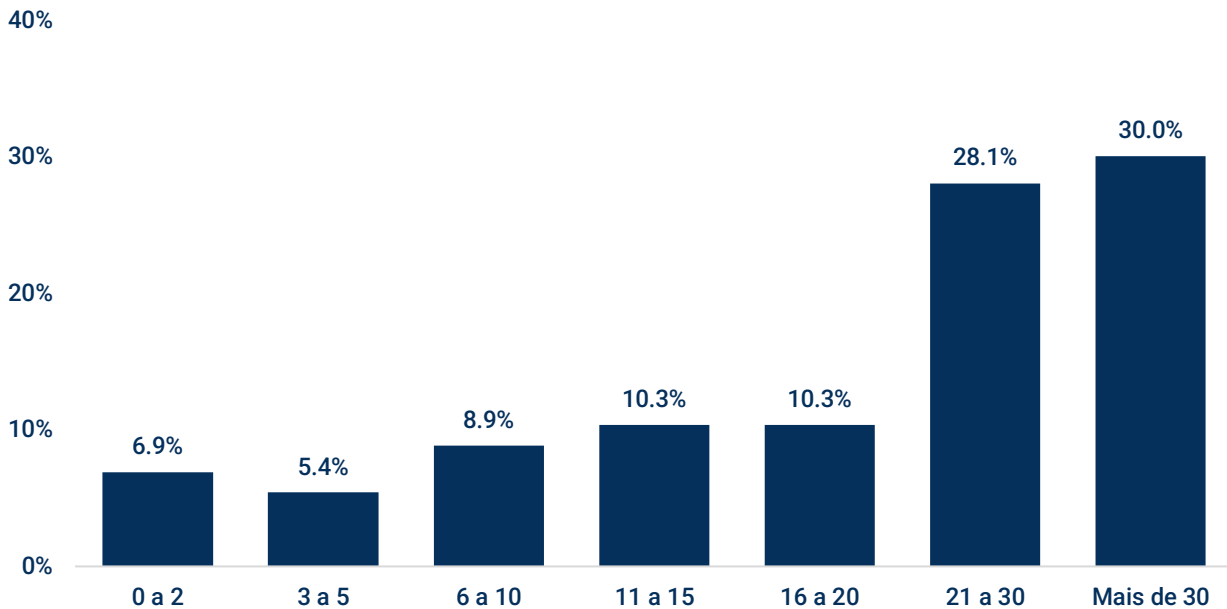


Figura 11. Há quantos anos exerce a profissão de jornalista?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=203

Dos jornalistas inquiridos, quase um terço refere exercer esta profissão há mais de 30 anos, sendo que 28,1% referem fazê-lo entre 21 a 30 anos.

A maior percentagem de jornalistas que exerce a profissão há mais de 11 anos pode promover uma análise particularmente interessante, tendo em conta as próximas perguntas no inquérito sobre formação e práticas no âmbito da IA, já que estes profissionais terão assistido ao surgimento deste tipo de práticas na indústria e no dia-a-dia das redações, podendo compará-las com uma fase anterior em que não se revelavam tão prementes ou não existiam.



2. A formação dos jornalistas e a Inteligência Artificial

Neste capítulo é introduzida a questão da formação dos jornalistas, nomeadamente formação complementar (cursos de curta duração, *workshops*) e no âmbito da IA.

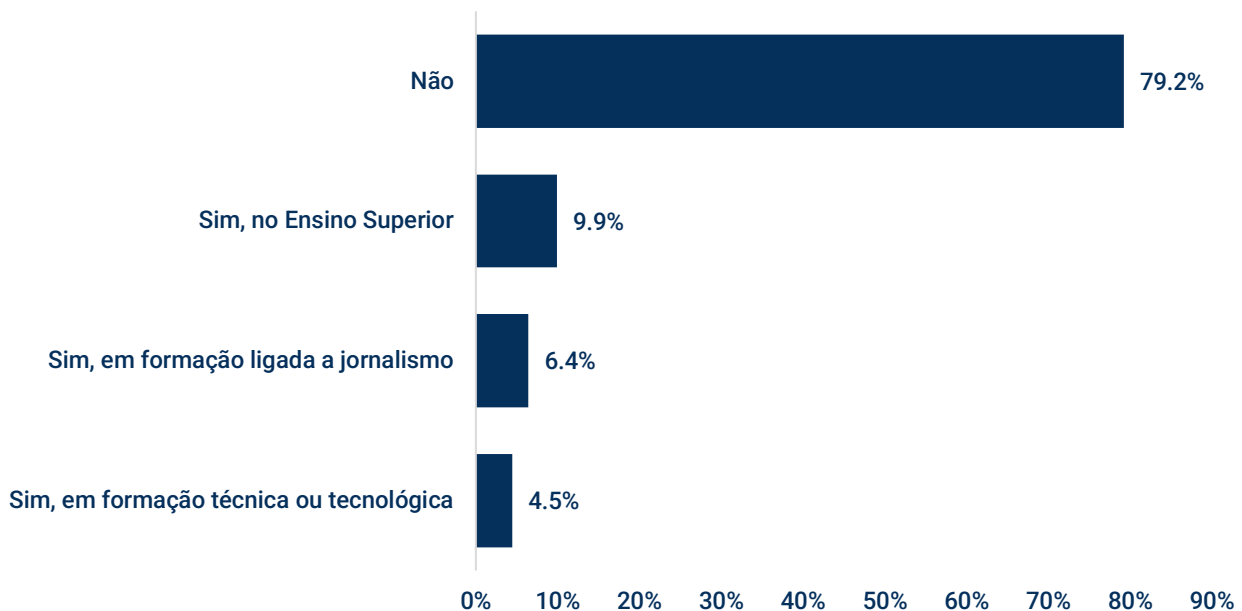


Figura 12. Encontra-se atualmente a estudar ou em algum tipo de formação?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=202

Como é possível verificar, a grande maioria dos jornalistas (quase 80%) não se encontra atualmente a estudar ou em formação, com cerca de 10% a frequentarem o ensino superior, 6,4% em formação ligada a jornalismo e 4,5% em formação técnica ou tecnológica. Relativamente ao inquérito de 2019, os dados permanecem praticamente iguais.

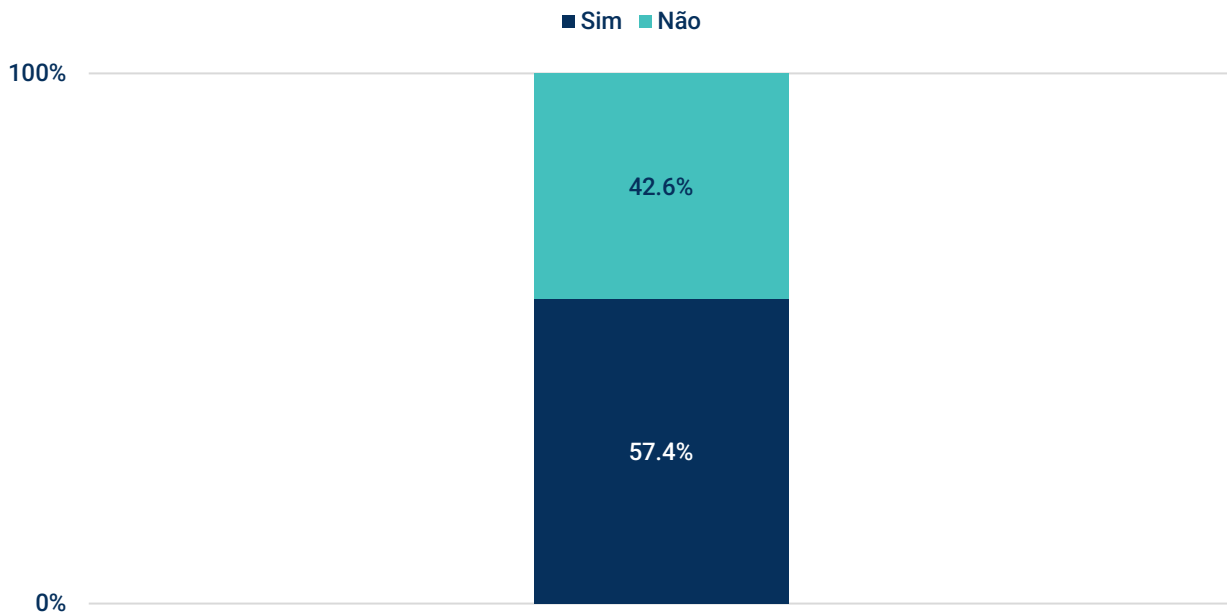


Figura 13. Nos últimos 5 anos, recebeu formação complementar ligada ao jornalismo?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=202

À pergunta **se nos últimos 5 anos recebeu algum tipo de formação complementar ligada ao jornalismo, a maioria (57,4%) diz tê-lo feito**, sendo um número significativo. Novamente comparando com 2019, é interessante notar como a percentagem permaneceu uma vez mais bastante similar, o que aponta para uma **tendência constante por parte destes profissionais em procurar algum tipo de complementaridade** através da formação.

Tendo em conta os que responderam afirmativamente, a próxima figura explora se a IA fez parte deste tipo de formação complementar.

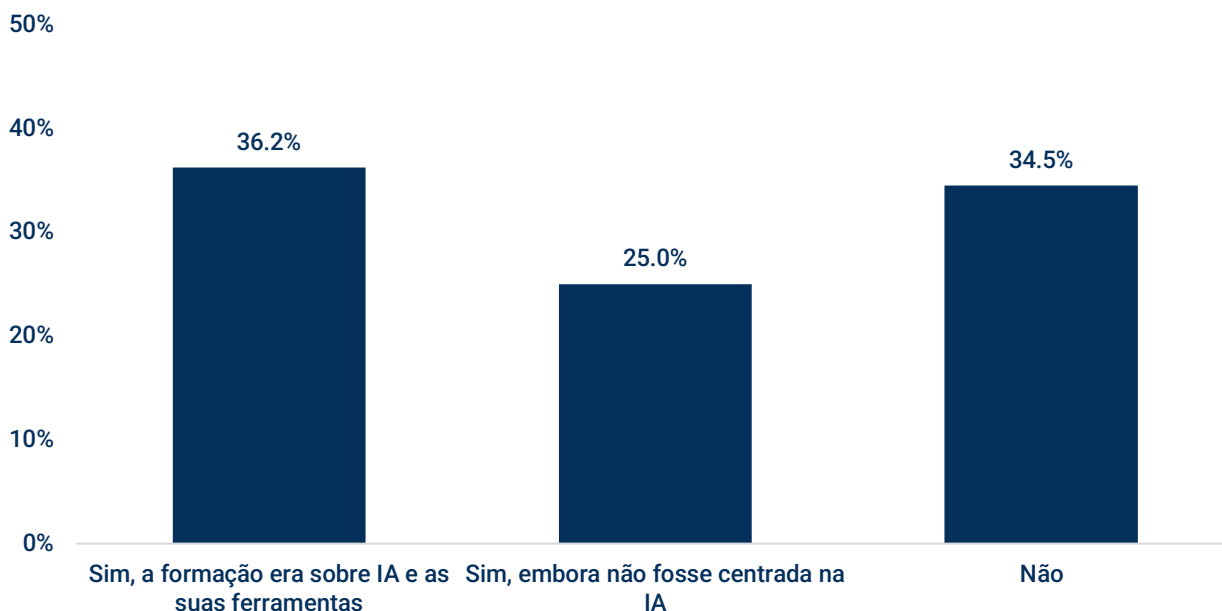


Figura 14. Tendo respondido que sim, alguma dessa formação esteve de algum modo relacionada com IA?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 116 (os que responderam ter recebido formação complementar nos últimos 5 anos)

Mais de um terço deste tipo de formação foi especificamente sobre IA e utilização deste tipo de ferramentas, valor significativo e revelador da necessidade dos profissionais em se inteirarem, através de formação, destas ferramentas. Para além disso, 25% dos inquiridos revela que, embora a formação não se tenha centrado especificamente na IA, esta esteve presente. Já 34,5% dos jornalistas que responderam ter recebido formação complementar no âmbito do jornalismo nos últimos 5 anos refere que a mesma não se prendeu com IA.

Ainda dentro dos que responderam ter obtido algum tipo de formação complementar (com ou sem IA), a próxima figura apresenta quais os tipos de competências trabalhadas nessas formações.



Figura 15. Para que fins recebeu formação complementar?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 116 (os que responderam ter recebido formação complementar nos últimos 5 anos)

Como é possível verificar, competências no âmbito da IA encontram-se dentro do lote de hipóteses mais escolhidas, com **formação no que respeita à utilização de chatbots como o ChatGPT (35,3%) e outras competências mais específicas**, como o uso de ferramentas de IA para transcrição de áudio ou vídeo (31%). De resto, questões técnicas ligadas ao digital são as mais selecionadas, ligadas a suportes digitais (37,1%) e especificamente ao jornalismo digital (32,8%).



Como também verificado no inquérito de 2019, **a formação continua muito centrada em aspetos ligados a processos técnicos, tecnológicos e digitais, sendo que agora é acrescentada a questão da IA.** Como vimos, esta orientação formativa revela-se premente, tal como no questionário anterior, pois revela a necessidade dos jornalistas acompanharem a evolução de dimensões técnicas digitais, cada vez mais evidentes no âmbito do jornalismo.

Por outro lado, é igualmente interessante destacar o número significativo de jornalistas a obterem formação complementar em melhoria de escrita/redação noticiosa (22,4%), quando em 2019 era de cerca de metade (11%). Num mundo em que a IA torna possível a produção de escrita alheia, é assim pertinente destacar tal tendência por parte dos jornalistas em obter mais formação no que respeita à melhoria de escrita de peças jornalísticas.

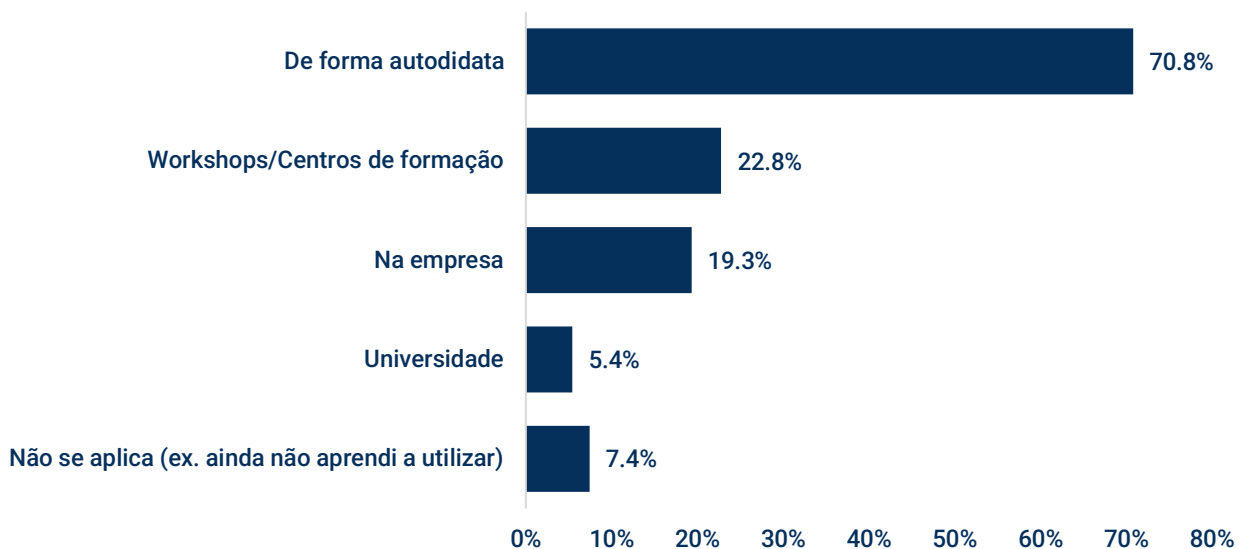


Figura 16. Como ou onde aprendeu a utilizar ferramentas de IA para o seu trabalho jornalístico?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=202



Ao serem questionados como ou onde aprenderam a utilizar ferramentas de IA especificamente para o trabalho no jornalismo, **a grande maioria (70,8%) refere ter sido de forma autodidata**, com 22,8% a referirem ter sido através de *workshops* / centros de formação e 19,3% no âmbito da sua empresa. Apenas 5,4% dizem ter sido na universidade, o que se pode dever à maioria dos inquiridos ter frequentado a universidade antes da utilização mais frequente de IA.

Estes resultados – nomeadamente com a aprendizagem a ser efetuada tendencialmente de forma autónoma – apontam, por um lado, novamente para a necessidade que os jornalistas sentem em se inteirar deste tipo de técnicas, e, por outro, para **uma aparente falta de estruturação de cursos e iniciativas de ensino e formação no âmbito da IA em Portugal**.

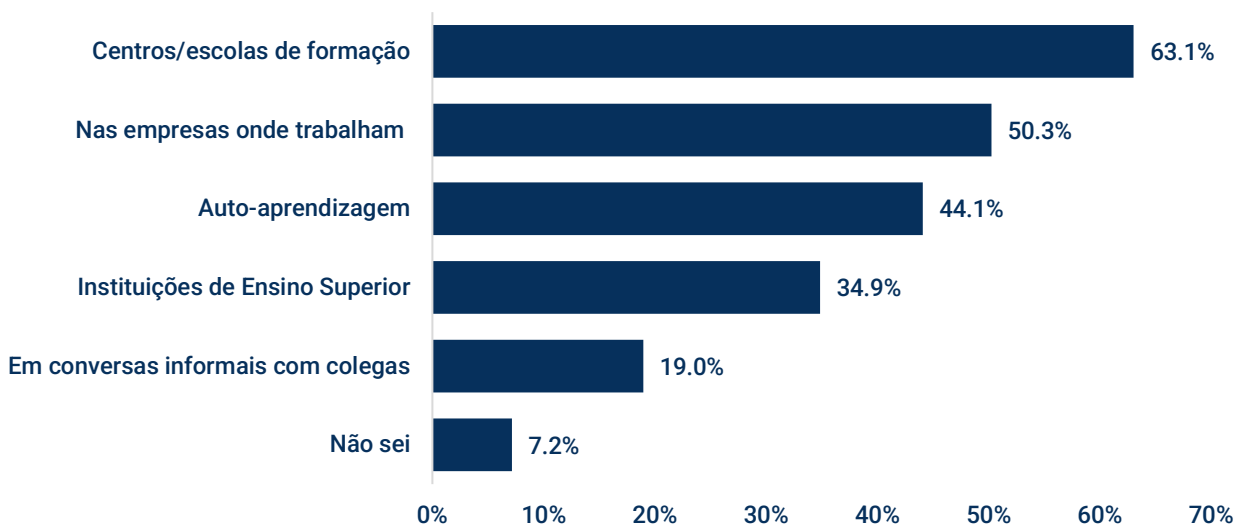


Figura 17. Onde considera que os jornalistas podem obter de forma mais eficaz as competências de IA?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=195 (resposta múltipla)



No seguimento da questão anterior, é perguntado ao inquirido onde considera que os jornalistas podem obter mais eficazmente competências ligadas a IA, e quase dois terços responderem ser em centros ou escolas de formação, metade nas empresas onde trabalham, e 44,1% através de autoaprendizagem. De resto, 34,9% consideram ser em instituições de ensino superior e 19% através de conversas informais com colegas — possibilidade que de algum modo dialoga com a autoaprendizagem, na medida em que ambas não são institucionalizadas.

É de realçar que, apesar de na figura anterior ter sido identificado o modo autodidata como o mais comum para adquirir competências de IA, **são menos aqueles que consideram que a autoaprendizagem é um modo eficaz de adquirir este tipo de competências**, optando-se antes por instituições de ensino ou formação, **em particular centros de formação, que poderão dispor de cursos de curta duração.**

Assim, parece existir **a percepção por parte dos jornalistas de que a formação e o ensino institucionalizado são o mais eficaz**, embora haja um espaço significativo para a obtenção de competências através de métodos autodidatas ou mais informais.

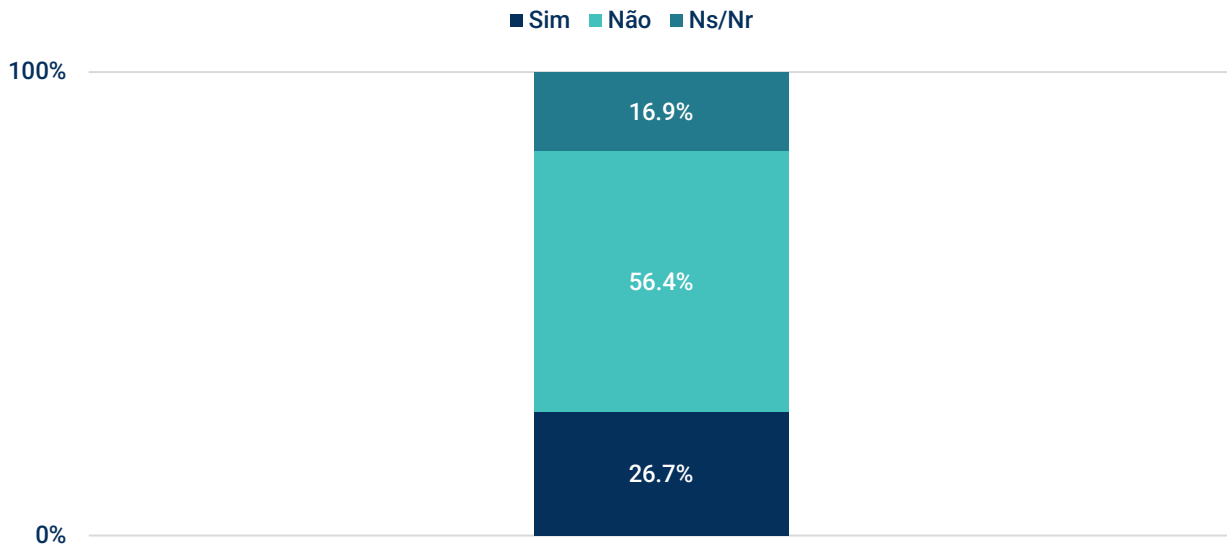


Figura 18. A sua empresa ou redação oferece formação sobre IA?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=195

À questão se a empresa de comunicação social ou redação em que trabalha oferece algum tipo de formação sobre IA, mais de metade dos jornalistas (56,4%) responderam que não, com 26,7% a dizerem que sim. Mesmo que o número de respostas afirmativas seja menor – indo ao encontro da figura anterior e de uma aparente falta de estruturação de iniciativas formativas neste âmbito –, ainda assim parece existir alguma preocupação das empresas tendo em conta a questão da IA, seja no adquirir de competências ou mesmo nouro tipo de âmbito, como o impacto que esta tecnologia pode ter na indústria e no trabalho jornalístico.

Por outro lado, é igualmente de realçar um número considerável de jornalistas que referem não saber (ou não quer responder), o que pode apontar para algum desconhecimento de eventuais iniciativas neste âmbito tidas no contexto da empresa. Se tal é verdade, poderá ser importante para as empresas perceber de que modo podem divulgar melhor aos seus próprios jornalistas algum tipo de iniciativa.

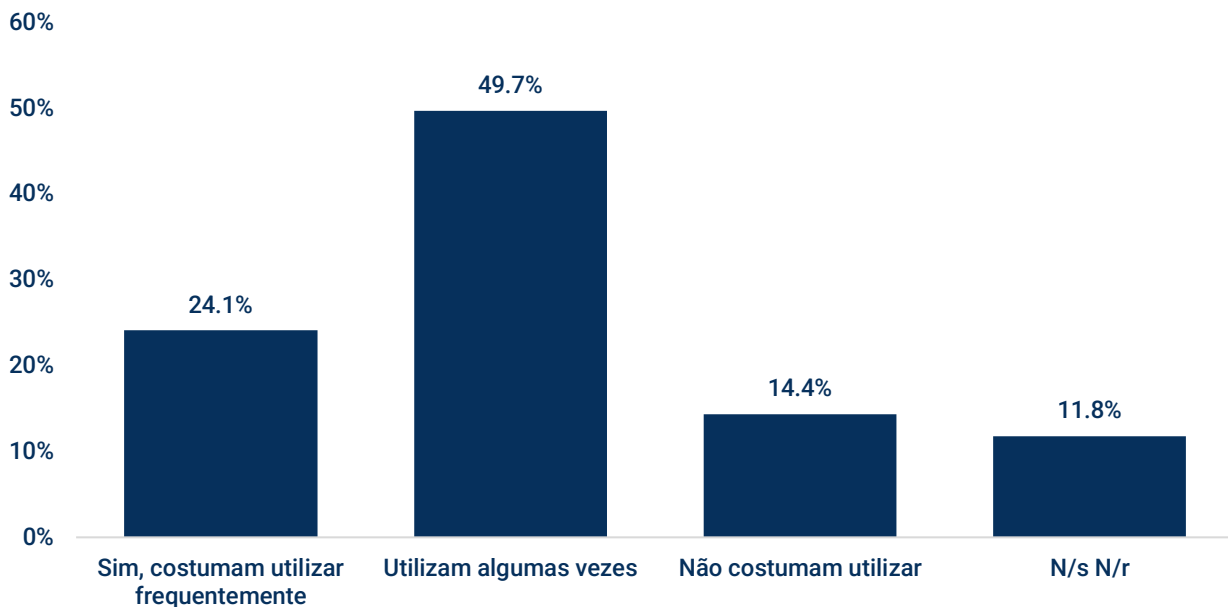


Figura 19. Considera que os seus colegas na redação ou local de trabalho utilizam ferramentas de IA para o trabalho jornalístico?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=195

Questionados sobre os hábitos dos colegas no seu local de trabalho, praticamente metade dos inquiridos diz que estes utilizam ferramentas de IA para o trabalho no jornalismo algumas vezes, e cerca de um quarto referem que costumam utilizar frequentemente. Estes valores – em contraste com apenas 14,4% que dizem que os colegas não utilizam este tipo de ferramentas – vêm indicar **a atual tendência para a apropriação e utilização mais comum, da generalidade dos profissionais, para usar IA no trabalho jornalístico de algum modo.**



A figura seguinte apresenta os jornalistas — ao todo, 28 inquiridos — que responderam que os seus colegas não costumam utilizar ferramentas de IA no trabalho jornalístico, tendo sido perguntada a razão ou razões por que não o fazem.



Figura 20. Motivos para os seus colegas na redação ou local de trabalho não utilizarem ferramentas de IA para o trabalho jornalístico.

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=28 (dos que responderam que os colegas não costumam usar ferramentas de IA no seu trabalho - resposta múltipla)

Como é possível verificar, 13 respostas indicam que a razão é porque esses profissionais são contra a utilização destas ferramentas no seu trabalho, 12 referem que estes têm poucas ou nenhuma competência para as utilizar, e 11 consideram que esses colegas não as acham úteis para o seu trabalho. São menos as respostas que mencionam a não disponibilização de recursos (5 respostas) bem como a pouca disponibilidade de tempo para aprender a usar as ferramentas (3 respostas).



Tais considerações apontam para várias hipóteses, desde logo a oposição de alguns profissionais à IA no jornalismo, possivelmente tendo em conta perceções de facilitismo trazido pelas ferramentas, ou mesmo no que respeita ao impacto ético que esta tecnologia pode trazer – aspetos, diga-se, que serão explorados neste relatório. Já a consideração de que existem jornalistas que não consideram estas ferramentas úteis para o seu trabalho abre possibilidades sobre a eficácia real deste tipo de ferramentas, mediante o seu tipo de utilização.

3. Práticas e utilização de IA no jornalismo

No próximo leque de questões, foi pedido aos jornalistas que expusessem de modo mais detalhado as suas práticas jornalísticas no dia-a-dia, particularmente tendo em conta o uso de IA – seja na sua frequência ou no tipo de ferramentas que utilizam frequentemente.

A primeira questão, no entanto, tem em conta a evolução da tecnologia no geral e no impacto que os dizem jornalistas ter ou não sentido no âmbito do seu trabalho. O facto de, como vimos na Figura 2, referente às faixas etárias dos inquiridos, a maioria deter 35 ou mais anos permite que, na generalidade, exista uma comparação entre a utilização da tecnologia atualmente e 10 anos antes.

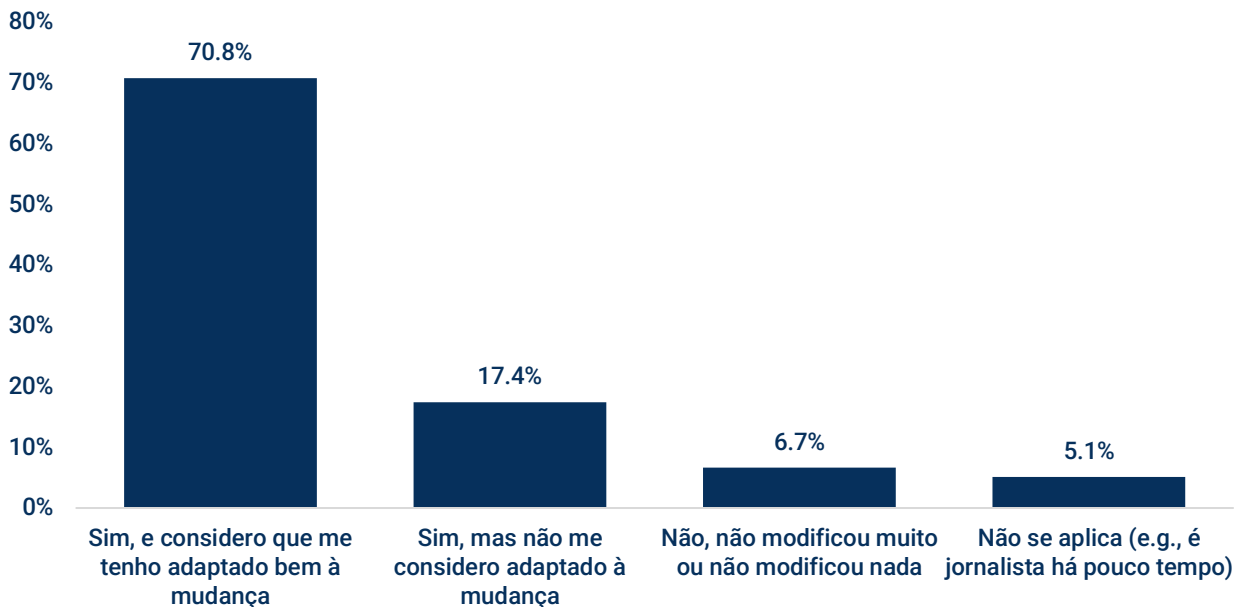


Figura 21. Sente que, ao longo dos últimos 10 anos, a evolução da tecnologia e dos meios de publicação veio modificar a sua forma de fazer jornalismo?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=195

Como visível pela figura, a grande maioria (quase 90%) considera que ao longo dos últimos 10 anos a evolução da tecnologia e dos meios de publicação veio modificar a sua forma de fazer jornalismo. Ademais, cerca de 7 em cada 10 jornalistas diz sentir-se adaptado à evolução da tecnologia e dos meios de publicação nos últimos 10 anos, com 17,4% a referirem não se sentirem adaptados.

Relativamente ao inquérito de 2019, no qual foi colocada a mesma questão, os valores continuam praticamente iguais – apontando assim para uma constante maioria que se diz adaptada. Mas há uma minoria relevante (cerca de dois em cada dez jornalistas) que não se considera adaptado à mudança, o que pode ter implicações significativas na sua forma de fazer jornalismo.



Como observado na próxima figura, foi perguntado se nos últimos seis meses utilizou ferramentas de IA Generativa no seu trabalho como jornalista, sendo a IA Generativa um subcampo da IA focado na criação de novos conteúdos originais como textos, imagens, vídeos ou áudio, sendo sistemas como o ChatGPT ou o Gemini exemplos.

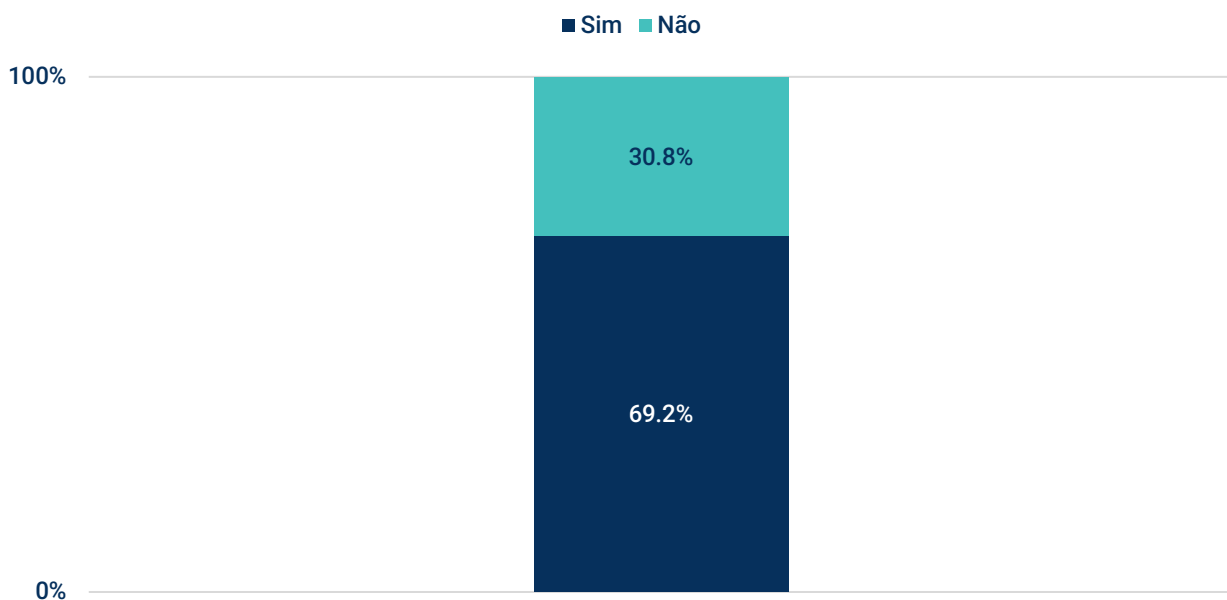


Figura 22. Nos últimos seis meses usou ferramentas de IA Generativa no seu trabalho como jornalista?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=195

Como vemos, cerca de 7 em cada 10 jornalistas utilizou ferramentas de IA Generativa (e.g., ChatGPT) nos últimos seis meses, valor que pode ser ligado à figura anterior, em que uma percentagem similar de inquiridos se dizia bem-adaptada à evolução da tecnologia no jornalismo. Assim, tal **aponta para uma forte apropriação deste tipo de tecnologia por parte dos jornalistas e das redações** em Portugal e, por conseguinte, a uma adaptação prática.



Não é, ainda assim, certo que tal apropriação se reflita, necessariamente, numa literacia funcional em IA eficaz (isto é, referente à utilização eficiente das ferramentas) no contexto do trabalho – aspeto que voltará a se mencionado ao longo deste relatório.

Por outro lado, é de assinalar novamente que uma minoria significativa se diz pouco adaptada (Figura 21) e, aqui, revela não ter utilizado este tipo de ferramentas – apontando também para a necessidade de se olhar para estes profissionais e perceber as razões da não adaptação e não utilização desta tecnologia.

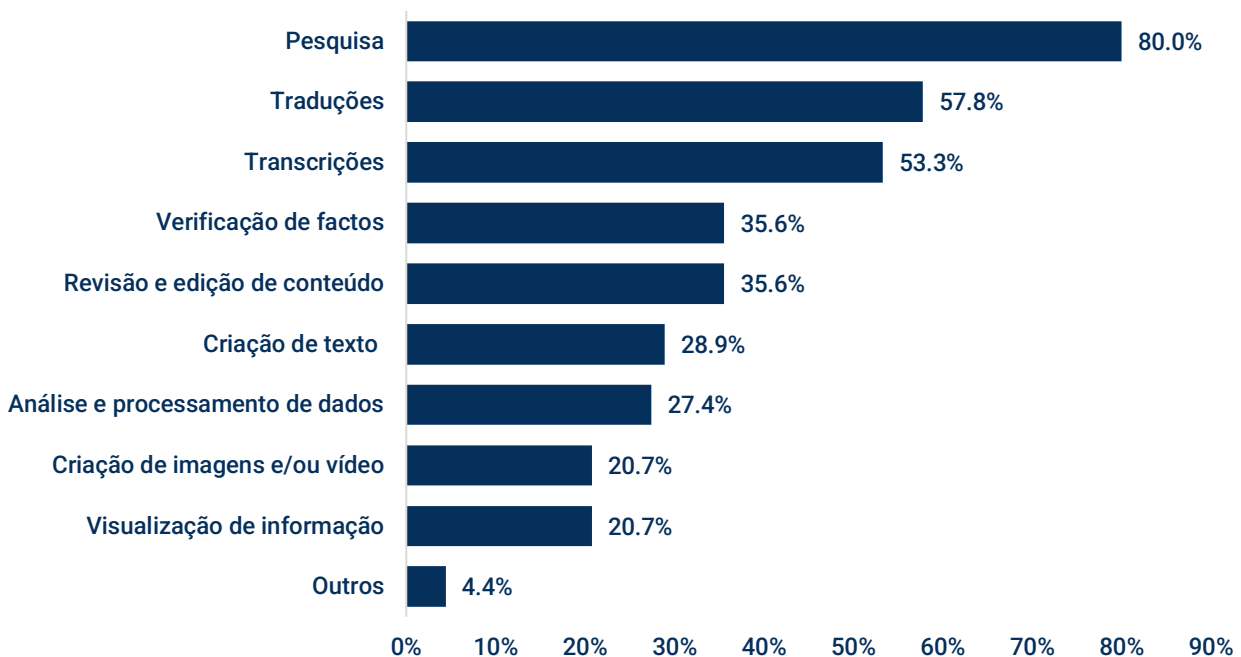


Figura 23. Tendo respondido que utilizou IA Generativa nos últimos 6 meses, para que fins o fez?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 135 (dos que responderam afirmativamente a terem utilizado IA Generativa nos últimos 6 meses - resposta múltipla).



Dos inquiridos que responderam afirmativamente à figura anterior, perguntou-se para que fins utilizaram a IA Generativa no contexto do trabalho jornalístico. Como é possível ver pela figura, 8 em cada 10 jornalistas referiram usá-la para pesquisa, e mais de metade refere ter sido para traduções (57,8%) e transcrições, nomeadamente de entrevistas (53,3%).

É ainda significativa a utilização deste tipo de tecnologia para verificação de factos e revisão e edição de conteúdo (ambos 35,6%), bem como criação de texto (28,9%), análise e processamento de dados (27,4%) e criação de imagens e/ou vídeo (20,7%).

O que estes dados demonstram é **a tendência para esta tecnologia ser usada de modo complementar ao trabalho do jornalista**, destacando-se tarefas como traduções e transcrições de entrevistas, que poderão ser vistas **como funções que permitem ao jornalista «ganhar tempo»** e possibilitar-lhe, por exemplo, um maior foco na interpretação e escrita de conteúdo jornalístico. Já a ênfase na pesquisa parece ir em linha com a utilização geral deste tipo de IA, em que inclusivamente uma função como a *AI Overview*, da Google, se encontra já integrada no seu motor de busca.

É igualmente interessante verificar que mais de um terço dos inquiridos utiliza a tecnologia para verificação de factos, o que em parte se poderá relacionar com a categoria de pesquisa. Verifica-se assim que **a IA Generativa é vista por uma parte significativa dos jornalistas como algo aplicável na validação e veracidade informativa.**

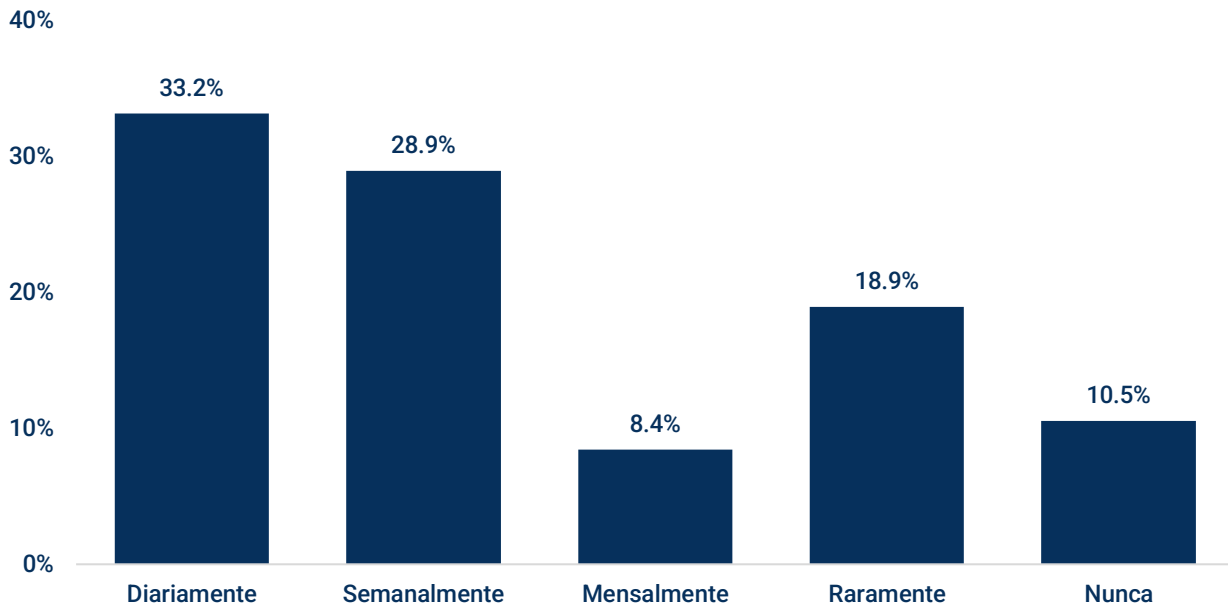


Figura 24. Com que frequência utiliza ferramentas de IA no seu trabalho?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=190

Quanto à frequência de utilização de ferramentas de IA no seu trabalho, cerca de um terço dos inquiridos refere que as utilizam diariamente, e 28,9% de modo semanal, dados que apontam para uma frequência assinalável no uso desta tecnologia e, uma vez mais, para a apropriação das redações deste tipo de tecnologia no contexto do trabalho.

Por outro lado, é de notar que quase 30% referem usar raramente ou nunca, o que novamente se liga aos dados da Figura 22 – chamando-se assim a atenção para **uma minoria significativa de profissionais que, de algum modo, pouco ou nunca utiliza estas ferramentas** para fins de tarefas jornalísticas.



Na sequência das figuras anteriores, a próxima figura apresenta uma nuvem de palavras com a frequência de ferramentas e plataformas de IA mais usadas no trabalho por cada jornalista, sendo de resposta múltipla (ou seja, foi pedido ao inquirido que mencionasse qualquer ferramenta que tende a utilizar).

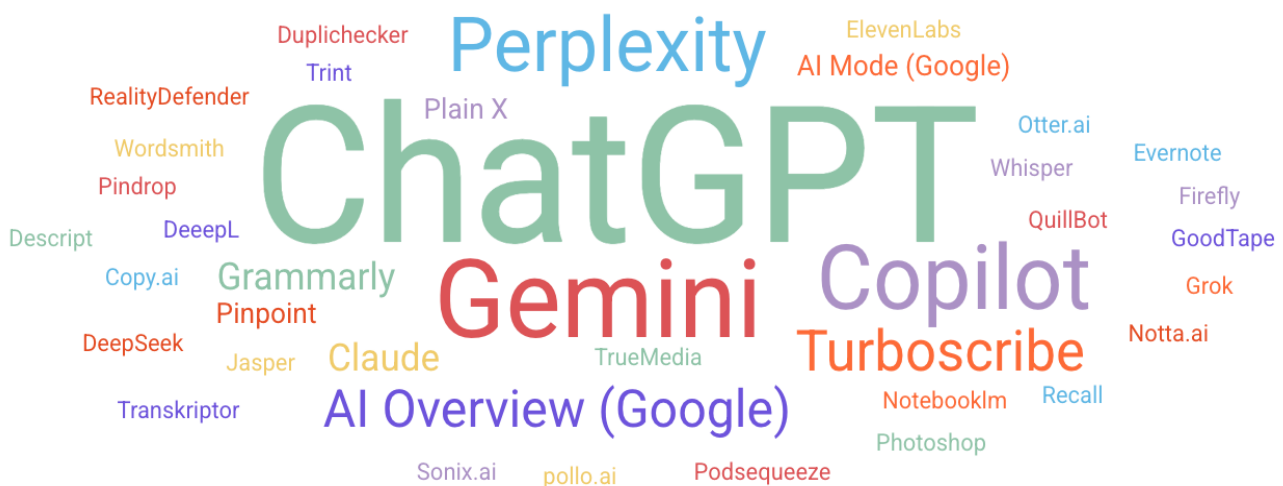


Figura 25. Ferramentas de IA mais usadas no trabalho jornalístico?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=190 (resposta múltipla)

A plataforma mais utilizada é o ChatGPT, com cerca de dois terços das respostas (66,3%), destacando-se das demais. De seguida, nas mais usadas, tem-se o Gemini (35,3%), o Copilot (27,4%) e o Perplexity (22,1%).

A predominância deste tipo de plataformas de IA Generativa aponta para **a utilidade que os jornalistas percecionam neste tipo de ferramentas mais amplas, que possibilitam um maior número de tarefas**, desde pesquisa a processamento de dados.



Ademais, são plataformas de *chatbot* e, por isso, **mais interativas, que permitem o diálogo e uma troca sequencial de ideias e de informação**. Assim, parece ser valorizada a multiplicidade de funções e a interação em texto que estes espaços, como o ChatGPT, possibilitam.

Novamente focando-nos na análise à nuvem de palavras, para além da AI Overview (integrada no motor de pesquisa Google), com 13,2% das respostas, destaque para o Turboscribe (15,3%), ferramenta de IA especializada em transcrição, o que se relaciona com dados da Figura 23 em que se valorizava este tipo de tecnologia tendo em conta a transcrição de entrevistas. Tal ferramenta – que na sua versão gratuita pode ser utilizada até três transcrições por dia – possibilita assim que o jornalista tenha trabalho manual diminuído, relacionando-se com a questão já referida de «ganhar tempo».

Destaque ainda para o Grammarly (7,4% de respostas), que auxilia na verificação de texto e gramática, e o Plain X (4,2%), que oferece serviços de transcrição ou tradução – **ferramentas mais especializadas e que possibilitam, juntamente com o Turboscribe, o desenvolvimento ou fluidez de tarefas** ligadas ao jornalismo (e.g., transcrição, escrita).

Por fim, é importante referir que 12,1% dos inquiridos disseram não usar qualquer ferramenta de IA, valor que de algum modo é reiterado na próxima figura, que, na senda da nuvem de palavras da figura 25, responde especificamente à questão de qual é a ferramenta de IA principal que o jornalista usa para o seu trabalho.

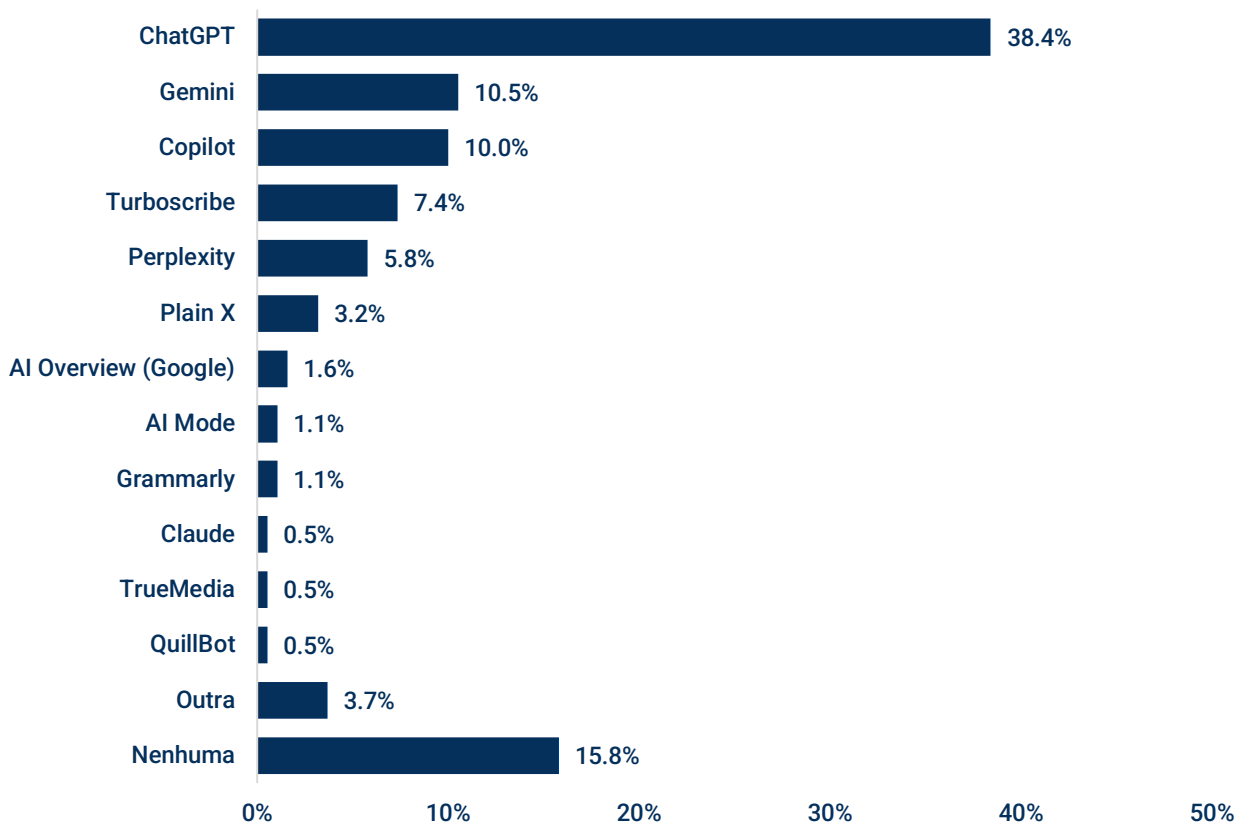


Figura 26. Qual a principal ferramenta de IA que usa no seu trabalho?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=190

Na sequência da figura anterior, a ferramenta e plataforma de IA mais utilizada continua a ser o ChatGPT (38,4%), seguido do Gemini e do Copilot (ambos com cerca de 1 em cada 10 jornalistas que as utilizam).

O que os dados destas duas últimas figuras vêm realçar é, para além da já mencionada preferência por plataformas de IA Generativa mais amplas e interativas, como o ChatGPT, a tendência para a utilização de mais do que apenas uma ferramenta de IA – ou seja, uma plataforma como o ChatGPT e uma ferramenta como o Turboscribe tenderão a coexistir no âmbito do trabalho jornalístico.



Como tal — e sem esquecer os 15,8% de inquiridos que não referem usar qualquer ferramenta deste tipo —, **estes dados apontam tanto para uma integração ou apropriação desta tecnologia no trabalho dos jornalistas, como para a diversidade no tipo de tarefas e plataformas.**

Neste particular da diversidade, de referir ainda que na categoria “Outra” — seleccionada por 3,7% dos inquiridos — são mencionadas ferramentas como o DeepL, de tradução; o ElevenLabs, de conversações áudio; o Notta.ai, ligado à organização de agendas; ou o NotebookLM, que promove interações tendo em conta apontamentos ou anotações.

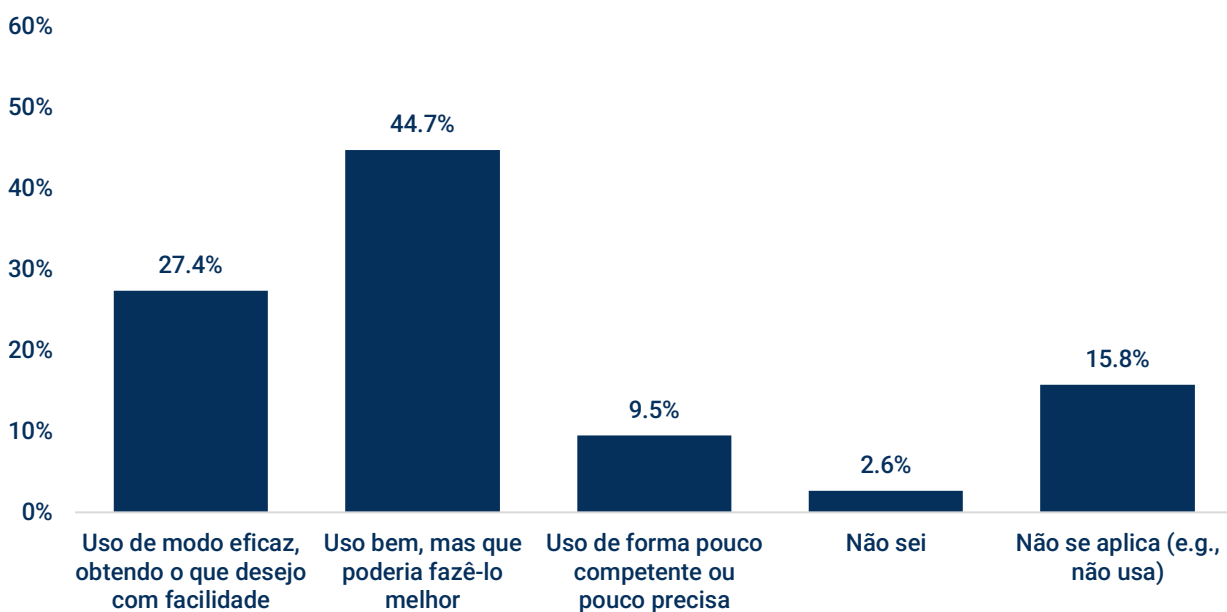


Figura 27. No uso de plataformas de *chatbot*, como o ChatGPT, como considera que utiliza os *prompts*?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal.
n=190



A figura da página anterior debruça-se sobre a questão dos *prompts*, que, no contexto da IA Generativa, se refere às indicações apresentadas ao *chatbot*, cuja qualidade das mesmas (e.g., precisão, brevidade) influencia significativamente os resultados que são obtidos nas respostas e conteúdo produzidos por plataformas como o ChatGPT ou o Copilot.

Neste sentido, foi perguntado ao inquirido qual o tipo de eficácia que, no contexto do seu trabalho como jornalista — por exemplo, na pesquisa ou verificação de factos —, considera ter. Como é observável pela figura, 27,4% referem que usam os *prompts* de modo eficaz, percecionando obterem o que desejam com facilidade; 44,7% referem que usam bem, mas que o poderiam fazer melhor; e 9,5% referem abertamente que usam de modo pouco competente ou pouco preciso.

Verifica-se assim que, no que à utilização eficaz de *prompts* diz respeito, existe, da parte dos próprios jornalistas, **a admissão de pouca precisão ou, pelo menos, a ideia que o poderiam fazer de modo mais eficaz**. Neste sentido, **formação e ensino neste âmbito** — em que é estruturado o tipo de utilização de indicações mediante o objetivo do jornalista — **pode ser algo específico a ter em conta aquando da discussão sobre uma melhoria das capacidades dos jornalistas no contexto da utilização de ferramentas de IA**.

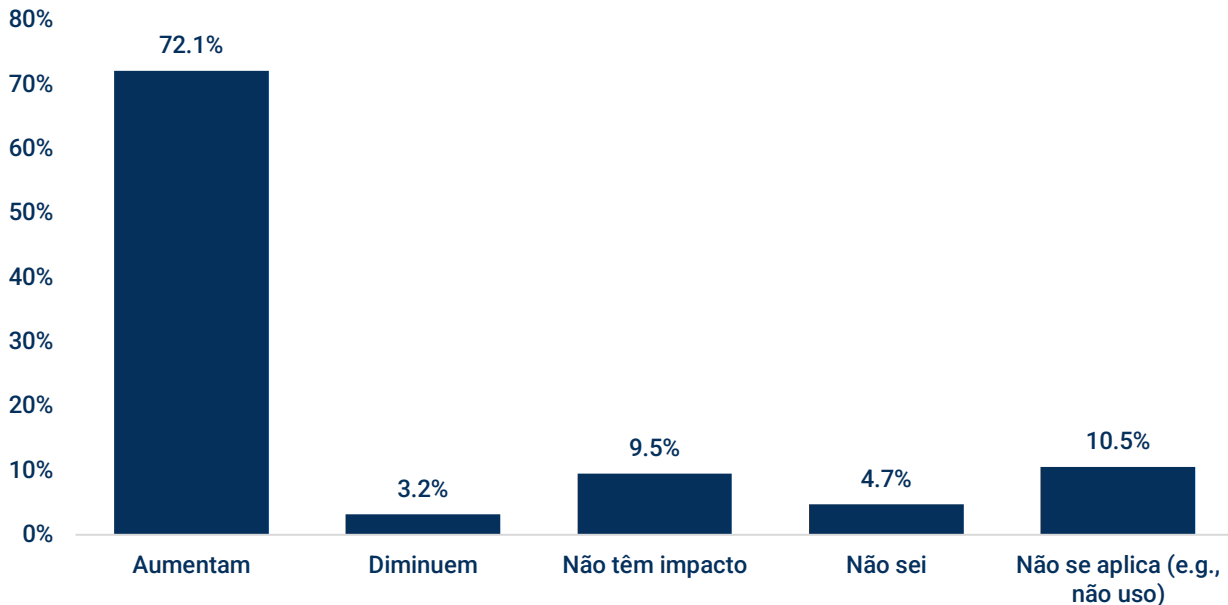


Figura 28. As ferramentas de IA aumentam ou diminuem a sua produtividade como jornalista?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=190

Quando questionados sobre se as ferramentas de IA aumentam ou diminuem a sua produtividade como jornalista, mais de 7 em cada 10 jornalistas referem que aumenta, com apenas 3,2% a referirem que diminuem.

Tal aponta, portanto, para uma **perceção positiva sobre o impacto que este tipo de tecnologia poderá ter no dia-a-dia dos profissionais**, justificando e legitimando a sua já mencionada apropriação nas redações portuguesas.

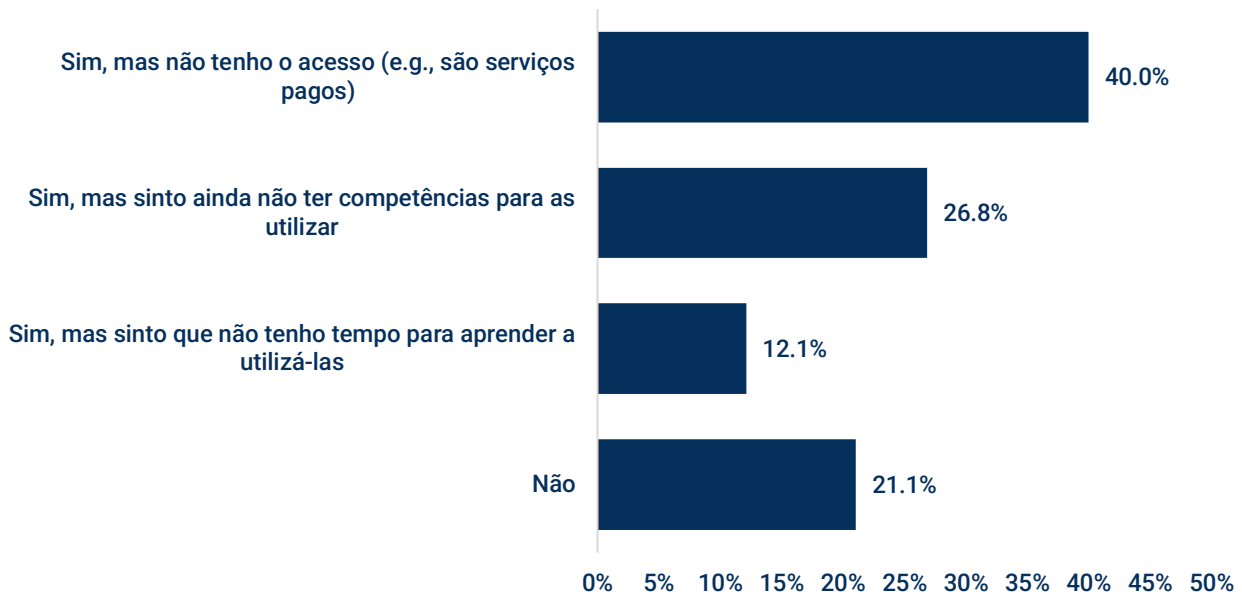


Figura 29. Há ferramentas de IA que gostava de utilizar, mas não utiliza?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=190

No que respeita à pergunta se há ferramentas de IA que gostava de utilizar, mas que não utiliza, a intenção foi procurar perceber as razões por que os jornalistas não usariam certas ferramentas que os poderiam auxiliar no seu trabalho. Como é possível verificar, 21,1% respondem negativamente, valores que, fazendo prever que uma parte se encontra satisfeita com as ferramentas que usa, também poderão englobar inquiridos que não usam ferramentas de IA.

Assim, o número de jornalistas que responde afirmativamente (8 em cada 10) revela-se muito significativa, apontando desde logo para a perceção de que poderiam estar a usar mais ferramentas de IA do que aquelas que usam atualmente; ou seja, consideram de algum modo **que o seu trabalho poderia beneficiar com mais apoio tecnológico deste tipo.**



Ademais, aponta também para o aparente conhecimento dos jornalistas quanto a este tipo de ferramentas, inclusivamente as que não usam – isto é, é revelador de uma **certa literacia quanto à aplicabilidade deste tipo de ferramentas** no que ao seu trabalho diz respeito.

Quando consideradas as razões para esta não utilização de ferramentas que poderiam utilizar, verifica-se que 40% dos inquiridos dizem que é por não ter acesso (normalmente associando-se a serviços pagos), aspeto que pode estar relacionado com **uma disponibilização menos prolixa de recursos por parte das empresas de comunicação social aos seus profissionais**. Já 26,8% referem que é porque ainda não sentem ter competências para as utilizar, o que se pode ligar à questão da falta de formação específica nesta área, e 12,1% afirmam que é por falta de tempo para aprender a utilizá-las.

Em particular **esta questão da falta de tempo percecionada pelos jornalistas – aliada à perceção da falta de competências para as usar – poderá tornar pertinente a estruturação de cursos ou *workshops* mais curtos e com maior flexibilidade de horário**, que, neste caso, possam ajudar os profissionais a deter uma maior literacia funcional quanto à utilização de ferramentas específicas.

Em suma, a não utilização de ferramentas que os jornalistas consideram que os iriam beneficiar parece prender-se, por um lado, **à pouca disponibilização de recursos** aos profissionais, e por outro a **uma aparente lacuna de formação**, em que a referida «falta de tempo» poderá promover a constituição de cursos / *workshops* mais curtos.

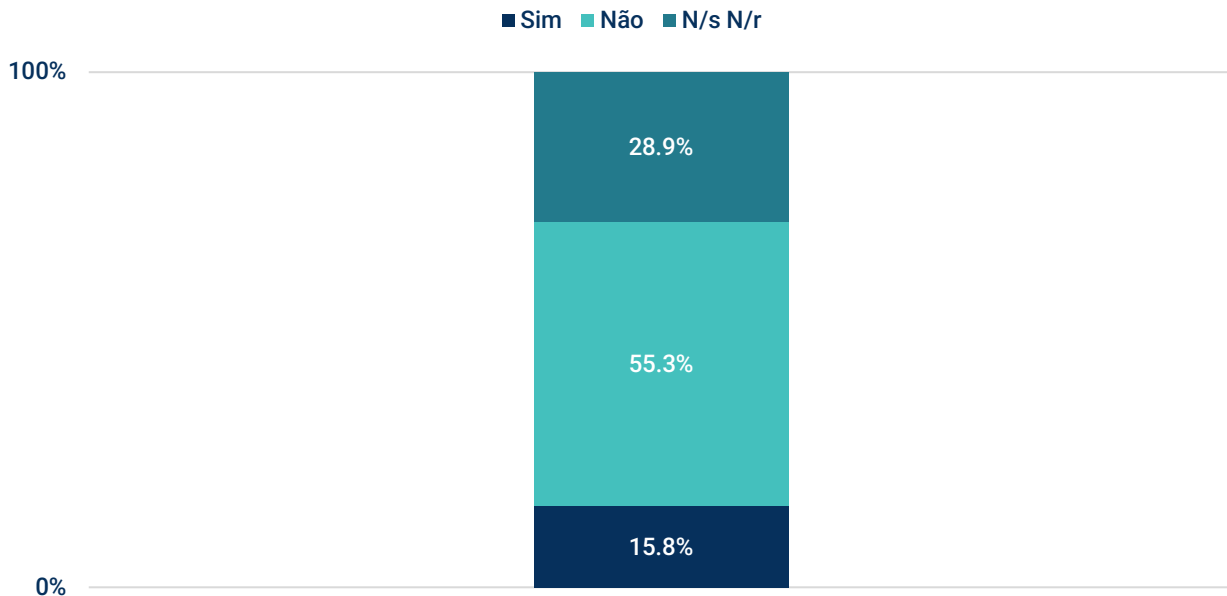


Figura 30. Considera que a sua empresa lhe dá acesso a todos os recursos de ferramentas de IA de que necessita, incluindo serviços pagos?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=190

No seguimento da figura anterior, onde foi colocada a hipótese de não haver grande disponibilização de ferramentas por parte das empresas de comunicação social aos seus profissionais, esta figura reforça-a, já que 55,3% dos jornalistas referem que a sua empresa não lhes dá acesso às ferramentas, inclusivamente de serviços pagos, a contrastar com 15,8% que referem que lhes dão tais recursos.

Estes dados chamam assim a atenção de que pode **revelar-se pertinente para cada empresa de media identificar as necessidades dos seus jornalistas**, percebendo até que ponto poderá disponibilizar mais recursos, particularmente, de IA.



É ainda de realçar a percentagem relevante de inquiridos que não sabem ou não respondem (28,9%), o que pode suscitar duas leituras, possivelmente interligadas: primeiro, que os jornalistas desconhecem os recursos disponibilizados pela sua empresa; segundo, que esta poderá não estar a divulgar eficazmente aos seus profissionais os recursos que disponibiliza.

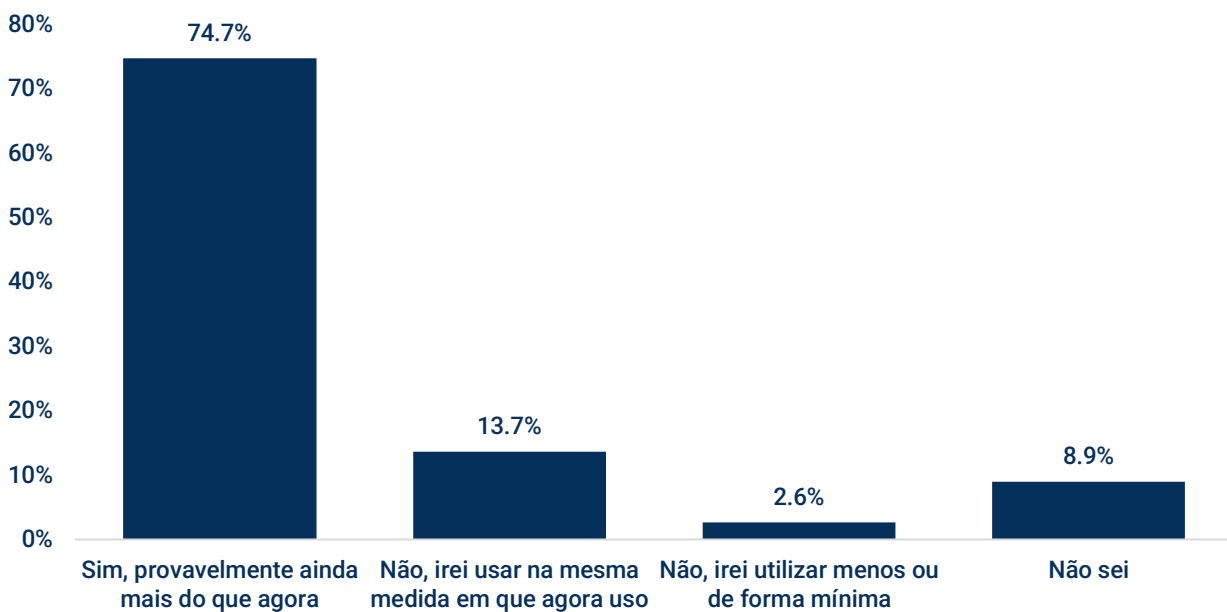


Figura 31. Considera que no futuro irá utilizar mais ferramentas de IA no seu trabalho como jornalista?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n=190

Já quanto à questão se considera que no futuro irá utilizar mais ferramentas de IA no seu trabalho, cerca de três quartos dos jornalistas referem que provavelmente o irão fazer, com apenas 2,6% a referir que irão usar menos.

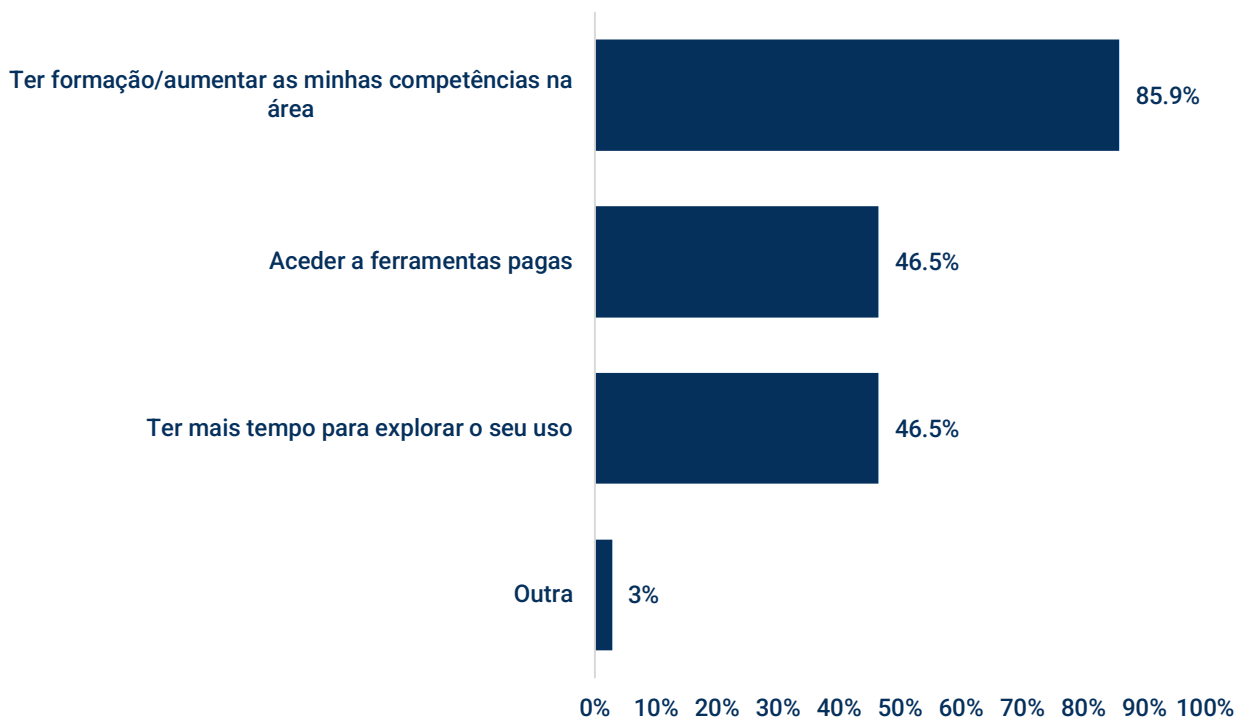


Figura 32. Tendo respondido que sim, o que o levaria a usar mais as ferramentas de IA?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 145 (dos que responderam afirmativamente à questão anterior - resposta múltipla)

A figura acima vem completar estes dados, tendo-se perguntado aos inquiridos que responderam afirmativamente o que os levaria a usar mais ferramentas de IA. 85,9% destes inquiridos revela que **ter mais formação ou aumentar as suas competências na área far-lhes-ia usar mais ferramentas** — o que vem valorizar a questão de existir mais formação neste âmbito, mais ainda quando aliada aos dados da figura anterior e à perceção de que o uso deste tipo de ferramentas irá continuar e até aumentar a longo prazo.

De resto, 46,5% das respostas destes jornalistas foram no sentido de que tanto aceder a ferramentas pagas, como ter mais tempo para explorar, são outras razões para usar mais estas ferramentas.



Tal vem tornar mais premente a atenção das empresas de media e os recursos de IA que estas poderão disponibilizar aos profissionais, nomeadamente serviços pagos, bem como novamente trazer ao de cima o tipo de estruturação de cursos / *workshops* que, devido a uma perceção geral de falta de tempo, poderão beneficiar se forem temporalmente mais curtos e mais intensivos ou mesmo focados num tópico em questão (e.g., o uso particular de uma ferramenta de IA, como melhor utilizar *prompts*).

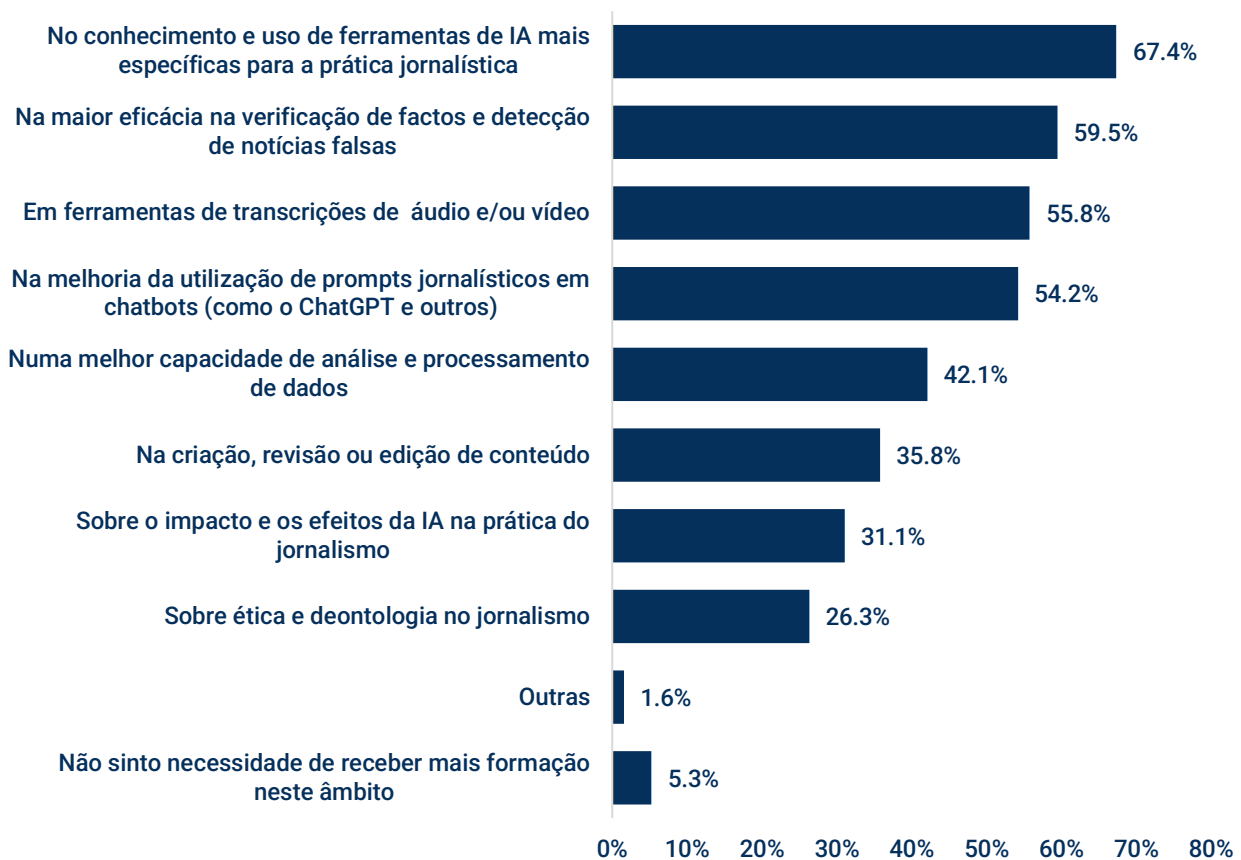


Figura 33. Para que fins é que gostaria de receber formação sobre IA?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 145



Foi então questionado aos inquiridos para que fins gostariam de receber mais formação, dados que vêm completar os da figura anterior. Como é possível observar, 67,4% dos inquiridos referem que **gostariam de receber formação para obter mais conhecimento no uso de ferramentas específicas** para a prática jornalística. Já 59,5% referem que gostariam de ter formação que os ajudasse a serem mais eficazes na verificação de factos e deteção de notícias falsas, no âmbito da IA, o que se liga à já mencionada perceção dos jornalistas de **usar esta tecnologia para verificabilidade informativa** (ver Figura 23).

De seguida, 55,8% gostariam de ganhar mais competências no uso de ferramentas de transcrição através de formação, o que vem de novo realçar a utilidade deste tipo de recursos especializados nestas tarefas; e 54,2% referem que gostariam de melhorar os seus *prompts* em *chatbots* como o ChatGPT ou o Gemini, o que se liga aos dados da Figura 27 e à perceção da maioria dos jornalistas de que poderia, pelo menos, melhorar o uso de *prompts* e tornar mais eficazes os resultados daí obtidos.

Ainda com valores muito significativos, 42,1% dos inquiridos referem querer melhorar a sua capacidade de análise e processamento de dados através de formação, seguido de aspetos ligados a conteúdo (35,8%).

Questões mais abstratas ou teóricas, ligadas ao impacto e efeitos da IA no jornalismo ou a desafios éticos e deontológicos, são comparativamente tidas menos em conta, embora ainda cerca de 3 em cada 10 jornalistas considerem que poderiam obter mais conhecimento sobre elas através de cursos formativos.

Assim verifica-se que esta figura aponta para um desejo geral dos jornalistas em **melhorar questões práticas, ligadas à sua literacia funcional**, ou seja, em obter mais competências no uso técnico e específico das várias ferramentas e plataformas com o fim de as utilizar para o seu trabalho a vários níveis, seja para tarefas como a transcrição de entrevistas ou revisão de conteúdo, a obtenção de resultados e de informação mais eficaz (através de *prompts* mais precisos), ou mesmo o seu auxílio tendo em conta bases de dados alargadas.



O que se verifica também através destes dados é, novamente, a própria diversidade dos tipos de ferramentas de IA utilizadas (tanto mais especializadas como de *chatbots*, como o ChatGPT), e o desejo de melhorar, através de formação, as competências em ambos. Já **as questões éticas e deontológicas não devem também ser desvalorizadas**, particularmente quando – como veremos no último capítulo deste relatório, referente à pergunta aberta colocada aos inquiridos – essa parece ser uma preocupação particularmente premente por parte dos jornalistas no que respeita à formação (ou, neste caso, falta dela) em Portugal. No entanto, **aspetos práticos e de literacia funcional parecem ser, no caso da formação, tidos como mais prementes** por parte dos jornalistas.

Em jeito de conclusão deste capítulo, é possível verificar que, no que respeita às práticas e utilização de ferramentas de IA no âmbito do trabalho jornalístico, parece existir **nas redações portuguesas uma tendencial apropriação deste tipo de tecnologia**. Por outro lado, é ainda de assinalar uma certa resistência por parte de uma minoria significativa, que se poderá explicar por alguma incerteza quanto aos impactos da IA (particularmente a longo prazo) na profissão – aspetos explorados no próximo capítulo. Existe assim, de certa forma, uma tensão entre a integração já efetiva e diversificada da IA nas redações (até ao nível do tipo de ferramentas utilizadas, sejam mais especializadas ou mais amplas) e dubiedade sobre o seu impacto na indústria.

Ao mesmo tempo, no que respeita à formação, é também observável o desejo dos jornalistas em obter mais competências, nomeadamente ao nível funcional e de utilização de ferramentas. Particularmente, as empresas de comunicação social poderão ter um papel relevante neste âmbito, seja pela promoção de cursos ou *workshops* mais curtos, focados e intensivos – que ajudem o jornalista que se sente tendencialmente com falta de tempo –, seja por uma maior disponibilização (e divulgação) de recursos de IA nas redações, nomeadamente de serviços pagos.



4. Perceções sobre a IA no contexto do Jornalismo

Se no último capítulo foram essencialmente explorados os usos dados pelos jornalistas à IA e suas ferramentas, este aborda as perceções dos mesmos sobre a tecnologia e o impacto que julgam que esta tem e poderá vir a ter no jornalismo.

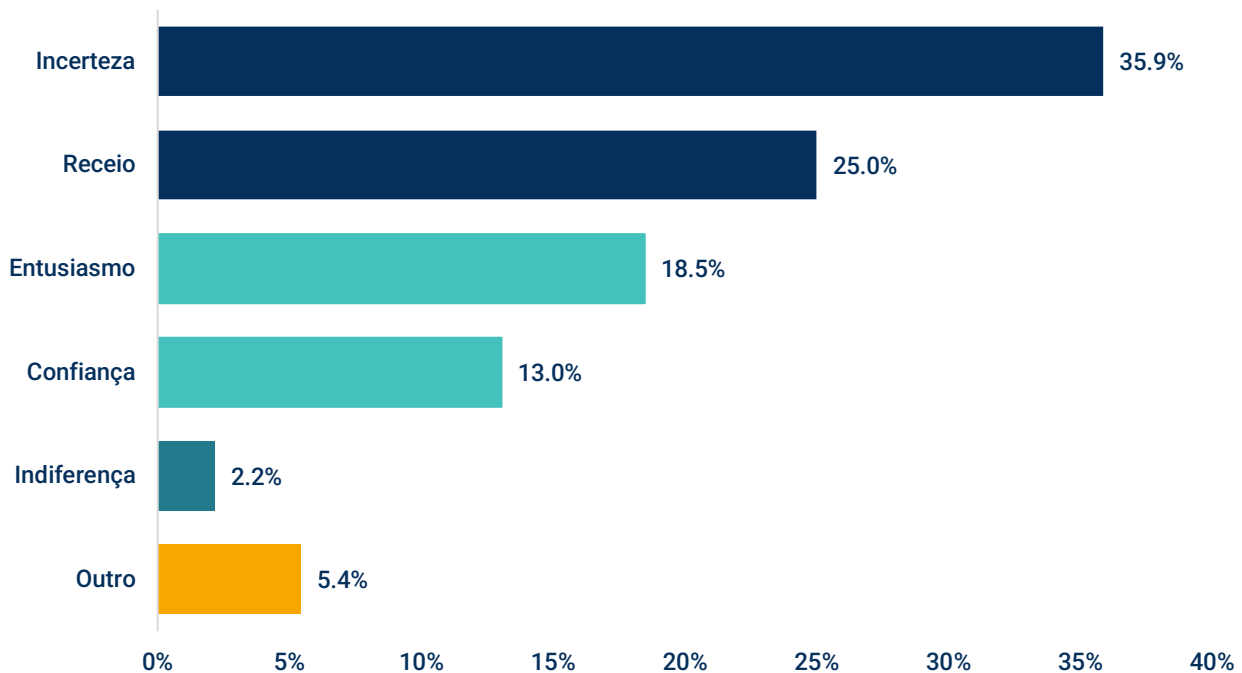


Figura 34. Qual é o sentimento em relação à crescente integração da IA no jornalismo?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 184

Quando questionados sobre o sentimento mais forte em relação à crescente integração da IA no jornalismo, os dados apontam para **uma maior incidência de sentimentos negativos (realçados a azul-escuro), com mais de um terço a revelarem-se com incerteza e 25% a dizerem-se com receio.**



Embora menos, quase um terço dos jornalistas refere ter sentimentos mais positivos (azul-claro), tanto de confiança (13%) como, em particular, de entusiasmo (18,5%). De referir que, dentro da categoria “Outro”, os jornalistas puderam responder, descrevendo essencialmente sentimentos negativos como desconfiança, preocupação ou um misto (entusiasmo e receio em simultâneo).

Assim, a tendência é para os jornalistas **terem sentimentos de incerteza relativamente à integração da IA nas redações em Portugal**. A próxima figura procura explorar esse aspeto, em particular tendo em conta a possível influência que poderá ter na confiança do público em relação ao jornalismo.

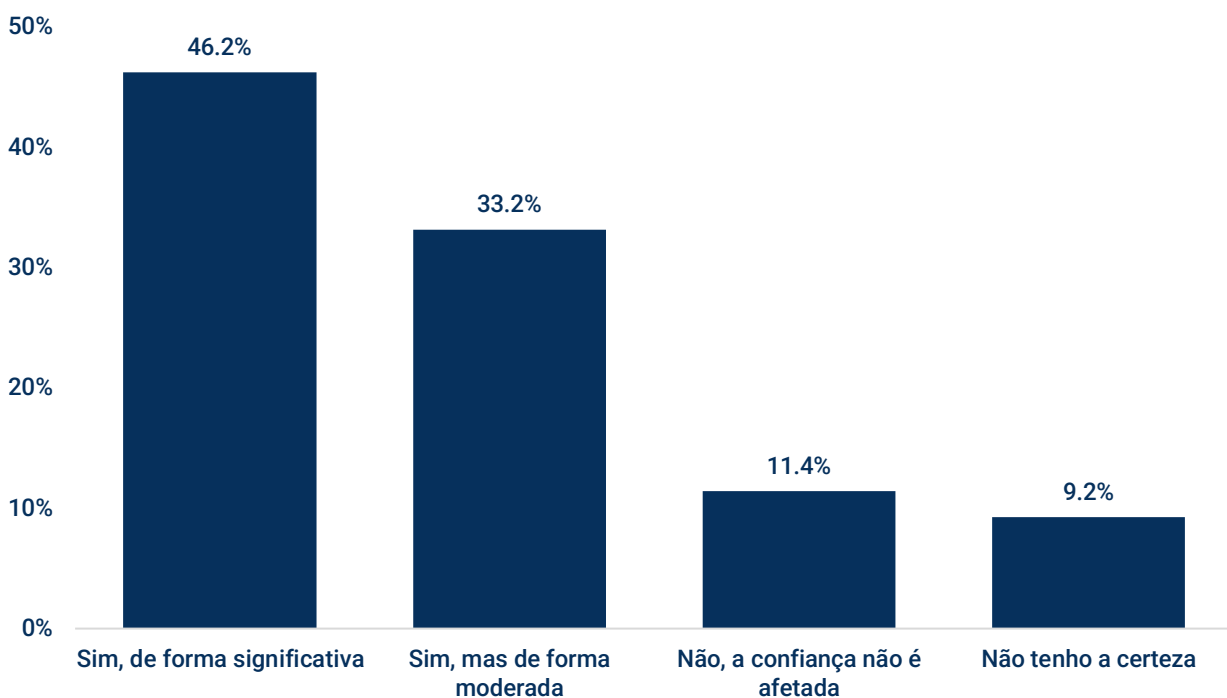


Figura 35. Acredita que a utilização da IA pode afetar a confiança do público no jornalismo?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal.
n= 184



Aqui, como é observável, **a percepção é de que a confiança do público é grandemente afetada**: 46,2% dizem que de forma significativa e cerca de um terço refere que de forma moderada – valores que podem suscitar uma discussão alargada sobre os usos da tecnologia em si e de possíveis formas de limitar as suas desvantagens, mas também na própria comunicação com o público em geral, de modo a poder mitigar a aparente desconfiança. Por outro lado, apenas 11,4% dos inquiridos referem que a confiança não é afetada de todo.

Da parte dos jornalistas, é interessante notar que as práticas ligadas a IA – que, como vimos, são tendencialmente apropriadas pelas redações – podem revelar-se também um potencial foco de desconfiança da parte do público. Novamente, parece verificar-se uma tensão entre (i) a apropriação efetiva da tecnologia e (ii) alguma incerteza, seja na percepção dos jornalistas em si (Figura 34), seja no que os mesmos percecionam sobre a confiança/desconfiança que o público possui na sua profissão.

A próxima figura centra-se no trabalho dos jornalistas e, tendo em conta o longo prazo, perceber as opiniões dos mesmos em relação à potencial substituição (na totalidade) de tarefas jornalísticas por parte da IA.



Figura 36. Em que tarefas específicas considera que a IA pode SUBSTITUIR na totalidade o trabalho dos jornalistas a médio e longo prazo?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 184

Em geral, a figura demonstra que os jornalistas se dividem em dois grandes planos – o primeiro, da maioria, que defende que de algum modo a IA irá substituir na totalidade o jornalista em algumas tarefas, particularmente ligadas a dimensões mais técnicas, como aquelas que envolvem a automação de processos como transcrições (57,1%) e traduções (57,6%).



É particularmente interessante, também, que 28,8% dos inquiridos refira que a IA irá criar na totalidade conteúdo noticioso, embora sejam menos os que lhes atribuem competências de análise crítica da informação (14,7%) ou mesmo de funções de edição e controlo da qualidade editorial (13,6%) – antevendo que **a maioria considera que a substituição, a ocorrer, terá lugar mais a um nível técnico, e não tanto interpretativo ou crítico**. O segundo plano é o de inquiridos que apostam na complementaridade por parte da tecnologia, existindo supervisão humana (41,8%). Ou seja, não é percecionada aqui uma substituição integral, mas antes **uma relação de apoio em que o humano é aquele que possui o domínio da gestão** em todas as tarefas.

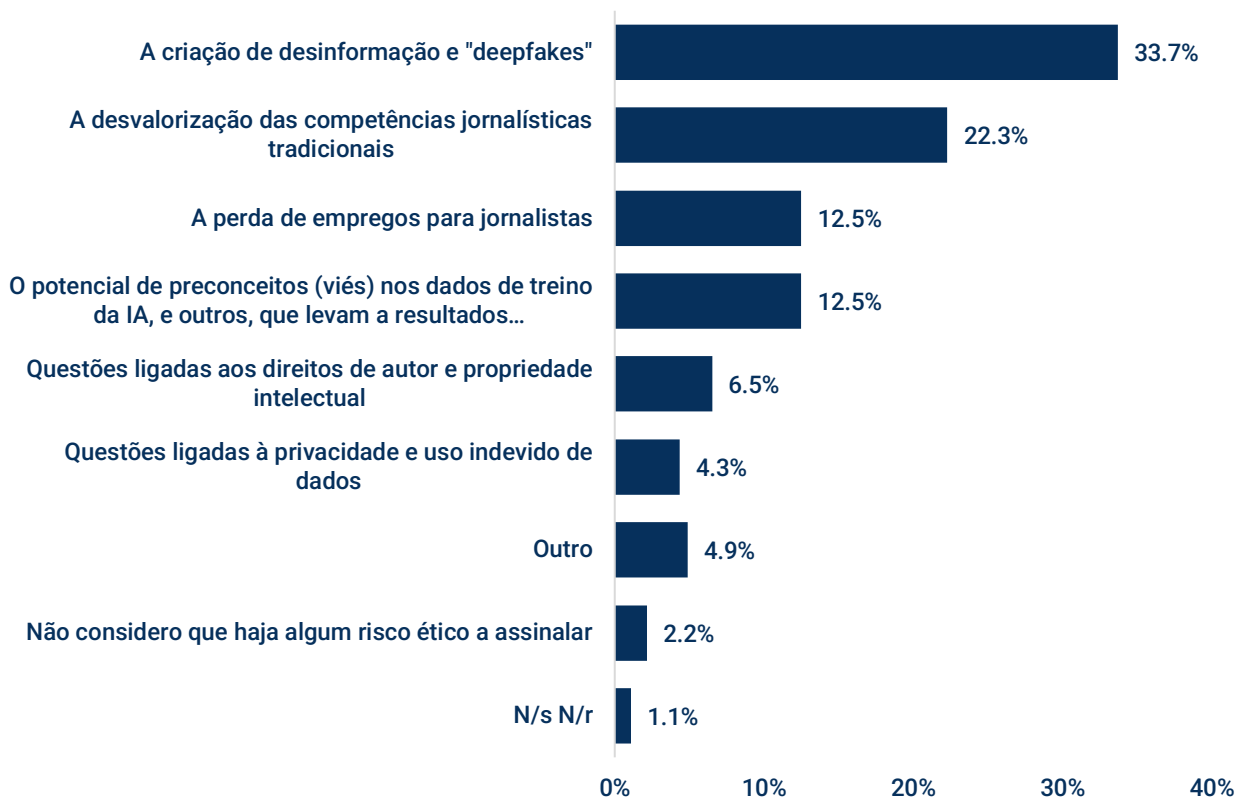


Figura 37. Qual o principal risco ético relacionado com a utilização da IA no jornalismo?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal.

n= 184



Quando questionados sobre qual o maior risco ético relacionado com a utilização de IA no jornalismo — e que poderá também ajudar a perceber melhor a percepção de desconfiança do público perante o jornalismo, exposto na figura 35 —, cerca de um terço refere ser **a criação de desinformação e, em particular, dos denominados deepfakes**, que são falsificações digitais realistas que conseguem imitar de forma convincente a voz ou a aparência de uma pessoa.

Tal categoria pode assim ser relacionada com a mencionada percepção dos jornalistas perante o seu público, já que a possibilidade de uma informação falsa passar por autêntica com certa facilidade pode tornar a fronteira entre informação falsa e verdadeira menos nítida, impactando assim (pela negativa) a percepção do público em geral e prejudicando a legitimidade do jornalismo.

Já 22,3% dos inquiridos defende que o maior risco ético é **a desvalorização das competências jornalísticas tradicionais**, o que pode também ser ligado à questão da incerteza (ver figura 34) perante a tecnologia. Neste caso, pode ser percecionado que as mudanças trazidas pela IA — inclusivamente as facilidades e vantagens no trabalho diário — possam, igualmente, promover desafios quanto ao adquirir e desenvolver outro tipo de competências jornalísticas tidas como basilares. Este aspeto releva-se assim interessante — até relacionando-o à percepção dos impactos da IA na profissão —, podendo ser pertinente continuar a explorá-lo em estudos futuros.

Já 12,5% dos inquiridos indicam que o maior perigo é **a perda de emprego para jornalistas**, preocupações mais amplas da sociedade e de outros setores, em que se prevê a substituição pelo menos parcial de mão-de-obra e trabalhadores por este tipo de tecnologia. O mesmo número de inquiridos refere que o maior perigo é o viés dos dados de IA, que pode levar a discriminações — ou seja, refere-se a uma certa falta de controlo na informação que pode acabar por promover preconceitos.



As duas últimas categorias referem-se à questão dos direitos de autor e propriedade intelectual (6,5%) e a outras ligadas à privacidade e uso indevido de dados (4,3%). Como é também possível verificar, **são poucos os inquiridos que referem não existir qualquer risco ético**, apontando assim, pelo menos, para o potencial da IA ter efeitos nocivos em algumas áreas ligadas ao jornalismo.

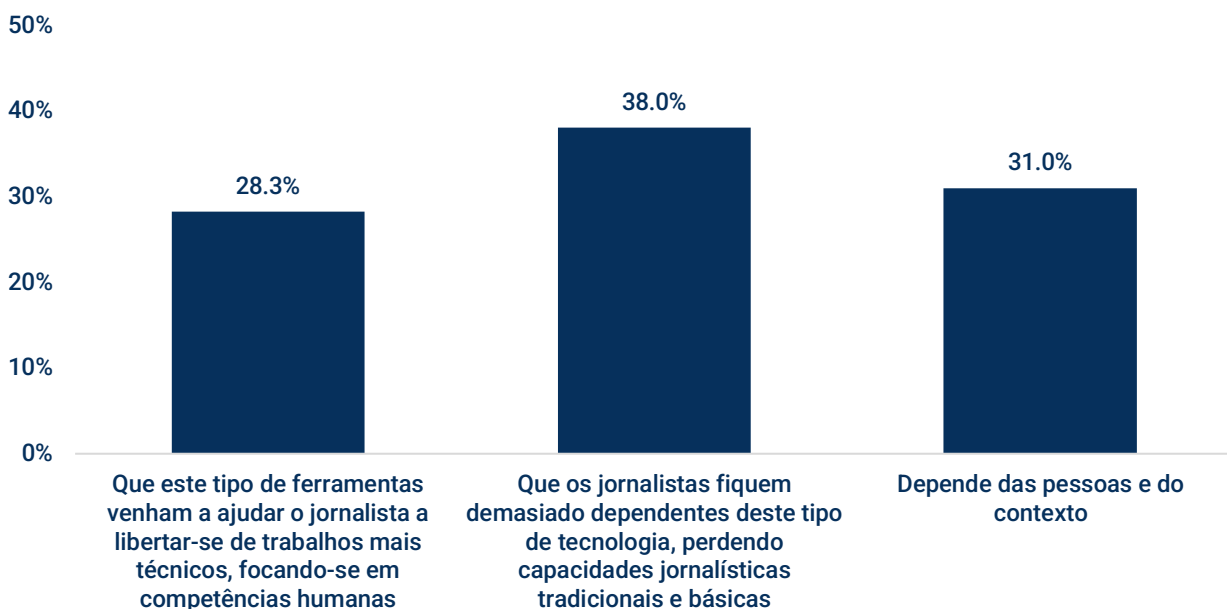


Figura 38. Que hipótese considera mais provável no que respeita à contínua utilização de IA no jornalismo?

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 184

Por último, foram colocadas três hipóteses aos inquiridos sobre qual consideraria mais provável tendo em conta a contínua utilização de IA no jornalismo. Como é possível verificar, 38% dos jornalistas referem acreditar que os jornalistas irão ficar demasiado dependentes da IA, perdendo capacidades tradicionais e básicas — aspeto que se liga à figura anterior e a um receio significativo quanto a este perigo futuro.



Já 28,3% referem que esta tecnologia irá provavelmente ajudar o jornalista a libertar-se de trabalhos mais técnicos, focando-se em competências humanas tais como a construção de relações com as fontes ou a melhoria no contacto pessoal (ambas estas competências foram enumeradas na frase original do questionário).

Por último, 31% referem que tal depende das pessoas e do contexto, preferindo outorgar a cada jornalista a capacidade de equilibrar a relação entre o seu trabalho e a IA; por outras palavras, pode ser entendido como **a responsabilização que cada profissional possui na gestão desse equilíbrio**.

Assim, o que estes dados demonstram é **a tendência para uma certa divisão de opiniões, embora se inclinem mais para um receio de dependência deste tipo de tecnologia** — o que por sua vez se relaciona com o sentimento de incerteza verificado na figura 34.

5. Graus de concordância: afirmações sobre o impacto da IA e o futuro dos jornalistas e do jornalismo em Portugal

Este capítulo apresenta graus de concordância dos jornalistas relativamente a afirmações sobre a IA no jornalismo, tanto no auxílio diário das ferramentas (primeiro subcapítulo) como no seu impacto prático e ético na profissão (segundo subcapítulo). Posteriormente, no terceiro subcapítulo são exploradas questões sobre o futuro do jornalismo e o papel dos seus profissionais, que, pese embora não se relacionem diretamente com a IA, dialogam com perceções de mudanças no trabalho jornalístico e na sua indústria, intimamente ligadas à utilização de nova tecnologia e a potenciais alterações nas empresas de media e do mercado laboral.



É importante notar que no questionário foi apresentado ao jornalista, para cada afirmação, uma escala de concordância de 1 a 7, desde “Discordo totalmente” (1) a “Concordo totalmente” (7)¹. Esta escala mais extensa permite perceber nuances dentro da própria discordância ou concordância de determinada afirmação, o que em alguns casos se revela vantajoso. Assim, apesar de neste capítulo os graus serem geralmente exibidos em apenas três níveis (“Discordo”, “Não concordo nem discordo” e “Concordo”) – opção escolhida por facilitar a apresentação visual e a comparação entre resultados –, são, contudo, sempre que considerado pertinente, mencionadas e exploradas as nuances nos graus de discordância e concordância.

5.1. Afirmações sobre o impacto da IA no trabalho diário dos jornalistas

A próxima tabela procura expor o impacto da IA e das suas ferramentas no trabalho diário dos jornalistas, particularmente no que respeita a aspetos funcionais e práticos, como transcrições ou criação de conteúdo.

A primeira afirmação, contudo, é mais ampla, sendo que **cerca de 8 em cada 10 jornalistas referem concordar com a ideia de que a IA veio, no geral, ajudar o trabalho dos jornalistas**. É de notar que mais de metade dos inquiridos selecionou a opção “concordo”, e menos concordaram bastante ou totalmente –o que vem chamar a atenção para uma concordância que, apesar de tudo, ainda parece deter algumas reticências.

¹ Na íntegra, a escala apresentada para cada afirmação foi a seguinte: 1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo bastante; 3 - Discordo; 4 - Não concordo nem discordo; 5 - Concordo; 6 - Concordo bastante; 7 - Concordo totalmente.



	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
No geral, a IA veio ajudar o trabalho dos jornalistas	9,0%	11,8%	79,2%
A IA veio auxiliar os jornalistas no que respeita à transcrição de entrevistas	2,2%	4,5%	93,3%
A IA veio auxiliar os jornalistas no trabalho de verificação de factos	28,1%	28,7%	43,3%
A IA veio auxiliar os jornalistas quanto a criação de conteúdo (ex, drafts de textos)	29,8%	16,3%	53,9%
A IA veio auxiliar os jornalistas na edição de conteúdo (ex., revisões de texto)	28,1%	18,5%	53,4%
A IA veio auxiliar os jornalistas em traduções	3,4%	7,9%	88,8%
A IA veio auxiliar os jornalistas no que respeita à análise e processamento de dados	11,2%	15,2%	73,6%

Tabela 1. Afirmações sobre o auxílio da IA em tarefas diárias jornalísticas

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 178 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)

As restantes afirmações da Tabela 1 já são mais concretas, sendo que na referente ao auxílio da tecnologia no que respeita a transcrições a larga maioria (93,3%) concorda que esta veio ajudar, o que vai ao encontro de outros dados que apontam para a importância da IA nesta tarefa em específico (ver figuras 23 e 36). A outra tarefa em que a IA mais auxilia os jornalistas é o da tradução (88,8% concordam com a afirmação), seguido do auxílio na análise e processamento de dados (73,6%).



Embora significativo, já são menos os que concordam que veio ajudar no trabalho de verificação de factos (43,3%), com quase 3 em cada 10 jornalistas a discordarem com a afirmação – valor que pode apontar para alguma desconfiança quanto à eficácia da verificabilidade e do tipo de informação que surge deste tipo de ferramentas e plataformas.

Já mais de metade dos jornalistas concorda que a IA os veio auxiliar tanto quanto à criação de conteúdo diz respeito (como o esboço de textos), como quanto à edição de conteúdo, como é o caso de revisões de texto. Por outro lado, o grau de discordância (3 em cada 10 inquiridos) faz também surgir algumas dúvidas relativamente a estas tarefas, que de algum modo se relacionam com aspetos criativos.

Assim, no geral, pode concluir-se que **os jornalistas tendem a concordar mais com frases que afirmam que a IA veio auxiliar tarefas técnicas**, tais como a transcrição, tradução ou análise a dados, sendo **menos significativa a concordância quanto ao auxílio de questões mais criativas ou de interpretação**, como a verificabilidade de factos e a criação e revisão de conteúdo.

5.2. Afirmações sobre a relação dos jornalistas com a IA e perceções sobre o seu impacto prático na profissão

A primeira tabela deste subcapítulo apresenta afirmações que atestam a perceção dos jornalistas relativamente à relação entre jornalista e IA, e ao impacto desta tecnologia no jornalismo e na forma de fazer jornalismo.



	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
No contexto do trabalho jornalístico, considero que a IA deve ser utilizada numa lógica de complementação e com supervisão humana, sem que se sobreponha ao trabalho humano	3,9%	17,4%	78,7%
No geral, sinto que a utilização de ferramentas de IA torna os jornalistas mais «passivos» ou mais dependentes da tecnologia	14,6%	15,7%	69,7%
Outras competências que não envolvem IA são ainda consideravelmente mais importantes do que competências relativas à utilização de ferramentas de IA	5,1%	13,5%	80,9%
É inevitável que, a breve prazo, a IA se torne um elemento fundamental e inevitável no trabalho dos jornalistas e das redacções	9,0%	9,0%	81,5%
Os aspetos negativos que a IA trouxe no que respeita à desinformação são maiores do que os benefícios que também trouxe no combate às 'fake news'	20,2%	28,7%	50,6%

Tabela 2. Percepções sobre o impacto da IA na profissão do jornalismo e nos jornalistas

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 178 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)

A primeira afirmação vem no sentido de perceber se os jornalistas consideram que a IA deve, mais do que subsistir numa lógica de substituição, ser utilizada numa lógica de complementaridade e com forte supervisão humana, com a maioria (78,7%) a concordar – sendo que, no total, 61,2% concordam bastante, apontando para um grau de concordância consistente.



Já cerca de 7 em cada 10 jornalistas concordam de algum modo que **a utilização de ferramentas de IA os torna mais «passivos» e dependentes da tecnologia**, aspeto que novamente pode realçar alguma da incerteza verificada em dados anteriores. De seguida, os inquiridos **concordaram consistentemente que outras competências que não envolvem IA são consideravelmente mais importantes** (com quase 5 em cada 10 a concordarem bastante e totalmente), chamando a atenção para competências que antecedem esta tecnologia e que se poderão cingir a aspetos mais interpretativos e críticos do trabalho.

Por outro lado, a elevada concordância com a afirmação de que a breve prazo a IA se irá tornar um elemento fundamental e inevitável no trabalho dos jornalistas e das redações aponta, uma vez mais, para **a forte apropriação desta tecnologia neste âmbito** — isto é, apesar das dúvidas quando ao seu verdadeiro impacto, particularmente a longo prazo, revela-se inevitável a sua integração profunda no jornalismo. Tal vem colocar em consideração a ideia de que, mais do que ver a IA como inimiga do jornalismo, convém — inclusivamente para aqueles que possuem mais incertezas — **ser encontrada a melhor forma de relação com a tecnologia, em especial mantendo uma contínua e relevante supervisão humana** que não torne o jornalista demasiado dependente.

Já a última afirmação - que, no contexto do combate à desinformação, os aspetos negativos da IA são superiores aos positivos -, leva cerca de metade dos jornalistas a concordar de alguma forma, o que vem fazer **ressurgir sentimentos de algum modo negativos na perceção dos jornalistas** (como visível também na figura 34). Vem igualmente chamar a atenção para a questão da informação enganosa que a IA pode ajudar a criar e disseminar (e.g., *deepfakes*), a qual, como foi observável pela figura 37, é vista pelos jornalistas como um dos maiores riscos éticos para a profissão, podendo influenciar o nível de confiança do público no jornalismo.



	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
Considero que, no geral, os jornalistas parecem ter pouco conhecimento sobre os problemas éticos que podem advir da IA no que ao jornalismo diz respeito	14,0%	12,9%	72,5%
Os leitores devem ser sempre informados quando uma ferramenta de IA é de algum modo utilizada na produção de uma notícia	9,6%	14,0%	75,8%

Tabela 3. Afirmções sobre dimensões éticas no jornalismo e IA

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 178 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)

Estas duas afirmações presentes na tabela 3 vêm tocar na questão da ética: a primeira do ponto de vista dos jornalistas, a segunda da perspetiva do público/leitor. A grande maioria (72,5%) concorda de algum modo com a afirmação que, no geral, os jornalistas parecem ter pouco conhecimento sobre problemas éticos que poderão advir da IA no contexto do jornalismo, apontando para a importância de serem tidos em conta os impactos éticos e deontológicos, em particular, e possivelmente através de formação nesse âmbito.

Já da perspetiva dos públicos, a maioria dos inquiridos concorda também de alguma forma que estes devem ser sempre informados quando uma ferramenta de IA é utilizada na produção de uma peça jornalística – com mais de 4 em cada 10 jornalistas a concordarem totalmente com esta afirmação, tornando o nível de concordância mais consistente.



De referir que tal desejo de aumentar o nível de transparência com o leitor poderá ir ao encontro do conceito de «*slow journalism*», prática que tem em conta o jornalismo no contexto e por consequência do digital (Le Masurier, 2015², Greenberg, 2013³).

Tal conceito procura contrabalançar o frenesim informativo do online não apenas na sua dimensão temporal (referente à produção de reportagens mais profundas ou longas), mas com a criação de uma ligação mais transparente com o leitor, incidindo alguma luz sobre a forma como a informação é obtida e, por exemplo, outorgando-lhe documentação digital de origem, elementos de pesquisa de fundo, bem como outras notícias relevantes para o tema noticioso em questão (Le Masurier, 2015).

É também possível que, no caso desta afirmação, o aumento da transparência sobre como a IA é usada — seja em aspetos mais técnicos, como transcrições, até possivelmente dimensões de teor interpretativo e ético — possa tornar mais positiva a perceção do público relativamente ao jornalismo — perceção que, como vimos na figura 35, se revela atualmente como uma forte preocupação da parte dos jornalistas tendo em conta as consequências trazidas pela IA.

² Le Masurier, M. (2015). What is Slow Journalism? *Journalism Practice*, 9(2), 138–152.

<https://doi.org/10.1080/17512786.2014.916471>

³ Greenberg, S. (2013). Slow Journalism in the Digital Fast Lane. Em R. L. Keeble & J. Tulloch (Eds.), In *Global Literary Journalism: Exploring the Journalistic Imagination* (pp. 381–393). Peter Lang.



5.3. Afirmações sobre os profissionais do jornalismo e o seu futuro na relação com o trabalho e o mercado

Este subcapítulo não se centra na questão da IA em si, antes se focando em perceções dos jornalistas mais amplas e variadas, sobre aspetos referentes à sua relação prática com o trabalho, à precariedade ou àquilo que legitima a atividade de fazer jornalismo.

	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
A pressão para produzir mais peças jornalísticas vai aumentar no futuro.	6,2%	13,0%	80,8%
No futuro, os jornalistas nunca estarão completamente desligados do trabalho, mas sempre a trabalhar em histórias, em tarefas promocionais ou nas redes sociais.	14,1%	21,5%	64,4%
No futuro, o jornalismo será uma atividade mais stressante do que qualquer outra profissão liberal.	11,9%	35,0%	53,1%
No futuro, o jornalismo será uma atividade mais satisfatória e compensadora em termos pessoais.	51,4%	33,9%	14,7%

Tabela 4. A relação futura dos jornalistas com o trabalho

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 177 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)

A primeira tabela deste subcapítulo apresenta afirmações sobre a possível relação dos jornalistas com o trabalho no futuro. A grande maioria (80,8%) concorda de alguma forma que existirá mais pressão para produzir mais peças jornalísticas, com 64,4% a concordarem que, no futuro, estes profissionais nunca estarão completamente desligados do trabalho, mas sempre a trabalhar em histórias, em tarefas promocionais ou nas redes sociais.



Ainda mais de metade concorda que o jornalismo será uma atividade mais stressante do que qualquer outra profissão liberal, o que se alia à discordância em geral da afirmação de que será uma atividade mais satisfatória e compensatória em termos pessoais.

Nestas afirmações, **a percepção dos inquiridos sobre a sua relação com o trabalho não se revela assim a mais positiva**, parecendo existir preocupações quanto à pressão e ao stress da profissão — e, por conseguinte, a uma menor compensação em termos pessoais —, bem como no que respeita a uma ubiquidade do trabalho na vida do jornalista, em que se incluem dimensões como as redes sociais e trabalho promocional da sua atividade.

A próxima tabela apresenta afirmações que vêm complementar tais perceções, focando-se na questão da independência financeira e da precariedade no jornalismo.

	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
No futuro, o trabalho como jornalista será cada vez mais precário e incerto.	11,3%	15,3%	73,4%
A remuneração e as regalias irão diminuir para a maioria dos jornalistas.	11,9%	17,5%	70,6%
Os jornalistas terão, no futuro, menor independência e autonomia do que tiveram no passado.	19,2%	25,4%	55,4%
No futuro, o jornalismo será exercido por pessoas em part-time que se sustentam com rendimentos de outro tipo de trabalhos.	26,0%	29,4%	44,6%

Tabela 5. Independência financeira e precariedade no jornalismo

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 177 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)



Como é possível verificar, a maioria dos inquiridos (73,4%) concorda com a afirmação de que o trabalho do jornalista será no futuro cada vez mais precário e incerto, com uma percentagem similar a concordar com a hipótese de que a remuneração e as regalias irão diminuir para a maioria dos jornalistas. Assim, aliado a uma relação com o trabalho que, como vimos na tabela anterior, não se prevê como a mais saudável, **subsistem receios do aumento da precariedade na profissão e diminuição da remuneração.**

Tais incertezas poderão, em parte, relacionar-se com a própria questão da IA e nos impactos que tem e terá no mercado laboral jornalístico e não só; por outro lado, já no inquérito de 2019 verificava-se o aumento da precariedade no jornalismo como um dos grandes riscos, a curto prazo – apontando assim para uma questão contínua na indústria e dos profissionais.

Quanto às duas afirmações seguintes, mais de metade concorda de algum modo que os jornalistas irão ter menor independência financeira e autonomia do que tiveram no passado, sendo que 44,6% concordam de alguma forma que no futuro o jornalismo será exercido por pessoas em part-time que se sustentam com rendimento de outro tipo de trabalhos.

Particularmente esta última pode antever **uma preocupação relevante por parte dos inquiridos de que jornalistas terão de recorrer a outro tipo de trabalhos fora do jornalismo**, o que se liga à questão da precariedade; ainda assim, o maior equilíbrio de concordância parece, dentro da perceção negativa geral, promover alguma esperança de que os jornalistas continuarão a viver apenas do jornalismo.



	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
Os jornalistas vão tornar-se cada vez mais empreendedores no futuro, criando as suas próprias empresas.	26,0%	41,2%	32,8%
Haverá cada vez mais jornalistas a trabalhar para organizações de media com fins não-lucrativos.	15,3%	49,7%	35,0%
No futuro, os jornalistas não irão poder trabalhar para uma única organização de media ao longo de toda a sua vida profissional.	13,6%	33,9%	52,0%

Tabela 6. A futura relação dos jornalistas com o mercado e as empresas

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 177 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)

Na sequência das últimas tabelas, a primeira afirmação é a de que os jornalistas se irão tornar cada vez mais empreendedores no futuro e criar as suas próprias empresas, revelando bastante equilíbrio (41,2%, inclusivamente, respondem não concordar nem discordar). Por outro lado, a concordância de cerca de um terço dos inquiridos poderá revelar uma tendência para um maior movimento empreendedor dentro do jornalismo.

De igual modo, sensivelmente um terço concorda de alguma forma que existirão cada vez mais jornalistas a trabalhar para organizações de media sem fins lucrativos, com cerca de metade a não concordar nem discordar. Já mais de metade concorda que no futuro os jornalistas não irão poder trabalhar para uma única organização de media ao longo de toda a sua vida profissional, apontando novamente para a perceção de uma certa instabilidade no mercado e na profissão.



	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
O jornalista deve estar ligado a uma associação profissional que represente os interesses do jornalismo e dos jornalistas.	12,4%	13,6%	74,0%
O jornalista precisa de trabalhar em equipa com outros jornalistas para desenvolver e manter a qualidade do seu trabalho.	11,3%	15,8%	72,9%

Tabela 7. A relação com outros jornalistas e associações que os representam

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 177 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)

Como é possível observar, os inquiridos (cerca de três quartos) tendem a concordar que devem estar ligados a uma associação profissional que represente os seus interesses, coletivismo que se enquadra no contexto de uma perceção de precariedade e instabilidade da profissão e do mercado.

Já a larga maioria concorda, também, com a afirmação de que o jornalista precisa de trabalhar em equipa para desenvolver e manter a qualidade do seu trabalho, o que vem valorizar a colaboração entre profissionais.



	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
Pessoas que fotografam, filmam ou escrevem sobre acontecimentos, nas redes sociais ou blogues, agem como jornalistas.	59,3%	8,5%	32,2%
Qualquer pessoa que aplique as práticas, técnicas e saberes do jornalismo deve ser considerada jornalista.	62,7%	14,7%	22,6%
O jornalismo é a aplicação de um conjunto de práticas e técnicas fundamentais, que não dependem do meio de publicação.	28,8%	19,2%	52,0%
Apenas as pessoas que trabalham para empresas de media reconhecidas são realmente jornalistas.	36,2%	15,8%	48,0%

Tabela 8. A legitimidade da atividade jornalística

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 177 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)

Foram ainda colocadas algumas afirmações sobre o que é fazer jornalismo e ser jornalista. As duas primeiras afirmações apresentam um elevado grau de discordância: a primeira de que pessoas que usam redes sociais para reagir a acontecimentos agem como jornalistas, e a segunda que afirma que qualquer pessoa que aplique as práticas e saberes do jornalismo deve ser considerada jornalista. Com o surgimento das redes sociais e a maior facilidade com que informações são relatadas – ou mesmo fabricadas, não profissionalmente – vem potencialmente tornar menos nítida a fronteira entre o que é ser ou não um jornalista; contudo, a perceção geral é a de que um jornalista, para o ser verdadeiramente, requer uma maior legitimidade.

Ainda assim, cerca de metade considera que o jornalismo é a aplicação de um conjunto de práticas e técnicas fundamentais, que não dependem do meio de publicação; e sensivelmente o mesmo número de inquiridos concorda de alguma forma que apenas as pessoas que trabalham para empresas de media reconhecidas são realmente jornalistas.



	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo
O jornalismo é uma profissão que deve exigir formação e experiência, mas não educação superior específica em jornalismo.	35,6%	14,7%	49,7%
O jornalismo é uma atividade baseada num corpo teórico e comportamento profissional que exige formação universitária específica.	35,0%	16,4%	48,0%

Tabela 9. A educação universitária para a prática do jornalismo

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 177 (Nota: Discordo = Discordo totalmente / Discordo bastante / Discordo; Concordo = Concordo totalmente / Concordo bastante / Concordo)

Por último, têm-se afirmações sobre o jornalismo e educação universitária, que no geral revela algum equilíbrio sobre a perceção daquele que deve ser o peso deste tipo de educação para o jornalismo: se quase metade (48%) considera essencial uma formação universitária específica, um número similar de inquiridos salienta que a profissão exige formação e experiência, mas não necessariamente uma educação superior em jornalismo.

Assim, estes dados apontam para a perceção de uma importância relativa da formação na universidade, **parecendo ser também muito valorizada formação extra, potencialmente contínua ou complementar**, bem como a experiência que o profissional vai adquirindo.

6. Pergunta aberta: Formação em Portugal adequada aos desafios da IA?

No final do questionário, foi apresentada aos inquiridos uma pergunta aberta (sem limites de espaço e caracteres) sobre a adequação ou não adequação do ensino e formação em Portugal relativa a IA.



É desde logo importante mencionar que as perguntas abertas, ao contrário das perguntas fechadas típicas dos questionários, permitem aos inquiridos expor com mais profundidade e diversidade determinados aspetos que considerem importantes referir, sem constrangimentos ou categorizações prévias, e que contribuem para a análise e discussão dos temas abordados. De referir assim que todas as categorias doravante mencionadas — agrupadas pelos investigadores deste relatório — foram escritas pelos inquiridos por sua livre iniciativa. Deste modo, são também valorizadas na análise categorias menos reiteradas, sendo que as percentagens apresentadas nas figuras servem essencialmente de referência analítica e de veículo para uma discussão mais aprofundada.

A pergunta colocada aos inquiridos foi, na íntegra, a seguinte:

- *Considera que, em Portugal, existe formação adequada à realidade destes novos desafios trazidos pela Inteligência Artificial? Se sim, em que poderia melhorar a oferta; se não, quais as formações que faltam?*

Esta questão permite dividir a análise em várias dimensões: primeiro, uma mais direta em que se apreende se os jornalistas consideram existir ou não formação adequada neste âmbito; segundo, as razões para tal formação inadequada (e.g., poucos cursos, cursos longos), bem como a compreensão acerca daquilo que os jornalistas consideram que falta — seja na formação em si, seja de um modo mais geral na indústria — naquilo que se relaciona com IA, como é exemplo uma falta de literacia geral sobre o que é esta tecnologia e os seus impactos; por último, uma terceira dimensão na qual, mais especificamente, são expostas sugestões dos inquiridos sobre o que poderia melhorar nos cursos em si sobre aquilo que é ensinado (e.g., mais trabalho de ferramentas, discussão sobre questão éticas e deontológicas).



6.1. Adequação da formação e opiniões dos jornalistas sobre a relação entre jornalismo e IA

A primeira figura apresenta os resultados mais diretos sobre se os jornalistas consideram a formação e ensino sobre IA, em Portugal, adequada.

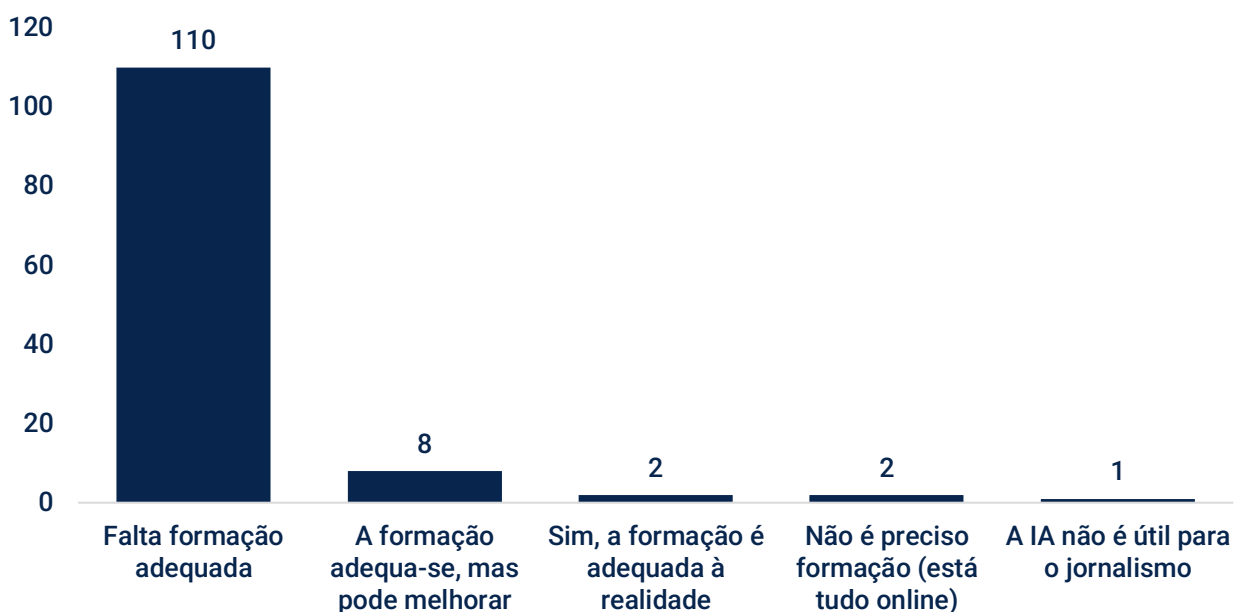


Figura 39. Adequação da formação de IA no jornalismo em Portugal na percepção dos jornalistas

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 133

Como se pode verificar, **a categoria mais expressiva foi a de que a formação é, no geral, de algum modo inadequada**, sendo bastante menos expressiva a categoria de inquiridos que referem que se adequa, embora insistam que pode vir a melhorar se existir mais atenção no ensino de alguns aspetos – o que será discutido nas figuras seguintes. Estes dados apontam assim para uma **vasta percepção de que, de alguma forma, o ensino em Portugal relativo a IA, no contexto do jornalismo, é claramente insuficiente.**



São poucos os que se consideram que se adequa assim como está, bem como aqueles que defendem que a formação não é necessária, dado que tudo se encontra online, ou seja, que basta a autoaprendizagem sem a intervenção de qualquer instituição de ensino.

A próxima figura já procura enquadrar vários aspetos diferentes, desde logo — e na sequência da última figura — o porquê de os jornalistas considerarem a formação inadequada, seja por questões práticas (e.g., poucas iniciativas, cursos inacessíveis), seja por uma suposta falta de qualidade da mesma, como é o caso de poderem considerar que as temáticas de IA ensinadas não são as mais apropriadas ou pertinentes.

É importante assinalar, contudo, que estes próximos dados foram organizados em quatro partes (a cores distintas e com espaço entre elas), já que os textos dos jornalistas tocaram em vários pontos. Assim, em cima na figura, a azul-escuro, têm-se as razões categorizadas que apontam para aspetos tidos como deficitários por parte dos inquiridos nos cursos em si e no seu conteúdo (e.g., demasiado teóricos).

De seguida, a azul mais claro, tem-se um grupo de categorias onde são expostas críticas não sobre o conteúdo dos cursos, mas antes sobre questões mais estruturais deste tipo de ensino, como a perceção de uma formação obsoleta nas temáticas, a pouca acessibilidade da mesma, ou a crítica de que este tipo de cursos ou *workshops* são demasiado esporádicos. Este grupo, portanto, revela-se particularmente interessante no que respeita a compreender a aparente falta de estruturação na formação de IA em Portugal no jornalismo, incidindo alguma luz sobre a perceção dos jornalistas quanto a esta debilidade.

Na sequência disto, o grupo seguinte aponta críticas de jornalistas sobre a falta de oferta de cursos nas empresas e nas universidades, e o último grupo (a cinzento) expõe aspetos mais amplos descritos pelos inquiridos (e.g., falta de recursos, legislação de IA insuficiente) que, pese embora não tenham uma ligação direta com formação e o ensino, consideraram importante assinalar por dialogarem com a questão da IA no jornalismo.

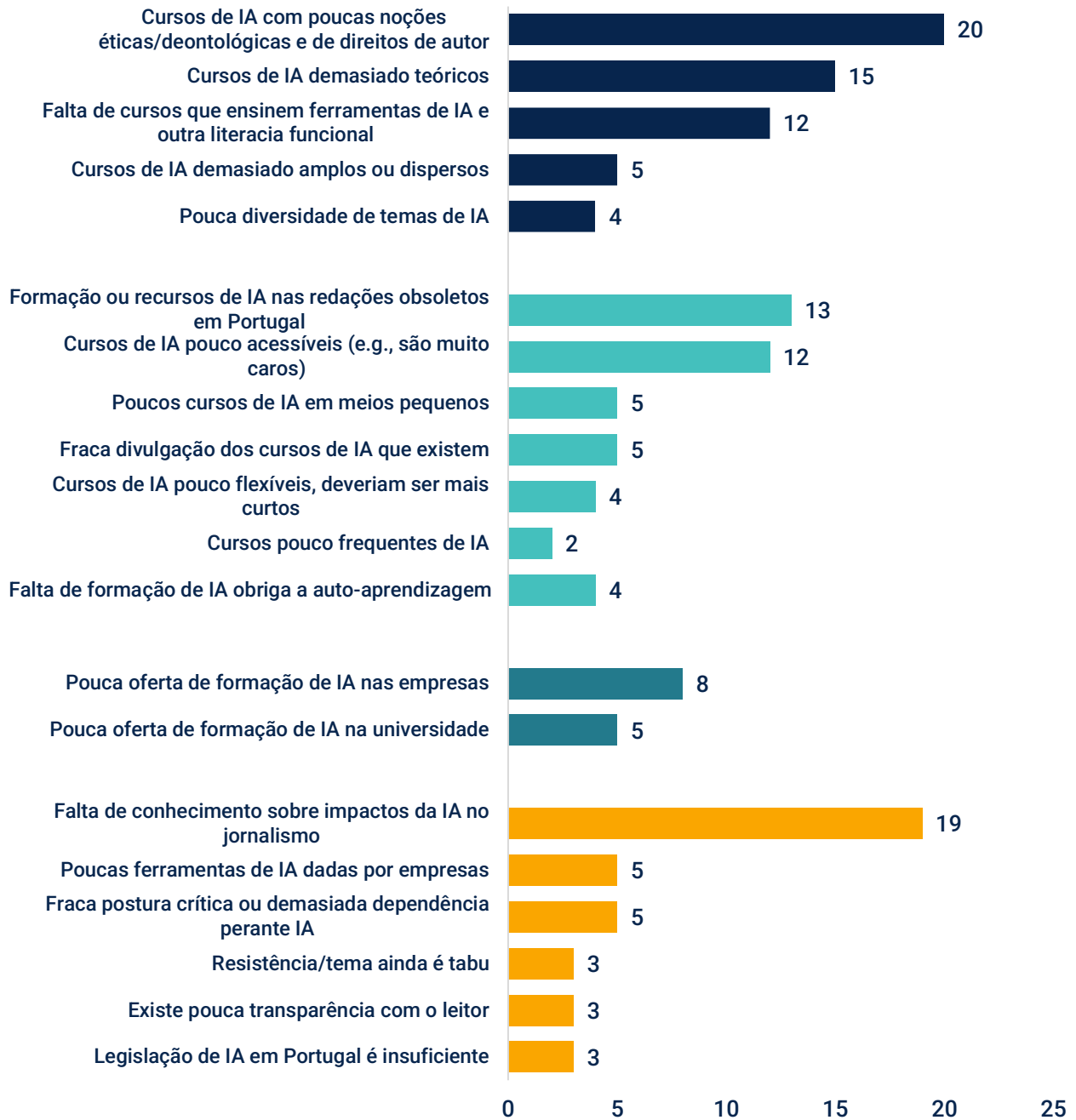


Figura 40. Críticas ao tipo de cursos que envolvem IA e outras considerações dos jornalistas sobre a questão

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 133 (resposta múltipla)



Iniciando a análise do primeiro grupo de categorias (a azul-escuro), tem-se que a categoria mais expressiva aponta para a percepção de que a formação atual no âmbito da IA no jornalismo transmite poucas noções éticas e deontológicas, bem como de direitos de autor ou mesmo de privacidade. Por outras palavras, são percecionadas debilidades principalmente num certo reenquadramento da profissão tendo em conta os avanços e desenvolvimento da IA no jornalismo, em que é denotada **alguma incapacidade por parte dos profissionais em integrar esta tecnologia sem descurar outros aspetos tidos básicos** e que concernem a princípios exigidos pela profissão. Para exemplificar esta posição, um dos inquiridos refere que atualmente “existem várias formações a ensinar como usar as ferramentas de IA mas não existem formações que ensinem os riscos do seu uso, nem como usá-las de forma ética”, aspeto que, segundo o mesmo jornalista, tem consequências na “autenticidade da produção jornalística”, ou seja, na qualidade do jornalismo que é produzido. Outro dos inquiridos chama a atenção para a necessidade de um maior entendimento sobre aquilo que “é lícito fazer e o que não é” tendo em conta o uso de IA, e outro jornalista é mais detalhado sobre as dimensões éticas, escrevendo:

“A formação atual aborda a ética de forma genérica, mas raramente entra em temas críticos como viés algorítmico, opacidade dos modelos, responsabilidade sobre conteúdos gerados por IA, direitos de autor, proteção de fontes e conformidade com o RGPD e o futuro AI Act europeu. Esta dimensão deveria ser central, não acessória.”

Assim, pode considerar-se que a percepção de poucas noções éticas e deontológicas está relacionada, primeiro, com a complexidade trazida pela IA – com consequências que vão desde o auxílio no trabalho diário até desafios sobre a dimensão autoral do conteúdo produzido – e, segundo, por um ainda desconhecimento de uma parte significativa dos jornalistas sobre estas mesmas questões e, por conseguinte, riscos deontológicos que advêm de uma integração indevida desta tecnologia na produção jornalística.



Outra categoria expressiva é a da consideração de que os cursos de IA, quando existentes, se revelam demasiado teóricos ou pouco práticos, o que, mais do que contradizer a categoria anterior — que é essencialmente «teórica», ligada a dimensões éticas —, a vem complementar e, desde logo, **tornar premente uma maior completude temática (prática, teórica) dos cursos e workshops de IA em Portugal.**

Esta categoria surge com a ideia de que a formação é atualmente pouco ligada à realidade do dia-a-dia, sendo que um dos inquiridos, referindo-se à integração da IA nos fluxos de trabalho das redações, diz o seguinte:

“Falta formação orientada para casos reais: apoio à investigação jornalística, análise documental massiva, fact-checking assistido, transcrição e resumo de entrevistas, produção multimédia e otimização editorial. Muitos profissionais aprendem por tentativa e erro, sem critérios editoriais claros.”

Já outro inquirido refere que “o principal problema não é a ausência total de formação, mas sim o seu desfasamento prático”, existindo assim uma perceção relevante da falta de aplicabilidade daquilo que é ensinado (ou não ensinado) nas formações. Neste sentido, e de forma a combater tal debilidade, é sugerido por um dos jornalistas que “quer no campo da formação [complementar] como da academia sejam integrados jornalistas no ativo, que atuem no terreno, pois são eles quem conhecem melhor as necessidades dos profissionais de jornalismo em termos de IA.” Ou seja, **a integração de jornalistas no ativo no âmbito da formação** — em particular de formação complementar e até menos institucionalizada, como podem ser *workshops* ou *webinars* — **pode diminuir um ensino tendencialmente teórico ou com pouca aplicabilidade concreta no dia-a-dia.**



Esta categoria encontra-se também próxima da que agrupa críticas dos inquiridos sobre **a demasiada amplitude ou dispersão dos cursos**, particularmente tendo em conta, por um lado, que uma parte significativa da formação em IA que os jornalistas frequentam não parece ser ligada propriamente ao jornalismo, e sim à utilização ou impactos de IA mais vastos na sociedade; por outro lado, que a formação de IA dentro do jornalismo parece ser percecionada como pouco específica a cada área: como refere um dos inquiridos, parece faltar “formação concreta e adaptada a cada setor”, sendo que outro jornalista defende que, devido à exigência da profissão, são muito poucos aqueles que “conseguem fazer uma formação longa com um alcance mais adequado às suas tarefas nos órgãos de comunicação.”

Por outro lado, a categoria menos significativa deste primeiro agrupamento espelha a perceção de alguns inquiridos de que os temas presentes nas formações que conhecem nem sempre se revelam diversos, o que aponta para **a necessidade de diversificar as temáticas**, permitindo uma maior abrangência sobre um tema que, como vemos, detém implicações tanto práticas como teóricas.

Ainda como uma das categorias mais expressivas surge **a falta de trabalho de ferramentas de IA e de outro tipo de literacia funcional**. Aqui, refere-se à perceção, desde logo, de poucos cursos especializados em ferramentas de IA aplicadas em tarefas jornalísticas específicas, como podem ser ferramentas de transcrição ou mesmo, como referem alguns inquiridos, a melhoria de *prompts* em IA generativa; e também a outro tipo de conhecimento e de literacia funcional, que permita compreender e dominar várias dimensões da tecnologia, de modo a poder aplicá-la. Sobre isto, um dos inquiridos escreve:

“Os jornalistas precisam de compreender como funcionam modelos de linguagem, sistemas de recomendação, automação de conteúdos, verificação assistida por IA e análise de dados em larga escala. Não para programar, mas para saber usar, questionar, validar e limitar estas ferramentas de forma informada.”



Ou seja, em última análise pode considerar-se que a literacia funcional dentro da IA deve ser tida em conta aquando da constituição de formações, já que **o conhecimento mais aprofundado sobre ferramentas e outro tipo de domínios** pode permitir ao jornalista gerir da melhor forma o uso de IA – seja **no uso mais alargado em determinadas tarefas, seja no uso mais limitado noutras.**

Referindo-nos agora ao segundo agrupamento de categorias (a azul claro), uma das mais expressivas refere-se à consideração de que, de algum modo, tanto as formações em Portugal (particularmente de IA) como os recursos tecnológicos disponibilizados por empresas são obsoletos, com vários inquiridos indicando mesmo o que consideram ser um “atraso de Portugal”, que de algum modo “perdeu o barco” e que, portanto, **tem ainda muito trabalho a fazer no que respeita à constituição de formação em IA eficaz e estruturada.**

Já outra categoria chama a atenção para **a pouca acessibilidade dos cursos, em particular por os considerarem muito caros**, referindo um dos inquiridos que o “seu preço [de formações complementares] ser acessível ou até gratuito era importante.” Naturalmente, esta crítica apela a que possam ser revistos os preços deste tipo de formação complementar, ou mesmo que as empresas, em particular, possam de modo mais frequente disponibilizar formações de IA gratuitas aos seus profissionais.

Dentro desta categoria de pouca acessibilidade, são também mencionadas dificuldades sobre o facto de alguns cursos serem demasiado longos – tornando difícil que o jornalista, com a falta de tempo característica da profissão, participe; de igual modo, existe **a sugestão de que os cursos deveriam ser mais flexíveis e curtos ou intensivos**, algo que as instituições de ensino (ou empresas) podem ter em conta, ajudando a aumentar o foco daquilo que é ensinado e permitindo que o jornalista perca pouco tempo com este tipo de ensino.



Ainda na mesma categoria de cursos poucos acessíveis, é igualmente chamada a atenção de que nem sempre alguns inquiridos conseguem assistir a formação presencial, o que em parte se liga a outra categoria, que agrupa críticas de que **existem poucos cursos em meios locais e pequenos**, sendo estes desconsiderados em favor do litoral e dos grandes centros urbanos, nomeadamente Lisboa e Porto. Assim, parece ser pertinente **uma maior atenção a pequenas empresas de media que se localizam no interior do país**, e que poderão beneficiar de um maior conhecimento prático e teórico sobre IA no jornalismo.

Em forma de resumo, um dos inquiridos escreve o seguinte, englobando várias dimensões agora descritas sobre a pouca acessibilidade da formação:

“A maioria dos cursos especializados é paga e pouco acessível fora dos grandes centros urbanos. Falta oferta modular e flexível para trabalhadores que querem atualizar competências sem regressar a formações longas.”

Por último dentro do agrupamento de categorias a azul claro, destacar as críticas à pouca divulgação de cursos (ou seja, alguns inquiridos referem que não sabem que a formação acontece), à pouca frequência dos mesmos, ou ainda à ideia – normalmente, aqui, vista com desconfiança – de que a falta de formação de IA na área promove a auto aprendizagem de técnicas e ferramentas, seja de um ponto de vista de abarcar com custos, com um dos inquiridos a referir que “somos obrigados a aprender por nós próprios e a custear essa aprendizagem”; seja de uma perspetiva de pouca orientação que promove debilidades no uso de ferramentas, sendo que um dos jornalistas refere que a aprendizagem de ferramentas de forma autodidata “pode levar a alguns erros e constrangimentos na sua utilização.”



É assim chamada a atenção para o **benefício de uma certa supervisão, mesmo que através de formação complementar, que permita aos jornalistas obter um conhecimento mais pleno sobre as ferramentas que utiliza**, aumentando o potencial de produtividade; ao mesmo tempo, novamente, a estruturação de mais cursos, inclusivamente com parcerias entre empresas e instituições de ensino, pode permitir que os jornalistas tenham menos custos com este tipo de formação, algo que poderá também aumentar a participação dos mesmos neste tipo de iniciativas.

O agrupamento seguinte (a azul) chama a atenção para **a falta de oferta de formação, percecionada pelos jornalistas, tanto em universidades como em empresas**. Em particular um dos inquiridos sugere a criação de “mais disciplinas nas universidades para complementar os estudos académicos”, e identifica a falta de “cursos extracurriculares que complementem a formação profissional do jornalista.”

Assim, embora o foco se encontre essencialmente em **obter mais e melhor formação complementar**, inclusivamente no âmbito da sua empresa de comunicação social, **também o contexto universitário é visto como um elemento importante** na formação sobre IA no jornalismo.

Já o último agrupamento (a cinzento) enumera algumas categorias que, não estando propriamente ligadas à formação e a críticas nesse âmbito, dão voz a considerações gerais sobre a relação entre IA e jornalismo. A mais expressiva é a que engloba considerações sobre a falta de conhecimento geral de IA (e.g., o que é, o seu funcionamento básico), o que pode ter implicações sobre a falta de noção acerca dos seus impactos na sociedade e no jornalismo.



São ainda significativas as críticas à pouca disponibilização de recursos de IA nas empresas (em particular ferramentas pagas) e à demasiada dependência de alguns jornalistas perante esta tecnologia, bem como a postura pouco crítica – na opinião de alguns dos inquiridos – especialmente visível em jornalistas mais jovens, que entraram recentemente no mercado profissional.

Destas categorias a amarelo, contudo, destaque para **a identificação de falta de transparência para o público sobre a utilização de IA na produção do jornalismo** e da notícia que lê. Sobre isto, um dos inquiridos escreve o seguinte, equiparando sites informativos a entidades de ensino:

“Tal como há entidades de ensino que possuem ferramentas para identificar trabalhos feitos por IA, os sites informativos deviam de ter, obrigatoriamente, uma espécie de plugin que informe o leitor, em cada artigo, de como foi criado o artigo e o que a IA fez na sua execução, bem como as fontes usadas pela IA. Notícias feitas, quase na íntegra, por IA, deviam ter essa indicação visível ao leitor.”

Outro dos jornalistas parece ser ainda mais específico na menção ao público sobre o uso de IA (e.g., em traduções), sendo ainda feita a crítica de que, **pese embora a transparência seja essencial, não parece ainda existir essa abertura por parte das chefias:**

“(...) defendo que devíamos indicar sempre o uso de IA, nem que seja nas transcrições e traduções, explicitando quando tem edição humana e quando não tem – por exemplo em notícias “lidas” por IA devia estar explícito que se trata de IA. Penso que a transparência é essencial, mas infelizmente não vejo esta opinião ser partilhada pelas chefias.”



Por último, referir que tal falta de abertura das empresas pode também relacionar-se com a crítica de alguns inquiridos de que o tema da IA ainda se revela um “tabu”, o que pode em parte ajudar a explicar alguma resistência no que à transparência para com o público diz respeito.

6.2. No que pode a formação de IA no jornalismo melhorar em Portugal: sugestões de conteúdos

A figura presente neste subcapítulo vem, de modo mais direto, expor as sugestões dos jornalistas sobre em que pode melhorar a formação em IA, em particular a formação complementar. Os dados são assim agrupados em dois planos: primeiro, a azul-escuro, questões mais práticas, como o uso de ferramentas; segundo, a azul-claro, aspetos tendencialmente teóricos.

Do primeiro lote de categorias, a azul-escuro, a mais expressiva prende-se com a necessidade percecionada pelos jornalistas de que as formações de IA em Portugal, no âmbito do jornalismo, **devem investir numa maior literacia funcional**, que se prende essencialmente com o uso eficaz de ferramentas específicas (e.g. transcrição, análise documental) e com uma **maior aplicabilidade**, o que vai ao encontro das críticas visíveis na figura anterior sobre um certo desfasamento prático.

Sendo muitas vezes referidas «ferramentas» e a necessidade de uma formação mais especializada nesse âmbito, um dos inquiridos, mais especificamente, escreve que deve “haver formação no uso de IA para transcrição de áudios, verificação de factos, traduções e de correção gramatical”, chamando a atenção para a utilidade, em várias áreas, que determinadas aplicações poderão trazer ao jornalista.

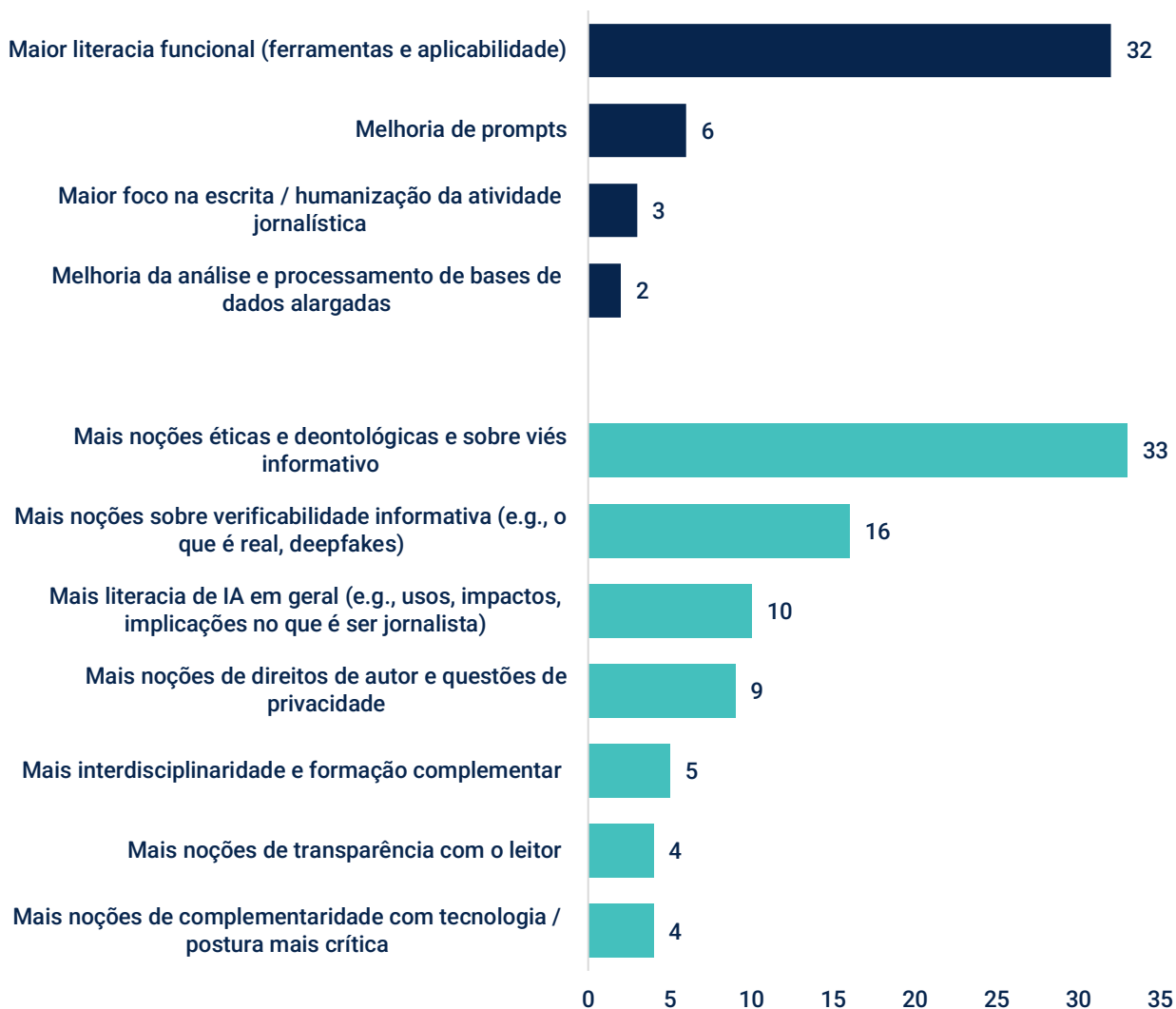


Figura 41. Em que aspetos e áreas pode a formação de IA no jornalismo melhorar em Portugal

Fonte: OberCom e CENJOR. Inquérito Inteligência Artificial e o jornalismo: práticas e formação em Portugal. n= 133 (resposta múltipla)



Em última análise, tal literacia funcional, como visto na figura anterior, engloba aspetos mais variados que não reportam apenas ao uso concreto das ferramentas em si, mas ao conhecimento das potencialidades e riscos. Acerca disto, um dos inquiridos refere o seguinte:

“A formação necessária passa pelo conhecimento do que é a IA, quais os instrumentos que existem, como podemos utilizá-los e quais os perigos que podem trazer - credibilidade da informação recebida e como verificá-la.”

Ou seja, a própria utilização específica de ferramentas deve estar acompanhada por uma literacia geral sobre IA, em particular a IA no jornalismo. Assim, uma categoria como a que agrupa sugestões de maior interdisciplinaridade na formação (a azul-claro) promove a **que os cursos, workshops ou webinars não sejam vistos como apenas práticos ou apenas teóricos**; e que, mesmo que um curso seja essencialmente prático (e.g., uso de uma ferramenta específica), haja outros que possam explorar aspetos teóricos, como noções éticas e deontológicas.

Para tal, convém que **a formação de IA em Portugal, no âmbito do jornalismo, se torne mais estruturada, inclusivamente com a possibilidade de existirem um maior número de parcerias** entre instituições de ensino e formação e empresas de comunicação social.

É ainda mencionada **a questão dos prompts e da necessidade de a formação atual dar mais atenção a essa competência**, o que se liga com os dados da figura 27, em que os jornalistas, na generalidade, admitiram pelo menos alguma imprecisão nas indicações dadas em plataformas de IA generativa, no contexto do seu trabalho jornalístico.

Depois, para além de um maior foco na melhoria de processamento de dados, destaque também para inquiridos que mencionaram **a importância de existir uma maior atenção na formação relativamente à escrita (ou a como escrever uma notícia)** e, como diz um dos jornalistas, “humanizar o texto, utilizar palavras/expressões nossas ou do nosso media”.



Isto é particularmente interessante por dialogar com os dados da figura 38, onde cerca de 4 em cada 10 jornalistas prevê que os jornalistas se tornem demasiado dependentes da tecnologia, perdendo competências básicas e tradicionais – como é o caso da escrita noticiosa.

É ainda interessante ligar estes resultados com o inquérito de 2019, na medida em que nesse (ainda sem a questão da IA e apenas focado no tipo de formação jornalística) fora reiterada, entre outras coisas, a importância do ensino e aprendizagem de domínios basilares da atividade jornalística, desde a escrita até à noção de aspetos éticos e deontológicos da profissão.

O surgimento da IA – uma tecnologia que possibilita, inclusive, uma criação de conteúdo jornalístico de algum modo alheio ao próprio jornalista – não parece assim minimizar a necessidade de se investir neste tipo de domínios tidos como básicos; pelo contrário, o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas e o seu impacto no trabalho diário dos jornalistas pode fazer ressurgir a importância, particularmente, de **rever e reajustar noções éticas e deontológicas, ou mesmo adotar critérios de verificabilidade informativa** tendo em conta os desafios trazidos pela IA.

No agrupamento de categorias a azul-claro, a mais expressiva prende-se – em linha com os dados da figura anterior – com a opinião de que **a formação deve outorgar mais noções éticas e deontológicas, bem como relativo ao viés algorítmico**. Um dos inquiridos refere o seguinte sobre vieses e acerca da formação de IA no jornalismo em geral:



“Em minha opinião não existe formação adequada em AI e muito menos para os jornalistas, que deveriam perceber que os algoritmos, nos quais se baseiam os Large Language Models (LLM) de IA foram criados por pessoas (muitas vezes preconceituosas) e tem de se perceber que devemos usar a IA como uma calculadora, para fazer operações concretas e qualquer tentativa de lhe dar autonomia para interpretar é arriscar plágio, desinformação e a criação de conteúdos subversivos. A formação deve ser baseada em situações concretas e reais...”

Novamente, portanto, tem-se assim a importância das questões teóricas, que ajudam a integrar as ferramentas e a perceber as consequências dos seus usos. Como refere outro dos inquiridos, devem existir mais “formações para utilização de ferramentas IA mas sempre combinado com consciência dos problemas éticos e de viés” – ou seja, **deve existir complementação e interdisciplinaridade, com noções mais teóricas a ajudarem a enquadrar a própria utilização de ferramentas** que, em última análise, dialogam com dimensões como a transparência que se tem ou não se tem com o leitor.

Outra das categorias mais expressivas é referente à **verificabilidade informativa**, que essencialmente se prende com a perceção por parte dos jornalistas que **a formação deve focar-se mais em ensinar ao profissional aquilo que é real ou não é**, sendo os *deepfakes* uma das preocupações mais mencionadas. Os desafios da IA não se limitam apenas, assim, ao público em geral, mas também aos próprios profissionais do jornalismo – que inevitavelmente recebem, atestam e trabalham informação –, sendo particularmente importante que estes, por serem um mediador entre informação crua e leitor, possuam todas as competências – inclusivamente conhecimento sobre plataformas e técnicas de *fact-checking* – para verificar a autenticidade informativa.



Por último, pode ainda destacar-se dentro destas categorias a maior atenção que deve ser dada a direitos de autor e questões de privacidade, que se revelam novamente desafios numa era de digitalização e de IA. Aqui, pode ser destacada a possibilidade de a IA consumir e trabalhar conteúdos protegidos, reproduzindo-os e criando expropriação intelectual. Esta e outras questões revelam-se assim fundamentais num entendimento mais alargado sobre a relação entre IA e jornalismo.

Considerações finais



Considerações finais

Em geral, os dados deste inquérito apontam para a perceção dos jornalistas de que a IA veio ajudar na produtividade das redações, enquanto se verificam incertezas sobre a tecnologia e o seu impacto, preocupações éticas e deontológicas, bem como a falta de ensino formal neste âmbito.

Como foi mencionado ao longo do relatório, denota-se assim uma tensão entre (i) a apropriação da IA e de suas ferramentas nas redações e (ii) incertezas sobre o seu impacto no jornalismo. A insistência dos jornalistas em que haja mais noções éticas e deontológicas outorgadas pela formação (como é visível pelos dados da pergunta aberta, no capítulo 6) pode ajudar a explicar alguma da desconfiança, ligando-se aparentemente a uma idealização do que é fazer jornalismo e ser jornalista.

Deste modo, pode estar a verificar-se, pelo menos em parte, um certo «questionamento existencial» na profissão, essencialmente relacionado com o impacto da IA não apenas no jornalismo, mas em estruturas sociais mais amplas e particularmente tendo em conta mudanças que promove e poderá ainda vir a promover nos mercados de trabalho.

Já no que concerne à formação de IA em si, a perceção geral de inadequação — especialmente observável através da figura 39 — promove o desafio de que seja estabelecida uma formação em Portugal mais estruturada e coesa, com maior visão. Como resume um dos inquiridos, aquando da secção do questionário relativa à pergunta aberta:

“Existem iniciativas pontuais, seminários e módulos introdutórios, mas não se pode afirmar que exista, de forma estruturada e consistente, uma oferta formativa adequada à realidade atual das redações e do ecossistema mediático.”

Tal coesão, ou maior visão, pode referir-se, primeiro, à frequência e consistência com que cursos são disponibilizados e atualizados, tanto no âmbito das empresas e outras instituições como de instituições universitárias, que poderão integrar unidades curriculares que explorem de modo mais eficaz conteúdos relacionados com IA.



Aqui, também, a existência de mais parcerias entre empresas de media e instituições de ensino e formação pode não apenas ajudar a identificar necessidades e um caminho formativo mais nítido e global, como permitir que se disponibilizem cursos mais curtos, intensivos e flexíveis (e.g., online e presencial) que combatam particularmente uma percepção de falta de tempo dos profissionais.

Segundo, essa visão refere-se igualmente ao tipo de conteúdos ensinados, em que, existindo uma ênfase nas ferramentas e na literacia funcional – como atestam os dados da pergunta aberta –, se considera também pertinente, da parte dos jornalistas, existir um maior conhecimento geral sobre IA e, particularmente, sobre questões éticas e deontológicas, que parecem desafiadas por esta tecnologia. Por outras palavras, deve – mesmo tendo em conta a sucessão de cursos curtos e específicos – ser valorizado um diálogo entre aspetos práticos e teóricos, já que as dimensões éticas e deontológicas são, num tema especialmente complexo como é o da IA, a base para o resto da formação, simultaneamente aumentando e limitando as hipóteses daquilo que é e deve ser ensinado, e como.

A subsistência de dúvidas sobre se a IA beneficia ou não beneficia os jornalistas e o jornalismo a longo prazo – como o receio significativo, como vimos, de que competências básicas se considerem cada vez menos valorizadas (ver figura 38) – não descarta a IA no seu todo, mas promove o esforço para uma melhor clarificação sobre no quê ou onde esta pode ser útil no contexto de fazer jornalismo. Por outras palavras, a percepção de incerteza vem permitir que preocupações sobre riscos éticos e deontológicos sejam tidas em consideração e, desta forma, se clarifiquem as suas áreas de complementaridade (e.g., utilização mais técnica da IA e menos interpretativa).



Por último, vale a pena mencionar o inquérito de 2019 e algumas das evoluções visíveis no jornalismo, desde lá, no âmbito das práticas e da formação. Verificam-se algumas similitudes entre os dois inquéritos, em particular a necessidade de os jornalistas em acompanhar a evolução de dimensões técnicas digitais, cada vez mais evidentes no contexto do jornalismo, e o fazerem-no essencialmente através de formação complementar. Como visível pela figura 14, então, o surgimento da IA vem fazer com que muito deste tipo de formação seja atualmente sobre IA ou, pelo menos, em que esta tecnologia se encontre presente, o que atesta uma vez mais a sua importância – e inevitabilidade – no presente e no futuro no jornalismo.




DOI: [10.5281/zenodo.19134656](https://doi.org/10.5281/zenodo.19134656)



CC BY 4.0 Creative Commons Attribution 4.0 International

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

This license requires that reusers give credit to the creator. It allows reusers to distribute, remix, adapt, and build upon the material in any medium or format, even for commercial purposes.

 BY: OberCom / <https://obercom.pt>

Informação editorial: Proprietário: OberCom, Observatório da Comunicação, Palácio Foz, Praça dos Restauradores, 1250-187 Lisboa / Depósito Legal: 196339/03 / ISSN: 2183-3478 / Registo ICS: ERC 123566

Março 2026